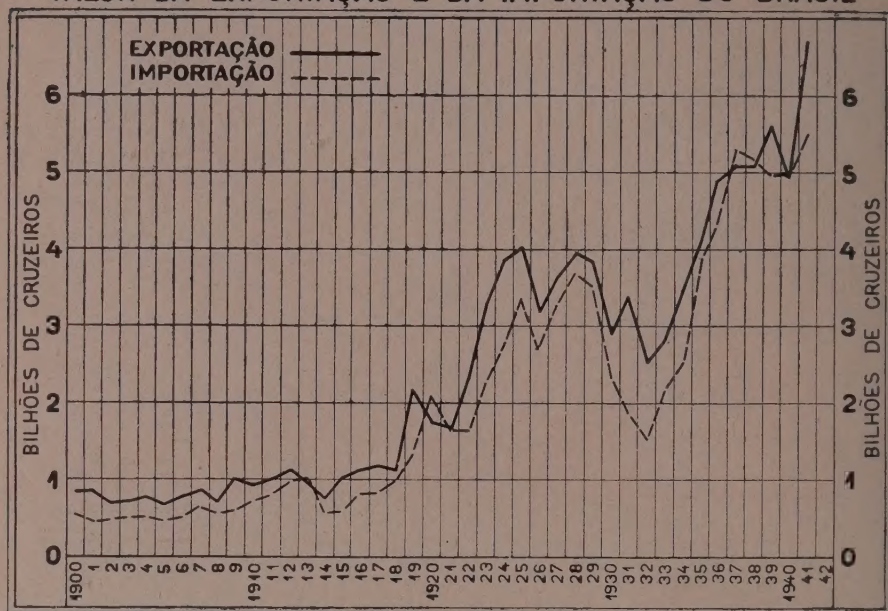
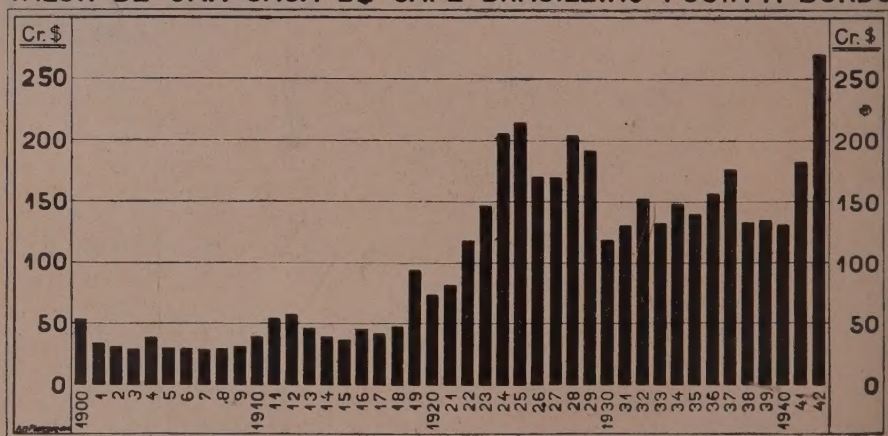
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XX • FEVEREIRO DE 1945 • N.º 216

VALOR DA EXPORTAÇÃO E DA IMPORTAÇÃO DO BRASIL

VALOR DE UMA SACA DE CAFÉ BRASILEIRO POSTA A BORDO

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO – ESTATÍSTICA

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde : Largo da Misericórdia, 24

Ano XX	FEVEREIRO DE 1945	Número 216

Sumário

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS:

A Fabricação de Carvão na Fazenda de Café — (esgotada)
O Contrôle à Erosão nos cafèzais Sulcos e Cordões em Contôrno — Hélio Viégas de Camargo Bittencourt.
Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho.
O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi — Rogério de Camargo.
O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior.
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho.
"Adubação verde para cafèzais" — J. E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo

RELAÇÃO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO:

PRIMEIRO VOLUME — (esgotado)

SEGUNDO VOLUME: Municípios de: Avanhandava, Barretos, Cabreuva, Caçapava, Caconde, Campinas, Cedral, Cravinhos, Franca Guará, Guaratinguetá, Ibitinga, Igarapava, Indaiatuba, Itirapina, Ituverava, Jacarei, Jambeiro, Jardinópolis, Jaú, Limeira, Mocóca, Mogi Mirim, Monte Alto, Pindamonhangaba, Pindorama, Ribeirão Bonito, Rio Claro, Santa Adélia, São José do Rio Pardo, Taquaritinga, Tietê.

TERCEIRO VOLUME: Municípios de: Andradina, Botucatu, Catanduva, Fernando Prestes, Guaira, Guariba, Iacanga, Ibirá, Itápolis, Itu, Jaboticabal, Joanópolis, Jundiai, Leme, Lindóia, Matão, Mineiros, Mogi Guassu, Nuporanga, Olímpia, Orlandia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pereira Barreto, Pinhal, Piracaia, Pirassununga, Porto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Preto, São Carlos, São José dos Campos, Serra Azul, Socorro, Tabapuã, Tabatinga, Taubaté, Torrinha, Tremembé, Vargem Grande, Viradouro.

QUARTO VOLUME: Municípios de: Araçatuba, Bela Vista, Birigui, Candido Mota, Guararapes, Maracai, Novo Horizonte, Palmital, Paraguassu, Penápolis, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Promissão, Quatá, Rancharia, São Pedro do Turvo, Tanabi, Valparaizo.

QUINTO VOLUME: Municípios de: Assis, Avaré, Avaí, Cerqueira Cesar, Coroados, Dois Corregos, Dourado, Fartura, Gália, Garça, Ipaussu, Itajubi, Leme, Marilia, Mirassol, Óleo, Ourinhos, Piraju, Pompéia, Regente Feijó, Salto Grande, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, São Carlos e Torrinha

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA S. S. C. — 1937 - 1938 - 1939 (esgotado)
1940 - 1941 - 1942 - 1943.

Retrospecto mensal do mercado de café em Santos

(Especial para o Boletim da S. S. C.)
— Panameuro —

JANEIRO DE 1945

Iniciando os trabalhos de janeiro, e com êle, o ano de 1945, o mercado de café apresentou-se calmo, tanto nas entregas como no disponível e demais modalidades. Conforme a estatística do mês p. passado, os embarques para o Exterior foram bem elevados, atingindo o total de 1.355.039 sacos, quantidade que bem expressa o movimento de navios verificados durante o mês.

Desse total, foram negociados no disponível, sòmente 155.174 sacos o que vem demonstrar que o D. N. C., contribuiu com bem mais de um milhão de sacos, para os embarques do mês de dezembro.

Ainda nos primeiros dias de janeiro, nada houve que modificasse o aspecto que o mercado vinha mantendo, pois a política referente aos preços continuava inalterada, isto é, baseada ainda na Tabela 50, pela qual o DNC entregou aos exportadores os cafés embarcados até o dia 30 de dezembro p. passado.

Quanto ao mercado de entregas diretas, continuou no mesmo diapasão, com altas e baixas freqüentes, acalmando e se estabilizando conforme as notícias referentes ao café, não só das oriundas daqui como as provindas dos E. Unidos. Quanto aos detentores de lotes, tanto no interior como em Santos, continuavam com a mesma disposição de não vender sua mercadoria a não ser em bases bem melhores que os ceilings atuais, pois os motivos que os fizeram reter o café até esta data, perduravam ainda.

Entretanto, como até o meado do mês nada fosse resolvido, o mercado apresentava-se calmo em tôdas as suas modalidades, inclusive a entrega direta, cujas bases baixaram um pouco e o interesse decresceu também.

No disponível, poucos lotes foram trabalhados e os que estiveram na rua, foram ofertados em bases bem menores, pelos exportadores. Poucos negócios foram entretanto realizados, pois a maioria das ofertas foi recusada pelos vendedores.

Por essa ocasião, a Associação Comercial de Santos, reuniu-se em Assembléia extraordinária, a fim de que fosse discutida a situação atual do Comércio Cafeeiro e mesmo sugerir ao Govêrno medidas que pudessem resolver o impasse que há tempos perdurava na praça de Santos. Deliberaram, os negociantes, trabalhar de comum acôrdo com a lavoura, para maior facilidade no estudo das sugestões que seriam apresentadas ao Govêrno. Depois déssa reunião o mercado começou a apresentar aspecto bem melhor, principalmente nas entregas diretas.

O mercado disponível, começou a movimentar-se, com boa procura para cafés finos, em vista de ordens de compra vindas da Suécia. Muitos negócios foram feitos, em bases compensadoras para os vendedores.

Para os Estados Unidos, a exportação continuava com cafés ainda fornecidos aos exportadores pelo D. N. C., até o complemento de quatro milhões de sacos vendidos. Os embarques, entretanto, eram pequenos, em vista da falta de navios, tudo fazendo prêver que não seria, êste mês, atingida muito mais da metade da exportação de dezembro p. passado.

Nos últimos dias do mês, entretanto, o mercado voltou a se acalmar, conservando o mesmo aspecto que o vinha caracterisando no princípio de janeiro.

O MOVIMENTO ESTATÍSTICO DO MÊS EM CURSO FOI O SEGUINTE:

Entradas durante o mês	123.424	sacos
„ desde 1.º de Julho	2.188.640	„
Embarques durante o mês	897.905	„
„ desde 1.º de Julho	6.519.243	„
Existência em 31-1-1945	3.582.540	„

Segundo o Sindicato dos corretores, foram registrados durante o mês os seguintes negócios:

CAFÉ DISPONÍVEL

Vendas durante o mês	217.888	sacos
„ desde 1.º de Julho	2.970.995	„

CAFÉS EM CONHECIMENTO OU POR EMBARCAR

Vendas durante o mês	18.758	sacos
„ desde 1.º de Julho	544.596	„

CAFÉS A FATURAR NA CHEGADA

Durante o mês	Nihil	
Desde 1.º de Julho	195 898	sacos

ENTREGAS DIRÉTAS

Durante o mês	639.250	sacos
Desde 1.º de Janeiro	639.250	„

DESPOLPAMENTO

III — PEQUENOS PRODUTORES

J. ALOISI SOBRINHO
Engenheiro-Agrônomo do Instituto Agronômico

JÁ HÁ PEQUENOS PRODUTORES DE DESPOLPADOS EM SÃO PAULO — Como vimos, uma organização adequada e modesta para despolpamento nas pequenas lavouras não é possível sòmente no terreno teórico, no papel, conforme poderão julgar e enxergar os céticos do assunto. A sua montagem entre nós, longe de constituir uma fantasia se torna simples e evidente realidade, pois que já há pequenos produtores de despolpados em São Paulo. Não apontaremos muitos dêstes pequenos produtores, como seria nosso desejo, mas citaremos alguns dêles, havendo mesmo os que se sobressaem pela organização e capricho com que trabalham o seu café. É o que acontece com o Sr. Humberto Silvestre, de Ipaussu, em cuja propriedade agrícola nos é dado observar o que de mais interessante se poderia desejar em matéria de organização para a pequena lavoura. Lá se encontram assentados desde a canaleta de madeira para a condução do café até o pequeno terreiro, ladrilhado. E tudo com bastante zêlo e economia, em clara demonstração de bom senso e sobriedade (Foto 4).

Antigo colono em fazendas das redondezas, adquiriu o Sr. Humberto Silvestre um pequeno sítio, onde ainda labuta, assim que suas pacientes economias o permitiram. Cuidou com carinho de 8 a 10.000 pés de café, aproveitando-se dos alqueires restantes disponíveis, embora poucos, para formação de horta, de um pasto reduzido e de pequenas plantações auxiliares, reservando cêrca de 3 alqueires para cultura de alfafa.

Assim correu a vida dêsse ativo lavrador até o momento em que foi persuadido por um comprador de café, seu amigo e vizinho, a experimentar a prática do despolpamento, para o que lhe forneceu um pequeno despolpador manual marca "S. Paulo" (foto 5), comprometendo-se a comprar todo o produto de tal prática, qualquer que fosse o resultado. E os resultados, fruto de um serviço inicial bem feito foram os melhores possíveis para um principiante.

Aprendendo assim a trabalhar convenientemente seu café por via úmida e tratando-o dali por diante com todos os cuidados de que era capaz, conseguiu o Sr. Humberto Silvestre grandes progressos econômicos, graças à venda sempre vantajosa de seus despolpados.

Apresentando seu terreno um declive apreciável e possuindo na cabeceira uma boa quantidade de água, tratou logo de sua comodidade no serviço ; instalou uma pequena roda dágua, a qual passou a ser acionada pela água que canalizou numa bica de madeira. Ligou depois o pequeno despolpador à roda, construiu uma segunda canaleta também de madeira, agora em forma de V e destinou-a ao escoamento do café cereja, separado no lavador rústico, carregando-o até o despolpador ; estudou um declive suave e conveniente para a canaleta fazendo com que o café cereja entrasse lenta e uniformemente para o pequeno despolpador (Foto 6).

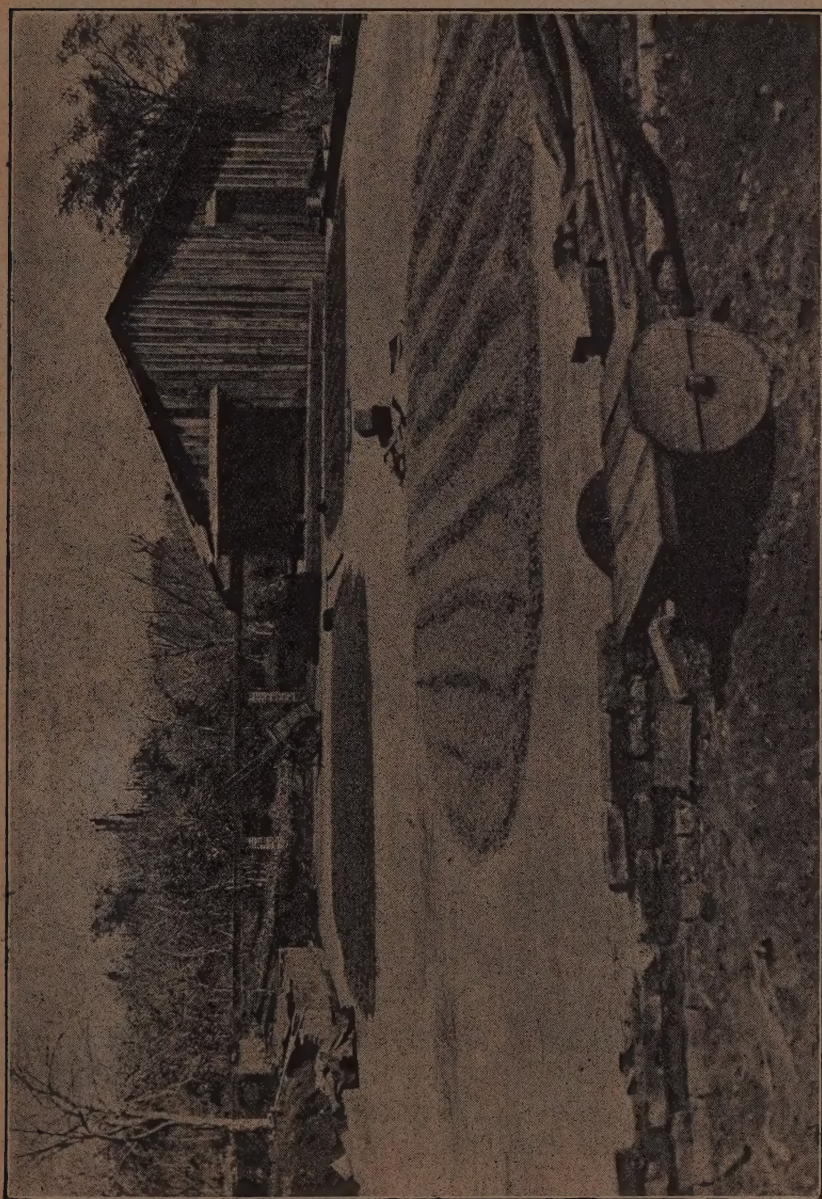



Foto 4 — Vista geral da instalação de despolpamento do sítio do Sr. Humberto Silvestre — IPAUSSU

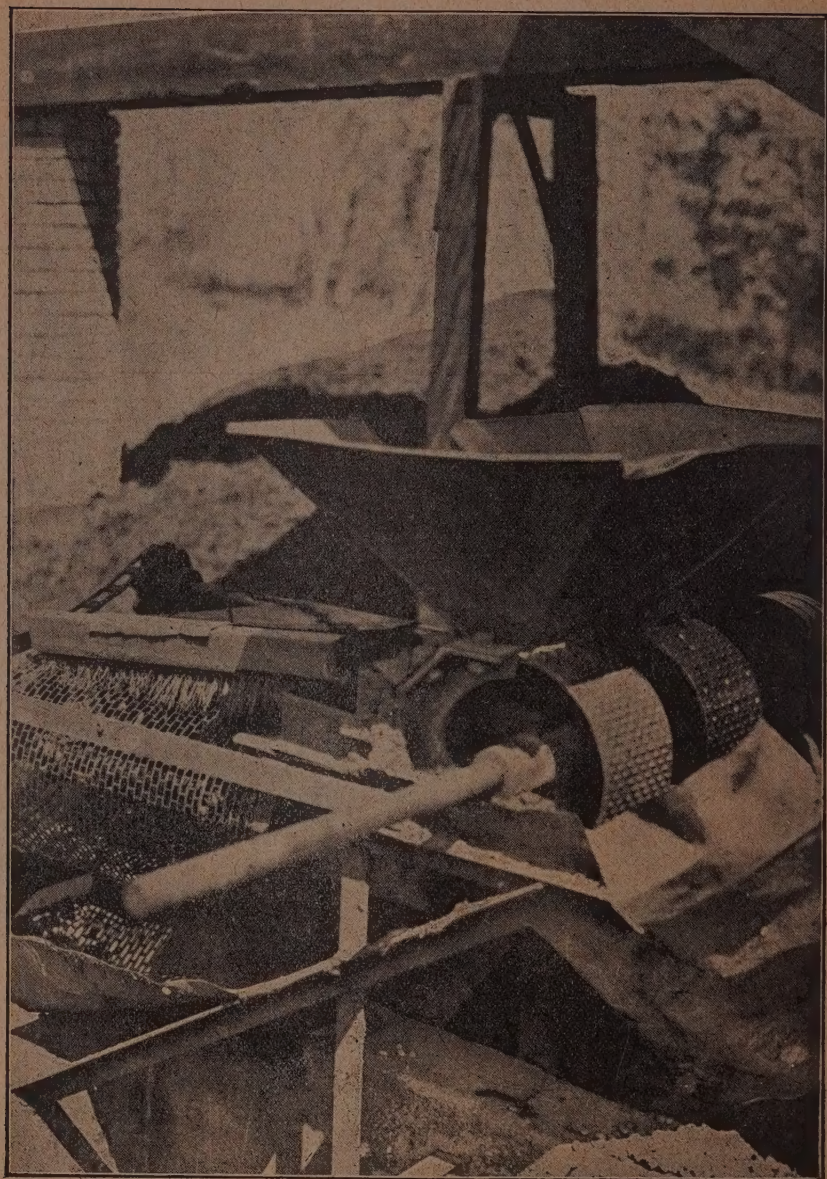



Foto 5 — Despolpador manual "S. Paulo" visto em detalhe. Sítio do Sr. Humberto Silvestre — IPAUSSU

Não necessitava agora manejar a manivela de seu pequeno despolpador para o trabalho de seu café : a roda dágua, continuamente, se encarregaria dali por diante de despolpar tôda a sua colheita, cabendo a êle, sòmente, a fiscalização do serviço.

Melhorou mais tarde suas instalações em geral e construiu, com tijolos rejuntados com cimento, dois pequenos tanques para a fermentação do despolpado e um pequeno terreiro para a seca do produto (Foto 7).

Todavia, não pararam aí os benefícios trazidos pelo trabalho caprichado de seu café. Comprou ainda um pequeno moinho de fubá, que ligou ao mesmo eixo da roda, para obtenção daquele produto básico de sua alimentação. Para simplificar e facilitar os serviços com a alfafa idealizou e mandou contruir, com bons resultados, uma pequena máquina destinada à retirada da semente, pois que esta é bastante procurada e bem paga pelo mercado. O primeiro corte da alfafa lhe fornecia a semente e os 3 cortes restantes davam-lhe a massa para feno, de colocação corrente no comércio.

Foi ainda mais longe o sitiante. Comprou um pequeno dínamo, em negócio de ocasião, ligou-o ainda ao eixo da roda e passou a aproveitar a eletricidade, podendo ter, assim, em sua casa, luz elétrica, rádio etc..

Hoje, satisfeito com seu trabalho, já possue o Sr. Humberto Silvestre um colono que o auxilia nas várias tarefas e na colheita que é feita pela derriça no pano. Despolpa seu café, fermenta-o nos pequenos tanques e seca-o no terreiro diminuto. Após sêco guarda-o em pergaminho em um quartinho de tábuas situado ao lado da instalação e a venda é feita em pergaminho mesmo.

A área que destinou a pasto é nada mais de ½ a 1 alqueire ; bastante reduzida para a manutenção de vacas leiteiras. Mantém aí então o sitiante algumas cabras em criação, as quais lhe fornecem o leite para a família e cabritos para venda. É êste, aliás, o único ponto falho na organização do sitiante. A existência de pasto e, portanto, de grandes animais é aí necessária para a produção de estrume, tão preciso para estercação e manutenção de sua lavoura (5).

Aí está, pois, um pequeno produtor que poderá servir de exemplo à maioria de sua classe, sinão à tôda ela.

NECESSIDADE DE UMA INTENSA CAMPANHA DE FOMENTO PARA ENSINAR O PEQUENO LAVRADOR A DESPOLPAR CAFÉ — Cremos não haver necessidade de apontar aqui, mormente para aquêles que se interessam e acompanham de perto nossos assuntos cafeeiros, as vantagens que poderão advir com a instituição em grande escala e consolidação da pequena propriedade cafeeira, bem organizada para preparar tipos finos despolpados. Nunca, porém, é exagerado lembrar algumas dessas vantagens, as quais podem ser enumeradas, ràpidamente, da seguinte forma :

1.° produção de cafés finos despolpados, sempre de alta cotação e procura no mercado ;

2.° — em conseqüência, estabilização e fixação definitivas da lavoura cafeeira em nosso Estado ;

3.° — resolução quase total do problema da falta de braços para a lavoura de café, pois que o sitiante sempre possue número dêles suficientes para a sua lavoura ;

Foto 6 — Canaletas de condução do café e de água, vistas por trás do lavadouro. Sítio do Sr. Humberto Silvestre — IPAUSSU

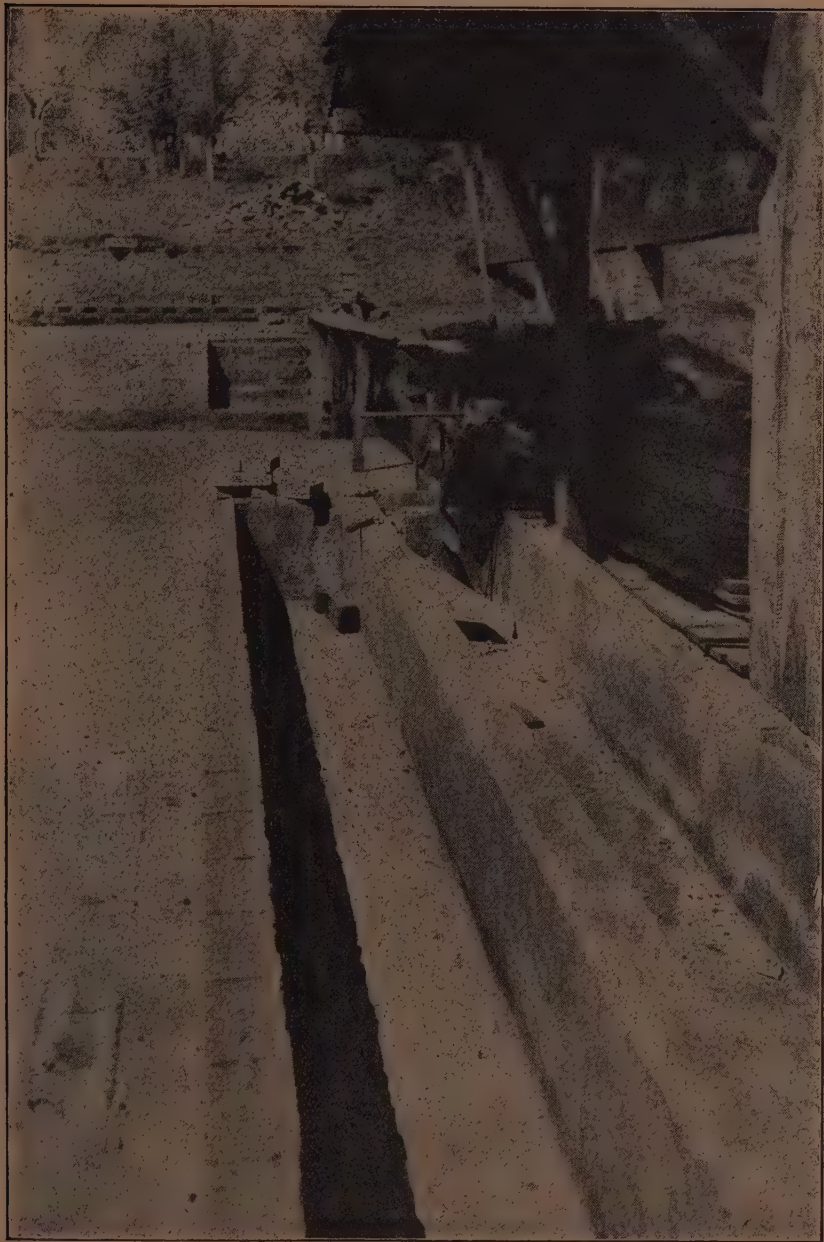



Foto 7 — Tanques rusticos para fermentação do despolpado. Sítio do Sr. Humberto Silvestre — IPAUSSU

4.º — proteção e tratos melhores à terra e à lavoura, porque o sitiante, dada a área sempre reduzida que trabalha, possue maiores facilidades para efetuar estercações totais, combate à erosão, replantas em tempo, etc.. E também muitas outras vantagens decorrentes destas.

A falta de conhecimentos do sitiante, aliada a outros fatôres já citados, muito tem contribuido para o não estabelecimento de despolpamento das pequenas lavouras. E uma campanha de fomento intensa e inteligente promovida pelos meios oficiais, com diretrizes amplas e completas, traria, acreditamos, um grande impulso para o aumento de pequenos produtores entre nós. E já se faz bastante necessária uma tal campanha no Estado, considerando-se a existência atual de um número apreciável de pequenas propriedades.

Proporcione o Govêrno facilidade de funcionamento para instalações dessa natureza ; adote medidas enérgicas para proteger o pequeno produtor assim constituido ; forneça-lhe os ensinamentos reais e a educação necessária ; proteja convenientemente o seu produto das especulações ; provoque a fundação e o funcionamento de cooperativas que trabalhem e padronizem êsses produtos ; auxilie, por justas medidas, as poucas usinas de despolpamento e benefício de particulares que entre nós já existem ; desenvolva, assim, tudo por uma campanha deveras enérgica de fomento e verá os largos benefícios que essas suas medidas proporcionarão depois ao país. O pequeno produtor bem aparelhado, protegido por leis, bem organizado, sustentará a cultura base do país. E é isso que desejaríamos poder constatar desde agora. Se tal se desse não teriamos, como hoje, a miséria a rondar e perseguir a infortunada população rural.

Uma campanha de fomento intensa, bem feita, racional, poderá, estamos convencidos, transformar o sitiante de café em um bom produtor de tipos finos despolpados, trazendo, em futuro não mui distante, uma estabilidade do comércio cafeeiro do país e uma vida bem mais feliz e humana para os trabalhadores rurais, indivíduos tão merecedores !

* * *

LITERATURA CITADA

1. MENDES, J. E. TEIXEIRA — A pequena propriedade cafeeira — Boletim da Superintendência dos Serviços de Café — junho 1943 — n.º 196.

2. ALOISI, J. SOBRINHO — Despolpamento — I — O Problema do Momento — Boletim da Superintendência dos Serviços de Café — abril de 1942 — N.º 182.

3. ALOISI, J. SOBRINHO — Despolpamento II — O que se vem fazendo em São Paulo — Boletim da Superintendência dos Serviços de Café — Outubro de 1942 — N.º 188.

4. ALOISI, J. SOBRINHO — Despolpamento — A prática de Operação — Revista do D. N. C. — julho de 1942 — N.º 109.

5. ALOISI, J. SOBRINHO — Relatório de Serviços — Instituto Agronômico — Ano de 1941 — Não publicado.

Foto 8 — Tanques e caneletas- Vista lateral. Sitio do Sr. Humberto Silvestre
IFAUSSU

Culturas acessórias na fazenda de café

II

O MILHO

G. P. Viégas
Seção de Cereais e Leguminosas

Adotar o espaçamento certo é uma das maiores garantias de alta produção.

Se o terreno fôr desbravado, e se o plantio fôr feito à máquina, o lavrador terá primeiro de riscar o terreno. Usar-se-á, para êste serviço, um aradinho ou um riscador. O melhor sistema será traçar, prèviamente, umas curvas de nível — se é que o terreno não dispõe de um sistema mais avançado de defesa do solo contra as enxurradas — e, acompanhando mais ou menos paralelamente uma dessas linhas de nível, far-se-á o serviço de riscamento.

5. — Em terras novas planta-se em covas. Deve-se evitar, porém, que as plantas em excesso em cada cova façam concorrência umas às outras, quando se fôr forçado ao plantio neste sistema.

Os sulcos devem ser profundos, pois as nossas experiências demonstraram que assim o milho germina mais ràpidamente e melhor. Em conseqüência, talvez, de ser mais bem aproveitada a umidade do solo, a planta resiste mais ao acama-

mento e costuma dar maior produção. Em seguida, aduba-se, se necessário, e semeia-se à máquina. A máquina pode semear em intervalos de 20 ou 40 cm.. Para que a cultura fique sem falhas, será necessário gastar um pouco mais de sementes. Recomenda-se usar, na semeadura, uma chapa que deixe cair 120-130 sementes por 10 m de sulco, ou, melhor, a máquina estará fazendo bom serviço quando estiver caindo uma semente cada 20 cm., aproximadamente, uma da outra (ou 2 sementes cada 40 cm.). Como o tamanho das sementes de milho é muito variável, convém trabalhar com uma semente classificada, da qual foram eliminadas as da ponta e pé das espigas.

É indispensável, antes de começar o serviço, rever as semeadeiras e regulá-las para que possam trabalhar com segurança. Uma semeadura mal feita não tem fácil consêrto.

Muitos ensaios de espaçamentos foram efetuados, variando não só o espaçamento entre linhas, como também entre plantas e, além disso, foram êles estabelecidos com as diversas variedades mais importantes, em várias partes do Estado. As conclusões a que se pode chegar dos resultados obtidos são as seguintes: 1) aumentando-se o espaçamento das fileiras para mais de 1,00 m, cai a produção; 2) as variedades de tipo dente exigem maior espaçamento que as de tipo duro; 3) devemos aconselhar, por melhor, o espaçamento de 1,00 x 0,20 m, entre linhas e plantas, respectivamente, para o geral das terras de culturas (plantio à máquina).

Para o plantio à máquina, o espaçamento recomendado é de 1,00 x 0,20 m.

6. — Quando o milho é plantado com os necessários cuidados, as falhas são poucas, e o uniforme desenvolvimento da cultura é excelente.

Adotando-se êste espaçamento, a quantidade de sementes a ser lançada ao solo é de cêrca de 40 kg por alqueire.

Se se plantou uma semente com boa capacidade de germinação, poucas serão as falhas. Dever-se-á ter cuidado para evitar que as formigas e outras pragas estraguem a cultura nesta ocasião. Algumas pragas costumam aparecer, mas os prejuízos, no geral, são de pouca monta. Em todo o caso, numa cultura falhada, não será recomendável a replanta. Caso seja grande o número de falhas, será melhor preparar outra vez o terreno e fazer novo plantio.

Se o lavrador tiver o cuidado de fazer os sulcos cortando as águas, terá, nessa ocasião, oportunidade de verificar que os estragos pelas enxurradas serão muito diminuidos. Quem planta a favor das águas está na iminência de ver as suas sementes arrastadas para os fundos dos vales, e cada sulco plantado poderá transformar-se numa valeta.

9. SEMENTES

A boa semente deve ter alta capacidade de germinação (ao redor de 90%) e ser de origem conhecida.

A introdução de milho híbrido deverá, num futuro próximo, trazer alterações no modo de se proceder para obtenção de boa semente.

Por ora, o lavrador pode-se recorrer aos Postos de Sementes da Secretaria da Agricultura, que estão distribuindo sementes das variedades indicadas.

O lavrador deve-se recorrer aos Postos de Sementes para obtenção de uma boa semente.

Para aquêle que costuma produzir a sua própria semente, podemos sugerir as seguintes normas : a) num dos talhões onde o milho apresenta melhor aspecto, manda-se um grupo de operários mais capazes fazer a colheita de apenas os pés sadios, cujas espigas apresentem boa conformação e estejam bem protegidas pela palha ; b) serão colhidos os pés que amadureceram normalmente, bem enraizados, vigorosos, cujas espigas devem ter os característicos da variedade. Para a variedade "Catêto" devem ser preferidas as plantas com duas espigas ; para as outras variedades, as de uma boa espiga. A espiga deve estar à altura do peito ; c) devemos colhêr duas a três vêzes mais que o necessário para que depois de despalhadas se possa fazer uma escolha rigorosa das espigas melhores, constituindo um lote uniforme. Assim, colheremos 5-8 jacás (1 jacá = 120 espigas = 15 kg de grãos, aproximadamente), para cada alqueire a ser plantado no ano seguinte ; d) eliminando-se "ponta" e "pé" da espiga, o milho, depois de debulhado, constituirá a semente para o ano seguinte, a qual convém seja armazenada em separado, num lugar seguro. De vez em quando, precisará ser expurgada com formicida (sulfureto de carbono).

Obtenha milho de boa origem, e o mantenha por alguns anos, selecionando a sua própria semente no campo e não no paiol.

A eliminação dos grãos da "ponta" e "pé" das espigas já se tornou hábito de muitos dos nossos lavradores, os quais costumam plantar suas "roças" com apenas os grãos da porção mediana das mesmas.

Assim procedendo, deixam transparecer que acreditam serem inferiores em qualidade as sementes da "ponta" e "pé". Dizem mesmo, comumente, quando não se teve o cuidado de assim proceder, que a semente "não está selecionada". Mas, na verdade, não se pode dizer que, apenas pela escolha das sementes do meio se esteja fazendo "seleção", pois, de forma alguma as diferenças genéticas (hereditárias) se acham condicionadas à posição dos grãos, na espiga. Sob o ponto de vista hereditário, os grãos, quer da "ponta", quer do "meio" e "pé", podem ser boas sementes.

Procure plantar sementes selecionadas e bem classificadas.

No entanto, verificamos que as sementes da "ponta" e "pé" devem ser desprezadas para o plantio, por outras razões. Uma delas é a conveniência em se utilizar de um material classificado para se fazer o plantio: as semeadeiras trabalham muito melhor.

Outra razão é o fato de se notar que as sementes da "ponta" dão plantas menos produtivas, com certeza dada a menor reserva alimentar nelas existentes e, porque no geral, tanto estas como as do "pé" das espigas são mais sujeitas ao ataque de moléstias e pragas. O lavrador tem, pois, certa razão quando, ao preparar as suas sementes, se utiliza apenas das que se encontram na parte mediana das espigas.

7. — Um bom paiol deve estar convenientemente localizado e deve proporcionar boa proteção ao produto armazenado.

Não é necessário, tampouco, fazer a desinfeção das sementes. Ensaios executados em diversos anos, em localidades diferentes e com algumas variedades, não provaram ser melhores as sementes assim tratadas.

10 — DESBASTE

Se por esta ou aquela razão ficarem muitas plantas nas covas ou nas linhas, é conveniente fazer um desbaste. Esta operação sai cara e, por isso, é sempre

recomendável que se regule com antecedência, muito bem, a máquina para tornar o desbaste o mais fácil possível. O desbaste deve ser feito quando as plantas tiverem atingido um palmo de altura.

Nessa época as plantas terão 30-40 dias de idade. Deve-se fazer o desbaste, de preferência, num dia encoberto ou chuvoso. O desbaste tem que ser feito à mão, deixando as plantas nas distâncias atrás recomendadas. Ao arrancar as plantas em excesso, deve-se evitar que as vizinhas fiquem abaladas.

O desbaste deve ser feito quando o milho esteja com 30-40 dias de idade.

Por êsse motivo, e também para evitar que as plantas fiquem finas e esguias, o desbaste não deve ser feito demasiado tarde.

Os lavradores précisam se lembrar que a cultura não deve apresentar falhas ou plantas em excesso e que as plantas devem estar bem distribuidas por todo o o terreno. Êste é um dos fatôres que mais concorrem para uma produção elevada e uniforme.

11 — CULTIVO

Os tratos culturais costumam apresentar 20% das despesas totais com a cultura. Porisso, o lavrador deverá ter o cuidado de preparar muito bem o terreno para que o cultivo possa ser feito sem o emprêgo da enxada. De outro modo, virá encarecer demasiado o custo da produção. Plantado em sulcos fundos, o milho germina livre de ervas daninhas próximas e o cultivador (carpideira) pode fazer bom serviço entre as linhas plantadas.

O cultivador deverá ser passado entre as linhas tôdas as vêzes que houver mato ainda pequeno, cuidando-se de que as enxadinhas trabalhem sempre num mesmo plano, 3 a 5 cm abaixo da roda dianteira.

O cultivo deverá ser feito, sempre que possível, sòmente com a carpideira.

Distando as ruas de 1.00 m entre si, permitirão que o cultivador possa fazer o serviço em uma só passada, o que aumenta bastante o rendimento dêste trabalho. Deve-se evitar que a máquina se aproxime demais das plantas, mas, deve-se fazer com que, nas passadas, o sulco vá sendo, pouco a pouco, cheio de terra. Se necessário, usar a enxada exclusivamente para capinar o mato que nasce junto das plantas ou entre elas.

Não é necessário, tendo sido plantado em sulcos fundos, fazer uma amontoa em excesso. Pequeno chegamento da terra, praticado quando o milho atingir 2 palmos de altura, será o bastante para ajudar a evitar que as plantas se acamem e impedir as enxurradas que tendem a cortar as linhas plantadas. As nossas experiências têm demonstrado que quando o milho é plantado raso, a amontoa faz aumentar comparativamente a produção, mas, quando o plantio é feito em sulcos profundos, a produção é maior, sem necessidade de amontoa.

É importante, pelos cultivos, trazer o milho sempre no limpo, até que as plantas tomem tal desenvolvimento que não mais apareçam novas sementeiras de ervas daninhas.

8. — Terminada a cultura, os restos devem ser picados com uma pesada grade de discos ou rôlo-facas e enterrados. Se assim procedermos, estaremos fazendo ótima adubação orgânica com poucas despesas.

No geral, daí por diante, o milho não precisa mais ser cultivado. Embora vinguem ervas daninhas, depois que o milho cobre o terreno, elas não mais o prejudicarão. A colheita poderá processar-se em terreno um pouco sujo, mas isto não tem importância. O lavrador deve-se lembrar que êsse mato todo também será incorporado ao solo, constituindo "húmus".

12 — COLHEITA

É esta uma operação dispendiosa. Representa outros 20% das despesas com a cultura. Antes da colheita geral convém colhêr, em separado, o milho para sementes, conforme explicamos.

O milho deve ser colhido depois de bem maduro e sêco, evitando-se assim que possa fermentar no paiol. Reconhece-se que o milharal está em condições de ser colhido, quando a própria "cana" do milho está sêca, as espigas são firmes e não podem ser torcidas e os grãos são duros,não ficando assinalados com a unha.

Não se deve colhêr o milho senão depois de bem sêco.

Semeado em outubro, em janeiro o milho estará em pleno florescimento. Começará a secar em princípios de março. O ciclo da semeadura à colheita, é de 130-150

dias, dependendo de vários fatôres. A colheita poderá ser iniciada em abril-maio, quando as chuvas escasseiam. Deve-se evitar a colheita logo após uma chuva, pois, no campo, as espigas secam mais fàcilmente. Não se deve atrazar muito a colheita para que não se perca ou se estrague muito milho pelas plantas que se vão quebrando com o vento e também para evitar que seja recolhido já infestado pelo "caruncho", pois êste inicia o seu ataque quando o milho ainda está no campo.

A colheita geral é uma operação muito simples, tal como é praticada. No geral colhe-se o milho com palha, e as carroças ou carroções vão carregando e transportando ao paiol.

Numa grande cultura, um dos melhores processos é fazer com que as carroças entrem no meio do milharal. O milho colhido vai sendo jogado diretamente às carroças. Com algumas carroças em serviço, enquanto umas estão sendo cheias, outras vão transportando o produto ao paiol. Assim se evita o excessivo manuseio do produto colhido, o que dá alto rendimento, e torna menos dispendiosa a colheita. Cada bom colhedor pode colhêr por dia um carro de milho (50 jacás) e êste número pode ser tomado por base para os nossos cálculos.

A produção considerada boa para essas condições são 10 carros (= 500 jacás = 7.200 Kg de milho debulhado) por alqueire. Uma cultura com muito bom número de plantas e com espigas razoáveis, dará fàcilmente esta produção, que se aproxima da relação 1.200. Uma vez terminada a colheita, o lavrador poderá aproveitar a palhaça para aí soltar o gado.

Uma boa produção dá 10 carros (= 7.200 Kg de milho debulhado) por alqueire.

Se tiver o hábito de arar duas vêzes, estará na ocasião de deitar as canas de milho com uma grade de discos pesada, ou rôlo-facas, e iniciar a primeira aração.

Êsse rôlo-facas pode ser construído com uma pesada tora de madeira ou de cimento armado, com 60 cm de diâmetro e 1,20 m de comprimento, a que se fixam, em ângulo certo, por meio de cantoneiras, várias lâminas de aço. Puxado com duas juntas de bois ou com trator, êsse rôlo faz por dia ótimo serviço, facilitando de maneira considerável a aração de enterrio.

13 — ARMAZENAMENTO

Poderemos armazenar o milho com palha, sem palha ou debulhado, dependendo da utilização que se pretenda dar ao produto e do espaço disponível.

É sabido que um carro de milho bom, com palha, ocupa um espaço de cêrca de 2,5 metros cúbicos, pesando quase uma tonelada (850-950 Kg). Debulhado, obtemos 12 sacos de 60 Kg de grãos que ocupam um espaço menor que um metro cúbico (0,96m3).

Tendo em conta o volume disponível para o armazenamento, deveríamos sempre dar preferência ao milho debulhado, ou então ao despalhado, porque o espaço necessário é algumas vêzes menor. Êstes dados servem para auxiliar os cálculos das dimensões dos paióis.

Um bom paiol deve oferecer boa proteção ao milho armazenado e condições vantajosas para carga e descarga.

Entre nós é hábito armazenar o milho com palha. Em muitos casos, porém, seria vantajoso armazená-lo não desta forma, mas debulhado, no todo ou em parte, dependendo da utilização que fôsse ser dada ao produto.

Os paióis mais comuns são os abertos. Os dêste tipo são de construção menos dispendiosa, mas, nêles há o inconveniente de não ser possível, ou ser muito difícil, o expurgo. Por outro lado, por serem bem ventilados, o produto nêles guardado não fermenta com facilidade.

Os paióis fechados são mais caros, mas permitem o expurgo repetido, e, portanto, pode-se evitar perfeitamente o caruncho. Êles têm o inconveniente de o milho ficar mais sujeito às fermentações, caso não recolhido muito sêco.

Os paióis, tanto de um tipo como de outro, além de boa proteção contra os insetos, ratos e umidade, deve oferecer fácil acesso e condições vantajosas para carga e descarga.

14 — MOLÉSTIAS E PRAGAS

Não são conhecidas, entre nós, moléstias ou pragas do milho que, pela intensidade de seu ataque, limitem a cultura. Entretanto, há algumas moléstias e certas pragas que destroem boa quantidade do milho produzido na fazenda.

Das moléstias, as que maiores prejuízos causam ao lavrador são as "podridões" das espigas. O lavrador reconhece com facilidade a espiga atacada por apresentar os grãos descorados, sem brilho, muitas vêzes cobertos por uma teia branca. Umas vêzes só o ápice, outras só a base ou a espiga tôda se encontra afetada. No geral, a espiga fica leve e os grãos destacam-se fàcilmente do sabugo, que é podre.

As pióres moléstias do milho são as podridões das espigas.

São vários os agentes causadores (fungos) da "podridão" da espiga. O melhor método de combate consiste em se proceder à escolha de plantas sadias, com espigas também sãs, no campo, para a obtenção das sementes.

Outras moléstias do milho, como o "carvão", não têm importância econômica entre nós.

Alguns insetos atacam o milho, no campo, Das pragas, fora algumas lagartas que, às vêzes, causam prejuízos quase totais à cultura, as demais determinam apenas redução nas colheitas.

Uma delas ataca a plantinha ainda nova, furando-a junto ao chão. Outras atacam a planta nas diversas fases do seu desenvolvimento : as mais vorazes, destroem as plantas tôdas, outras alojam-se entre as fôlhas novas e também nas espigas, antes de os grãos endurecerem ; outras ainda perfuram os colmos e determinam, com isso, prejuízos mais ou menos graves, conforme o ano.

No geral, não se tomam providências diretas contra êstes insetos. Em certos casos, a aplicação de "verde-paris" (100 gr por 100 litros de água) ou de arseniato (400 gr por 100 litros de água) poderá controlar o ataque. Medidas eficazes para evitar os prejuízos dêsses insetos são : a rotação de culturas e o perfeito enterrio da palhaça e o combate direto à praga nos focos iniciais.

Outros insetos atacam o milho armazenado. Sem dúvida, êstes são os que mais prejuízos trazem ao cereal, que precisa ser armazenado por vários meses. Os prejuízos, às vêzes, são bastante elevados, mas mesmo quando de menor importância, depreciam a qualidade do milho, quando êle se destina a fins industriais. Entre nós, o milho é prejudicado principalmente pelo "caruncho" e pela "traça".

As piores pragas que prejudicam o milho no paiol são a "traça" e o "caruncho".

O "caruncho" é um besourinho de côr escura com uma tromba pronunciada. Com esta a fêmea perfura o grão de milho, para nêle depositar um pequeno ovo. O adulto vive uns 30-50 dias e, de ovo a adulto, o seu ciclo é de 35-40 dias.

A "traça", ao contrário, é uma borboletinha parda e o seu ciclo é um pouco mais longo que o do "caruncho" : 40-55 dias.

Êstes insetos proliferam com enorme rapidez nos paióis. Porisso, o milho, como já vem do campo contaminado, deve ser logo expurgado.

Para tal é preciso recolhê-lo a uma câmara hermèticamente fechada, onde se procederá ao expurgo. O ingrediente comumente usado é um bom formicida. Reconhece-se um bom formicida (sulfureto de carbono) quando, uma vez evaporado ao ar livre, não deixa resíduos. Recolhido o milho ao paiol, calcula-se a quantidade de sulfureto necessária. Para isto, leva-se em conta o volume do paiol e não a quantidade de milho. São necessários 50 cc de formicida por metro cúbico de ambiente, por 48 horas. O sulfureto deve ser colocado ao alto porque os gases produzidos são mais pesados que o ar. Vinte dias depois, o expurgo deve ser repetido, porque, no geral, um só expurgo não destrói os ovos.

Adubar sàbiamente é manter a fertilidade da terra, que é o maior patrimônio do agricultor e do país.

A Broca do Café "Hypothenemus hampei" (Ferrari 1867)

por
J. Bergamin

Depois de 1924.

Agasalhada estava a praga no planalto de Piratininga. Os vultosos prejuizos que causava fizeram com que para ela se voltassem tôdas as atenções. Densas nuvens se formaram nos céus. E tristeza indisfarsável invadiu o coração de nossa gente.

Não importa saber quando, como, por quê, e por quem foi a broca trazida. O que importa, e muito, é sabermos quando, como, por quê e por quem deve ela ser combatida, uma vez que sua disseminação ameaçou e ameaça com gravidade tôda a viga mestra de nossa extrutura econômica.

Comecemos por 1924. Comecemos por lembrar, ainda que com tristeza, como ela confrangiu e como amedrontou.

Descobertos que foram os primeiros estragos e avaliados os primeiros prejuizos, verificaram os fazendeiros que a praga era realmente da maior importância econômica. Povo e fazendeiros, técnicos e curiosos e mesmo o Govêrno, num alvoroço de desespero, num ambiente de angústia, aspiravam em largos haustos a esperança de que o mal seria contornado e extinto. A imprensa cerrou fileiras ao lado dos que padeciam. E sentiu os efeitos da borrasca.

Costa Lima foi chamado à pressa a S. Paulo, para fazer parte da comissão juntamente com A. Neiva e Navarro de Andrade. Costa Lima sabia do que se tratava e aqui chegou munido de tôda a bibliografia necessária. No mesmo dia de sua chegada identificou a praga. A comissão foi incansável e delimitou a zona já infestada.

Com o relatório apresentado em 10 de Junho de 1924 (18), foi mostrado ao Govêrno que pelo menos cinco municípios já haviam sido contaminados. Os cafèzais mais infestados encontravam-se no município de Campinas, diminuindo de intensidade à medida que se distanciavam daquele centro.

A Comissão, após haver percorrido todos os municípios limítrofes de Campinas, traçou a situação da seguinte forma : um núcleo central, com intenso ataque pela broca ; uma segunda zona envolvendo êsse núcleo, menos infestada ; e finalmente uma terceira zona, ainda não atingida, porém suspeita, circunscrevendo tôda a área de distribuição da praga.

Os estudos e as discussões foram intensos. Os debates foram dirigidos sempre no sentido de estabelecer normas para a debelação da praga. Alguns, como Carlos Botelho e, ao que parece, um dos membros da própria Comissão, opinaram pela extinção de todos os cafeeiros contaminados, prevalecendo, finalmente, o seguinte critério para o combate ao **Stephanoderes :** 1.º) na zona externa, apenas suspeita, seria procedida a colheita rigorosa, seriam feitos repasses e seriam destruidas as floradas até Março de 1925 ; 2.º) na zona apenas contaminada, seriam feitos repasses e destruidas as floradas, até Março de 1926 ; 3.º) no núcleo central,

mais infestado, seriam feitos repasses e destruidas as floradas até 1927 (18). Tais medidas, ditadas pela capacidade e inteligência dos que cuidavam da questão, pareciam suficientes para a debelação da praga.

A extinção completa dos cafèzais atingidos e dos suspeitos, foi combatida por Neiva, pois os enormes e totais prejuizos não ofereciam siquer a garantia de que o mal seria dominado. A destruição, pelo fogo ou decepagem de 38 milhões de cafeeiros, acarretaria ao Estado uma despêsa enorme. Além disso, havia cafeeiros expontâneos, frutificando nas matas.

Sabemos hoje e muito bem que, não obstante o acêrto das medidas aconselhadas pela Comissão, a broca não foi dominada. E sabemos também que ela não foi dominada, porque é difícil de se praticar repasses e destruição das floradas numa zona tão grande. Si houvessem sido destruidos os 38 milhões de cafeeiros, provàvelmente a broca não teria sido dominada. Mas S. Paulo, o maior centro produtor de café, que se erguia impetuoso com sua florescente riqueza, teria feito o que nenhum outro país jamais fizera, numa tentativa extrema de salvar o seu imenso patrimônio. Os gastos daquela época teriam salvo o S. Paulo de nossos dias da imensa responsabilidade de ter sido a porta de entrada para a broca que hoje prejudica o café, desde o norte do Paraná, até a barranca do Rio Doce. Si os esforços redundassem em fracasso, S. Paulo teria empreendido a luta extrema e todos os cafeicultores teriam sabido com que espécie de inimigo precisavam lutar, si êste invadisse mais cafèzais, mais municípios.

A causa que mais justificou a não adoção dessa medida drástica, foi, sem dúvida a confusão surgida posteriormente, no levantamento da distribuição da praga. Café beneficiado de quasi todo o Estado denunciava estragos produzidos por inseto Além disso, começaram a aparecer, em quase todo o Estado, frutos perfurados na "corôa", como um sintoma quasi certo da existência da praga numa área muito maior do que a que foi a princípio traçada.

Foi verificado mais tarde, pelo próprio Serviço de Combate à Broca do Café, que o café beneficiado de muitas zonas, sofrera ataque pelo caruncho das tulhas — **Araeocerus fasciculatus** (De Goer) e que o inseto que abria um pequeno orifício na "corôa" dos frutos era a falsa broca do café — **Hypothenemus plumeriae** (Nord., 1856) (**Stephanoderes seriatus** EICHHOFF, 1871). Estas duas espécies de há muito existiam no Brasil, pois a sua distribuição geográfica era muito vasta.

Ao serviço organizado para a debelação, couberam as seguintes atribuições : estudar a praga em todos os seus detalhes ; aconselhar o repasse rigoroso ; aconselhar o expurgo de tôda a colheita nas fazendas já invadidas. Além de lutar contra a broca, tinha a Comissão de Debelação que lutar contra a resistência de alguns fazendeiros que não queriam aplicar qualquer dessas medidas. A legislação de defesa sanitária vegetal, cujas medidas já estavam sendo aplicadas por fôrça do decreto 15.198 de 21/12/1921, do Govêrno Federal, foi aplicado também pelo Govêrno do Est. de S. Paulo, de acôrdo com o decreto 16.509, de 21/6/1924 (23).

Para evitar choque de fazendeiros intransigentes quanto à aplicação dos principios decretados, e para levar instruções a todos os que dela necessitavam, foi organizada intensa campanha, por meio de palestras, pelos jornais e por meio de cartazes, orientando a todos quanto aos malefícios da praga e aos processos de combatê-la.

Java — Cultura de café robusta. Colheita. (De "O Café")

A Comissão de Estudo e Debelação, tão profundamente interessada em difundir ensinamentos e dissipar dúvidas, lançava mão de todos os recursos para incutir no espírito dos nossos homens do campo, o perigo que ameaçava tôda nossa principal fonte de riquezas. Fez publicar a interessante historieta popular — — "História de um bichinho malvado" (13), através da qual foram as instruções levadas aos recantos mais longínquos de nosso Estado.

Em Março de 1925 foram postos em execução o regulamento e a lei (2.020 de 26/12/24) que crearam a Comissão de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira, que deram maior ação ao primitivo Serviço de Defesa do Café.

A Comissão executou serviços de combate em vários talhões de fazendas infestadas de Campinas, para demonstrar a eficiência das medidas aconselhadas. Os repasses foram feitos com todo rigor e seu resultados apareceram sempre com muita clareza. O custo foi calculado e foi demonstrado que o preço do café, naquela época, permitia essa modalidade de combate, pois ela assegurava a boa aparência do produto, assegurando-lhe, portanto, o preço.

Além do repasse, que foi sem dúvida uma da mais sábias medidas aconselhadas, foi difundida a prática complementar de combate — o expurgo do café colhido, em câmaras próprias, nas quais eram usados 300 cc. de bisulfureto de carbono por metro cúbico. A construção dessas câmaras foi exigida nas fazendas infestadas, nas quais o café era submetido ao expurgo durante 12 a 24 horas. Até Setembro de 1927, nos 19 municípios contaminados, havia cerca de 3 mil câmaras construidas.

A fim de salvar as regiões ainda não invadidas pela broca, foi organizado o expurgo de sacaria vasia de colheita que tivesse que ser despachada em retôrno ou que tivesse que transitar pelo Estado (12).

A Comissão, estribada em lei e regulamentos, levou a sério a fiscalização de lavouras abandonadas, pois essas lavouras não mais eram beneficiadas pelos tratos e colheitas, constituindo assim perenes focos de irradiação da broca.

A praga foi considerada como uma das mais importantes dentre as que eram importantes em todo o mundo. Bem compreendida pela Comissão e pelo Govêrno foi essa importância, uma vez que a Comissão trabalhava incansàvelmente bem apoiada pelos recursos fornecidos pelo Govêrno. E bem compreendida era essa importância pelo Govêrno que lavrou decretos, aprovando os regulamentos que davam à Comissão autonomia e liberdade para aplicar, com o aparelhamento próprio, os princípios desses regulamentos. Tôdas as medidas consideradas obrigatórias por lei, foram fiscalizadas pela Comissão. O repasse e o expurgo foram as mais seriamente fiscalizadas, vindo depois a fiscalização do trânsito de sacaria, de pessoal, de instrumentos etc.. Os objetivos principais eram : reduzir a infestação das fazendas já contaminadas e impedir a progressão da marcha da broca.

A Comissão publicou muitos trabalhos e comunicados de valor, fez uma campanha bem ilustrada por cartazes e filmes, enviou à imprensa comunicados e instruções, dando conta ao público de todos os seus afazeres, instruiu inspetores e fiscais, num interesse assíduo e elevado em dominar o maior inimigo do café, até então surgido.

Dentre os trabalhos da comissão destaca-se o conjunto de estudos e de observações sôbre a biologia da broca do café, dado à publicidade em 1927 (19). Passando os olhos pelas páginas desse trabalho, ficamos conhecendo o inseto em sua intimidade, ficamos sabendo de seu esconderijo, de suas preferências e dos prin-

cipais hábitos durante as diferentes épocas do ano. Foi êsse o último trabalho publicado, pois ao ser fundado o Instituto Biológico, foi todo o patrimônio da Comissão incorporado ao novo e promissor Instituto de defesa de nossa agricultura e de nossa pecuária. Em 1928 deixou de existir uma Comissão ; em seu lugar, tendo-a como principal apoio, surgiu um complexo muito maior, não só quanto às atribuições, como também quanto às possibilidades : o Instituto Biológico.

Não obstante tôdas as atividadas do pessoal encarregado de debelar a praga cafeeira, caminhava ela pelos cafèzais paulistas, semeando o pavor e a ruina. Caminhava ela implacável, dominando o Estado em extenção e em profundidade. As medidas de combate eram aconselhadas e executadas. Mas o domínio da praga já era enorme. O problema se agravava dia a dia. Era necessário evoluir, introduzindo métodos complementares de combate, a fim de auxiliar a lavoura que já ia caminhando no bordo do precipício que a haveria de tragar.

Em 1929, com o fim especial de estudar e introduzir inimigos naturais da broca, partiu para a África o Dr. Adolph Hempel. Depois de observar e estudar os parasitos lá existentes, achou que o melhor deles seria a **Prorops nasuta** Waterston, mais tarde chamada vespa de Uganda (10 e 11).

O Dr. Hempel chegou a S. Paulo com alguns poucos exemplares do parasito. Promoveu imediatamente a criação artificial em laboratório e conseguiu criar quantidades suficientes para a soltura em cafèzais de Campinas e outros municípios.

A vespa de Uganda mostrou possuir um elevado grau de adaptabilidade. Nos primeiros dois anos, não obstante as solturas periódicas, ela não aparecia muito como agente de contrôle. Logo depois, porém, quando conseguiu formar boa população, começou a vespa a aparecer nos sacos de colheita, principalmente

Java — Buitenzorg. Estação experimental. Laboratórios agronômicos
(De "O Café")

nas fazendas onde havia sido libertada. O interesse por ela não se fez esperar e o Instituto Biológico, por meio das Inspetorias central e regionais, começou a distribuí-la a todos os interessados. O seu ressurgimento se deu em tal volume, que não era possível descrer de seu valor no combate à broca.

As medidas obrigatórias foram relaxadas para permitir a inteira adaptação desse prodigioso parasito. O repasse foi pràticamente suspenso, a fim de que a vespa encontrasse alimento após as colheitas. O expurgo deixou também de ser obrigatório, para permitir que grande quantidade de parasito se libertasse no terreiro.

Não se conhece ainda o valor quantitativo desse parasito. Mas é crença geral que é de alguma eficiência no combate à broca.

Em 1933 estava o Instituto se aparelhando para congregar os técnicos e os lavradores, para debates e sugestões quanto ao problema da broca, tão de perto e tão de frente encarado pelo seu Diretor Superintendente, Prof. Rocha Lima. A sociedade Rural Brasileira, que também tão de frente e tão de perto se interessava pelo café, promoveu a "Semana da Broca", êsse grande congresso de técnicos e lavradores, que tão indeléveis traços marcou na história da evolução do problema em nossa terra. O Biológico não se negou a dar a sua colaboração e o que fez então foi uma das mais elevadas contribuições no sentido de encaminhar as questões pertinentes ao problema da broca do café, para as vias de solução. Tudo quanto foi tratado e discutido nessa semana, encontra-se reunido nas Revistas da Sociedade Rural Brasileira e do Instituto do Café (24).

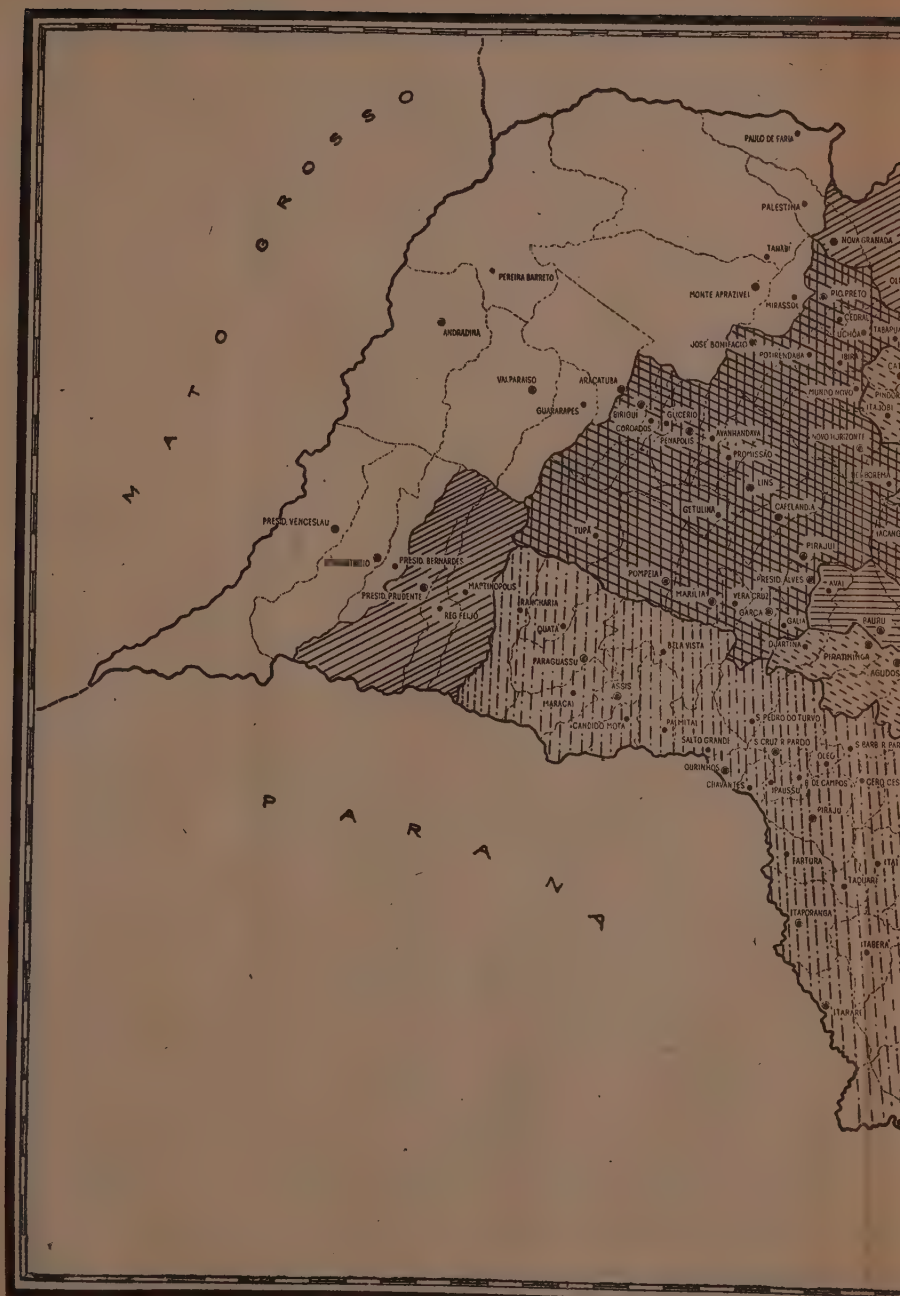
A despeito de tôdas as precauções e de tôdas as práticas de combate, avançou a broca pelos cafèzais do Estado, atingindo o norte do Paraná e o sudoeste mineiro.

Em 1936, a fim de atender à diretriz que se traçou, o Diretor Superintendente do Instituto Biológico ampliou as instalações da Seção de Entomologia, fazendo funcionar em Campinas, junto à Inspetoria Geral, uma pequena Seção para cuidar de Entomologia Aplicada. Ao lado dos estudos da broca do algodoeiro, da lagarta rosada e outras pragas do algodoeiro e dos citrus, começaram, em 1939, as observações e os estudos dirigidos no sentido de pesquisar a praga em suas três novas faces: em face da extensão de sua distribuição geográfica, em face de sua ação diante da vespa de Uganda e em face de sua atuação nos cafèzais sombreados, cuja propaganda meritória se iniciara poucos anos antes.

A vespa foi reestudada em meio artificial e na natureza. Com a assistência indispensável e com a constância requerida foi pesquisada sua biológia, a sua relação com a broca e com o meio e a sua distribuição em nosso Estado, tendo sido levada em conta a sua adaptabilidade nesta ou naquela região. Essas observações encontram-se condensadas num trabalho publicado pelo Instituto Biológico (21). Outras observações estão ainda em curso.

Com relação à broca, foram feitas pesquisas em torno de sua vida, principalmente com o objetivo de determinar a duração dos estádios segundo a variação de temperatura, determinar a proporção exata dos sexos, a longevidade, a fecundidade e o número anual de gerações, para que pudesse ser avaliado o seu real potencial biótico em nosso meio (2 e 3).

Os estudos para determinar qual a importância da broca em cafèzais sombreados, estão em curso.

Carlos T. Mendes (15), L. O. T. Mendes (16 e 17) e J. Bergamin, (4) já procuraram chamar a atenção quanto ao perigo que o sombreamento pode oferecer

INSTITUTO BIOLÓGICO
LEGENDA
1924
1925
1928
1933
1935
1938
1939
1942
EXPANSÃO DA BROCA DO CAFÉ NO ESTADO DE SÃO PAULO.
M I N A S
G E R A I S
RIO DE JANEIRO
OCEANO ATLANTICO
IGARAPAVA
PEDREGULHO
ITUVERAVA
GUAIRA
GUARÁ
FRANCA
S. JOAQUIM
ORLANDIA
NUPORANGA
PATR. SAPUCAÍ
BATATAIS
BRODOSQUI
ALTINOPOLIS
JARDINOPOLIS
SERTÃOZINHO
RIBEIRÃO PRETO
CAJURU
CRAVINHOS
GUARIBA
MOCOCA
TAPIRATIBA
SÃO SIMÃO
S. ROSA
CACONDE
S. JOSÉ R. PARDO
SANTA RITA
TAMBAÚ
CASA BRANCA
ARARAQUARA
GRAMA
PORTO FERREIRA
PALMEIRAS
V. GRANDE
DESCALVADO
ÁGUAS DA PRATA
S. CARLOS
PIRASSUNUNGA
S. JOÃO DA BOA VISTA
LEME
PINHAL
BROTAS
DOIS CORREGOS
TORRINHA
MOGI GUASSÚ
ARARAS
ITAPIRA
MOGI MIRIM
LINDOIA
SERRA NEGRA
S. PEDRO
LIMEIRA
SOCORRO
PIRACICABA
AMPARO
PEDREIRA
S. BARBARA
CAMPINAS
CAPIVARI
ITATIBA
BRAGANÇA
ATIBAIA
SALTO
JUNDIAÍ
ITU
JUQUERI
TATUÍ
GUAREI
CAMPO LARGO
PARNAIBA
GUARULHOS
S. PAULO
ITAPETININGA
S. ANDRÉ
S. MIGUEL ARCANJO
ITAPECERICA
CAPÃO BONITO
S. VICENTE
SANTOS
ITANHAEN
PRAINHA
XIRIRICA
JACUPIRANGA
GUAPE
CANANEIA
PINHEIROS
CRUZEIRO
QUELUZ
AREIAS
PIQUETE
CACHOEIRA
BARREIRO
BANANAL
CAMPOS DO JORDÃO
LORENA
SILVEIRAS
GUARATINGUETÁ
APARECIDA
TREMEMBÉ
PINDAMONHANGABA
TAUBATÉ
CUNHA
CAÇAPAVA
NAZARÉ
S. LUIZ DO PARAITINGA
JAMBEIRO
REDENÇÃO
NATIVIDADE
S. BRANCA
P. RAIBUNA
UBATUBA
CARAGUATATUBA
S. SEBASTIÃO
VILABELA

MATO GROSSO
MINAS GERAIS
SÃO PAULO
ESP. SANTO
RIO DE JANEIRO
PARANÁ
BRASIL
LEGENDA
EXPANSÃO DA BRÓCA DO CAFÉ EM 1944
REGIÃO VERIFICADA
REGIÃO DE EXISTENCIA PROVAVEL
INÊS. 945.

para o café, em face da maior infestação pela broca. Pinto da Fonseca (9) publicou o que observou na África a êsse respeito.

Como qualquer outra praga, a broca do café procurou manter-se e distribuir-se. Dominando os primeiros pontos atingidos, atirou-se pelo espaço em fora, na conquista dos verdejantes mares do planalto paulista. Atravessou nossas fronteiras. Penetrou o norte do Paraná, penetrou o território mineiro, desde a faixa do oeste até a Borda da Mata; atingiu os cafèzais fluminenses; está hoje no Espírito Santo (5).

Aí está a praga que importámos. Aí está a sua importância econômica. Aí está a área geográfica já dominada. Diante desses vinte anos de luta, podemos hoje confessar que não conseguimos dominar a praga, que não impedimos que ela alcançasse todos os cafèzais.

Depois de tudo isso, continuaremos acostumados com a broca, permitindo que ela avance sempre? Ou teremos logo uma organização bem aparelhada para continuar a dar-lhe combate, aplicando os resultados das últimas investigações? Ficaremos passíveis diante das partidas de café repudiadas pelos torradores americanos, que não recebem o produto com vestigios de estrago pela broca?

Dentro em breve teremos muitos dos nossos cafèzais sombreados. E continuaremos de braços cruzados, nós técnicos, govêrno e fazendeiros, permitindo que as infestações subam a 90% de frutos estragados?

Alguma cousa precisa ser feita. O aparelhamento do Estado e do País, precisa ser concertado nos moldes do que os norte-americanos fizeram para combater a mosca das frutas, a broca da cana de açúcar, o "boll weevil" etc.. Nós precisamos arregimentar os entomologistas que se disponham a lutar contra êsse flagelo do nosso tão infeliz e tão desprezado "ouro verde". Nós precisamos, o Estado e o País, empreender essa guerra verdadeira, essa luta titânica que jamais foi muito bem compreendida. Como? Assegurando ao café o seu lugar como produto indispensável à riqueza da nação, para que sobre dele a margem necessária à luta que precisa começar sem mais delongas. De nada nos valerão as campanhas pelos tipos finos, pela boa qualidade. A broca, si não for combatida, sobrepor-se-á a tudo, aniquilando as nossas esperanças, aniquilando a nossa riqueza.

Não existe no que escrevemos, quaisquer traços de pretenção. Bem sabemos que não está completo o nosso trabalho. Bem sabemos que nem tudo foi dito. Contentemo-nos, entretanto, com esta verdade: a broca aí está, pronta a dilacerar a nossa riqueza e o nosso bem estar, assim que as condições climáticas voltem à normalidade. Combatâmo-la para que possamos novamente dizer: a nossa cafeicultura é o esteio da nação.

BIBLIOGRAFIA

1 — ANDRADE, E. NAVARRO de — 1914 — A cultura do café nas Índias Neerlandezas. Secr. Agric. São Paulo.

2 — BERGAMIN, J. — 1943 — Contribuição para o conhecimento da biológia da broca do café "Hypothenumus hampei (Ferr. 1867)" (Coll. Ipidae). Arq. Inst. Biol. São Paulo 14: 31-72.

3 — BERGAMIN, J. — 1944 — Fecundidade, longevidade e gerações anuais, no problema "broca do café". Rev. "DNC" 22: 355 — 359.

4 — BERGAMIN, J. — 1944 — Sombreamento e broca. Rev. "DNC", 23; 181-184.
5 — BERGAMIN, J. — 1944 — A broca do café, problema nacional. Rev. "DNC" 23; 337-342.
6 — BERTHET, J. J. ARTHAUD — 1913 — Caruncho do café. Informação prestada pelo Sr. Dr. Diretor do I. Agronômico a respeito de amostras de café vindas do Congo Belga. Bol. Agr. S. Paulo, 14; 312-313.
7 — BERTHET, J. J. ARTHAUD — 1925 — O Instituto Agronômico do Est. de São Paulo em Campinas e a Broca do Café. Genoud, Ed.
8 — D'UTRA, G. — 1902 — Bol. Agr. de São Paulo, 3; 291-317.
9 — FONSECA, J. PINTO da — 1939 — A broca e o sombreamento dos cafeeiros. "O Biológico", 7: 133-136.
10 — HEMPEL, A. — 1934 — O combate à broca do café por meio da Vespa de Uganda. (Bol. Agr. e Vet. Belo Horizonte, 6: 551-555 e "O Campo" 5, 2: 41-44).
11 — HEMPEL, A. — 1934 — A Prorops nasuta Waterston no Brasil, Arch. Inst. Biológico São Paulo, 5: 197-212, 5 figs., 4 est.
12 — HUCKE, O. — 1925 — Expurgo de sacaria em S. Paulo contra a broca do café. Com. Est. e Deb. 14, 11 pp.
13 — IHERING, R. von — 1925 — História de um bichinho malvado. Serv. Def. do Café Publ. 5, 31 pp.
14 — LIMA, A. DA COSTA — 1928 — Sôbre o caruncho do café. Arch. Esc. Sup. Agr. Rio, 9: 3-49.
15 — MENDES, C. T. — 1938 — A broca do café. Rev. Agr. Piracicaba 13: 405-423.
16 — MENDES, L. O. T. — 1939 — O sombreamento do cafeeiro e a "broca do café". Rev. Inst. do Café. S. Paulo, 14: 874-891.
17 — MENDES, L. O. T. — 1940 — O sombreamento do cafeeiro e a "broca do café (segunda contribuição). Rev. Inst. do Café, São Paulo, 15: 1578-1584.
18 — NEIVA, A., A. DA COSTA LIMA e Ed. NAVARRO DE ANDRADE — 1924 — Relatório da Comissão Técnica sôbre a broca do café (**Stephanoderes coffeae Hag.**) Com. Est. e Deb. S. Paulo, Publ. 1, 10 pp.
19 — OLIVEIRA FILHO, M. L., de — 1927 — Contribuição para o conhecimento da broca do café "Stephanoderes hampei" (Ferr. 1867) Com. Est. e Deb. 20, 95 pp., 44 est.
20 — PIZA JUNIOR, S. T. — 1928 — Stephanoderes hampei (O caruncho do café). Secr. Agr. São Paulo, 52 pp. 32 figs.
21 — TOLEDO, A. A. de — 1942 — Notas sôbre a biológia da vespa de Uganda "Prorops nasuta Waterst." (Hym. Bethyl.) no Est. de S. Paulo. Arq. Inst. Biol. São Paulo, 13: 233-260, 4 figs.
22 — VAYSSIÈRE, P. — 1925 — Le Scolyte du grain de café au Brésil et la prodution de café dans les Colonies françaises. Rev. Scient., 8: 241-248.
23 — .... — 1925 — Regulamento da Defesa Sanitária Vegetal. Com. Est. e Deb., S. Paulo, Publ. 4: 25 pp.
24 — .... — 1933 — "Semana da Broca". Rev. Soc. Rural Bras. 159: 548-616 e Rev. Inst. do Café, S. Paulo, 82: 1111 — 1184.

Destruir as matas é secar as fontes das águas

O DRAMA DO PEQUENO LAVRADOR

J. C. Mello

Êsse título, que é encontradiço e que ainda há poucos dias encabeçava un artigo sôbre o assunto, em um dos jornais de São Paulo, não representa uma tirada literária, ou uma simples frase feita, como pode parecer a muitos. Exprime, ao contrário, e infelizmente, uma profunda verdade.

Muito embora não seja um fenômeno peculiar ao Brasil, êle assume, entre nós, aspectos talvez mais graves que na maioria dos países, devido a condições de vida próprias do nosso meio. E mundialmente conhecida a hodierna tendência à urbanização, com grave prejuizo para as atividades agrícolas, o que tem ocasionado medidas de combate as mais diversas, desde os prêmios à produção até ao melhor aparelhamento e conforto dos meios rurais, inclusive transporte abundante e crédito fácil, duas cousas essencialissimas. Mesmo nos Estados Unidos, onde êsses dois pontos teem sido devidamente atendidos, e onde a mecanização agrícola, muito difundida, contribui largamente para melhorar a situação, o êxodo rural é um fato e as condições relativamente dificeis do homem do campo subsistem, conforme ainda há poucos dias afirmava, entre nós, pela imprensa, o rvdo. Pe. Schlarmann.

As condições criadas pela guerra não fizeram senão agravar êsse estado de cousas, pela dificuldade de transporte, dificuldade na obtenção de máquinas e outras utilidades, que, aliás, subiram enormemente de preço. No Brasil, tudo isso foi ainda agravado pelo estabelecimento de um singularíssimo tabelamento dos produtos agrícolas, que tiveram seus preços fixados, em bases estáveis e relativamente baixas, enquanto cresciam vertiginosamente os preços de tôdas as outras utilidades.

* * *

Não queremos nos referir ao peão rural, o trabalhador de enxada. Êsse pobre diabo é um verdadeiro pária, a tal ponto que nem mesmo tem estímulo para prosperar, ainda quando se lhe facultam condições para isso. Realmente, não se falando do trabalhador rural do interior do Brasil, dos sertões, onde êle ganha ainda 2 cruzeiros por dia, se tanto, vivendo de feijão com angu ou de rapadura e passóca, mas detendo-nos a examinar o dos municípios mais ricos e chegando mesmo às visinhanças desta Capital, onde êle chega a perceber de 15 a 20 cruzeiros por dia, ainda assim não se consegue encontrar, senão mui raramente, homens capazes de progredir, de criar aos poucos a sua própria organização agrícola e os seus próprios meios de subsistência. Doente, sem cultura geral ou especializada, rotineiro nas suas fainas agrícolas, sem habitação e alimento adequados, sem assistência médica, sem escola para os filhos, geralmente numerosos, não admira que êsse homem seja um vencido e, como quase sempre acontece, um nômade, a quem tanto faz ganhar um pouco mais ou menos, morar aqui ou ali. Não tem qualquer ideal e, quando o tem, não pode realizá-lo e acaba se desiludindo.

* * *

Não é a êsse, todavia, que nos referimos, porém àquele que, embora igualmente um trabalhador rural, se encontra num estágio superior: o sitiante, o pequeno grangeiro, chacareiro, o pequeno lavrador, enfim. Êsse é habitualmente, ao contrário do outro, um homem que tem o seu ideal, pelo qual tudo tem sacrificado:

a sua propriedade. Geralmente de origem e condição modesta, o próprio fato de chegar a possuir bens revela a sua força de vontade. Êsse pequeno lavrador é o nervo do país. É a sua classe produtora por excelência, pois mesmo nas grandes propriedades agrícolas êle é de ordinário o capataz ou administrador. Enérgico, duro no trabalho, é êle o principal creador da nossa riqueza agrícola, máxime nas vizinhanças das grandes cidades, onde cuida dos estábulos, das chácaras e das granjas.

Que tem conseguido, entretanto, êsse produtor por excelência, nos últimos tempos? Acreditará alguém que a alta dos produtos agrícolas foi êle quem a fez, ou dela se aproveitou convenientemente?

O transporte, para êle, pràticamente não existe. Impossibilitado, geralmente, de possuir o seu caminhão, só pode lançar mão de pequenos e demorados veículos de tração animal, e isso quando reside muito próximo da cidade ou da estação ferroviária. Quer para trazer da cidade as suas compras, quer para levar os seus produtos, é um verdadeiro problema, pois às vêzes não acha transporte mesmo pagando preços absurdos. E, quando se trata de produtos deterioráveis, o prejuizo é certo.

O financiamento, para êle, é ainda mais difícil do que para os grandes proprietários rurais. Aliás, o financiamento agrícola, no Brasil, é incipiente. Os juros são altos e os prazos curtos. Não há armazenagem, não ha **warrantagem**, e da creação de silos só agora se começa a tratar.

Para o pequeno lavrador, há ainda um novo problema : geralmente as suas terras são mais caras e, às vêzes, piores. Explica-se, em poucas palavras, o fato, dizendo que essas terras são, por assim dizer, adquiridas a retalho, enquanto as propriedades de grandes extensões são compradas em bloco. Nessas condições, o problema da adubação é, para êle, contínuo e premente. O alto preço das suas terras força-o a só produzir artigos de melhor remuneração, que por sua vez exigem muita adubação, se agrícolas, ou muito tratamento, se pecuários. E, em ambos os casos, trabalho perseverante e duro.

Êsse pequeno lavrador, desajudado em matéria de financiamento, fica reduzido à contingência de tudo criar com o seu próprio trabalho. Reproduz uma situação análoga à dos pequenos industriais ou artífices que tentam estabelecer sua organização sem capital. Todo mundo sabe quantas lutas e quanto tempo são necessários para que o consiga. Êste, todavia, bafejado pela vida citadina, tem ainda certas possibilidades de financiamento ou de colocação de seus produtos que aquele não possui. Disso tudo resulta não termos, ainda, no Brasil, uma classe média, agrícola, organizada e eficiente. Os nossos sitiantes são, em grande porcentagem, estrangeiros — italianos, japonezes, espanhois ou portuguezes — que, não tendo habilidades industriais e não possuindo **padrinhos** capazes de lhes obter empregos nos centros urbanos, se dedicam ao rude labor da terra, tanto mais quanto era êsse o seu meio de vida no país de origem. Os pequenos sítios, chácaras e granjas dos arredores desta Capital, excetuados os de recreio, são, em grande maioria, propriedade de estrangeiros, ou a êles arrendados. E, nas proximidades da Capital Federal, nos terrenos de Santa Cruz, quando há poucos anos foi tentado o início da colonização e do cultivo da terra, localizou o Ministério da Agricultura numerosas famílias japonezas, levadas de São Paulo.

* * *

Ao pequeno lavrador, nacional ou estrangeiro, principalmente àquele, evidentemente, precisam ser concedidas ao menos algumas pequeninas vantagens sem o que êle sossobrará na sua tarefa hercúlea, como já vem acontecendo, com grave prejuizo para a coletividade. Realmente, não é pequeno o número daqueles que vem abandonando as suas propriedades, completamente exaustos e impossibilitados de continuar a viver de suas atividades agro-pecuárias.

Uma parte imensa do dinheiro da coletividade é gasta nas metrópoles ou mesmo nos centros urbanos do interior, em prédios suntuosos, avenidas asfaltadas, etc., que custam às vêzes dezenas de milhões de cruzeiros. Os grandes centros urbanos não podem, evidentemente, dispensar essas realizações. Cumpriria, porém, racioná-las, por assim dizer, de tal forma a que algum dinheiro sobrasse para obras mínimas e vitais, destinadas ao homem do interior.

Há, além disso, regulamentações múltiplas e exigentes, que dificultam a vida do homem do campo : numerosos produtos não podem ser adquiridos, outros não podem ser transportados livremente ; os caminhões de carga não podem conduzir passageiros, em certas circunstâncias ; os seus produtos nem sempre podem ser livremente vendidos, como acontece agora, por exemplo, com os ovos. E assim diversas outras complicações burocráticas, que, mesmo para os tempos normais seriam demasiadas e agora são simplesmente absurdas.

Até aqui temos falado do pequeno lavrador, em geral. Cumpre não esquecer, todavia, o caso particular do pequeno cafeicultor, ainda mais onerado, pois a alternativa que se lhe depara é a de obter um máo e desvalorizado produto, ou adquirir despolpadores e outras instalações onerosas, além de maiores despesas com mão de obra.

E são muito numerosos êsses pequenos cafeeicultores, principalmente em São Paulo, dada a grande subdivisão da propriedade, verificada nos últimos tempos.

Nessas condições, qualquer forma direta de auxílio que se lhes proporcionasse seria, em última análise, um auxílio à nossa cafeeicultura.

Quem aparecerá, capaz de estudar com espírito prático todos êsses problemas, sem burocracia e sem papelório, resolvendo-os todos pela melhor forma, desde o financiamento eficaz até o transporte pelo menos um pouco melhorado ? Sem essas providências, de nada adiantam os tabelamentos. Pelo contrário.

O PROGRESSO DA LAVOURA CAFEEIRA NA COLÔMBIA

J. E. Teixeira Mendes

Quando, em fins de 1936 e princípios de 1937, tivemos a oportunidade de visitar as zonas cafeeiras da República da Colômbia, pudemos observar que a situação da lavoura era de plena prosperidade.

Escrevíamos em nosso relatório : "Dos departamentos que visitamos, podemos assegurar que não há um só em que não se processe o aumento da área cultivada. Não há mesmo uma única fazenda que disponha de área e não a esteja aproveitando para aumentar seus cafèzais." (1).

Baseamo-nos, então, para estudar o número de cafeeiros existentes, nos dados mais recentes, que eram os do recenseamento realizado em 1931-32. Existiam, naquela época, em plena produção, 461.235.225 cafeeiros e mais 69.781.989 plantas novas, perfazendo tudo o total de 531.018.214 de cafeeiros. (2).

Notícias recentes (3) publicadas no "Boletin de Estadística", n.º 25 de abril de 1944, revelam a existência de 819.451.000 cafeeiros em produção e uma reserva de 129.841.000 indivíduos novos.

É impressionante o alargamento da lavoura cafeeira colombiana e mais impressionante ainda o número total de cafeeiros existentes, isto é, a respeitável soma de 949.292.000 cafeeiros.

Se nos dez próximos anos fôr mantido êsse mesmo ritmo de plantação, isto é, se houver um aumento de 65,63%, (aumento registado para o período anterior de dez anos) teremos a formação de mais 570.689.726 árvores, o que elevará o número de cafeeiros na Colômbia, em 1953, a 1.519.981.726 de indivíduos, ou seja, aproximadamente, o mesmo número que São Paulo atingiu quando no fastígio de sua lavoura cafeeira.

Comparemos os dados do recenseamento de 1932 com os que a nos são fornecidos atualmente.

QUADRO I

NÚMERO DE CAFEEIROS — COLÔMBIA

Departamentos	Em 1943	Em 1932	Diferença	
			em cafeeiros	em %
Caldas	236.079.000	95.139.765	140.939.235	148,13
Antioquia	165.600.000	98.109.552	67.490.448	68,79
Cundinamarca	122.461.000	64.698.690	57.762.310	89,27
Tolima	118.240.000	75.338.756	42.901.244	56,94
N. de Santander	99.360.000	60.136.279	39.223.721	65,22
Valle	92.736.000	45.841.840	46.894.160	102,29
Santander	52.992.000	43.791.649	9.200.358	21,00
Cauca	30.912.000	15.572.690	15.339.310	98,50
Huila	16.560.000	9.957.006	6.602.994	66,31
Nariño	5.520.000	5.390.787	129.213	2,39
Magdalena	5.520.000	10.633.954	— 5.113.954	— 48,10
Boyacá	3.312.000	4.818.281	— 1.506.281	— 31,30
Bolívar	—	1.588.972	—	—
	949.292.000	531.018.241	418.273.786	78,76

Como se vê houve um aumento de 78,76%, no número de árvores cultivadas, em um período de 12 anos. Os departamentos que maiores aumentos percentuais apresentaram foram, em ordem decrescente: Caldas (148%); Valle (102%); Cauca (98%); Cundinamarca (89%); Antioquia (68%); Huila (66%); N. de Santander (65%) e Tolima (56%).

O departamento de Santander se apresentou mais ou menos estacionário (21% de aumento), o mesmo acontecendo com os de Magdalena e Boyacá.

Em número de árvores plantadas destaca-se o de Caldas que conseguiu 140 milhões de novos cafeeiros; Antioquia com 67 milhões; Cundinamarca com 57 milhões; Valle com 46 e Tolima com 42 milhões.

Verifica-se que a expansão não se está verificando apenas nas novas regiões cafeeiras, como sejam Caldas, Tolima, etc., mas, também, nas mais antigas regiões, como sejam os departamentos de Cundinamarca e Antioquia.

Vejamos agora o acréscimo apresentado pela produção:

QUADRO II
PRODUÇÃO DE CAFÉ — COLÔMBIA

Sacos de 60 quilos

Departamentos	Em 1943	Em 1932	Diferença	
			em sacos	em %
Caldas	1.782,000	1.003.700	778.300	77,54
Antioquia	750.000	617.500	132.500	21,45
Tolima	700.000	448.400	251.600	56,11
Valle	700.000	354.400	345.600	97,51
Cundinamarca	480.000	405.500	74.500	18,37
N. de Santander	300.000	270.000	30.000	11,11
Santander	160.000	150.400	9.600	6,38
Cauca	140.000	55.500	84.500	152,25
Huila	100.000	50.500	49.500	98,01
Magdalena	25.000	20.500	4.500	21,95
Nariño	25.000	18.300	6.700	36,61
Boyacá	15.000	23.000	— 8.000	—34,78
Diversos	—	35.700	—	—
	5.177.000	3.453.400	1.723.600	49,91%

Os maiores aumentos percentuais em número de sacos de 60 kg. foram obtidos pelos departamentos seguintes, de acôrdo com a ordem decrescente: Cauca (152%); Huila (98%); Valle (97%); Caldas (77%); Tolima (56%); Nariño(36%); Antioquia (21%); Cundinamarca (18%); N. de Santander (11%) e Santander (6%).

Nota-se claramente que os maiores aumentos em produção foram obtidos pelos departamentos onde a cultura é mais recente e que, naqueles em que esta se acha instalada a mais tempo, a expansão de produção foi menor (Antioquia, Cundinamarca, N. de Santander, Santander). É que mesmo com grandes plantações em alguns dêles, não foi possível obstar um declínio percentual devido, provàvelmente, à menor produção dos cafèzais mais velhos.

Fato interessante a ser observado é que, conquanto a percentagem de novos cafeeiros plantados no período de 1932-43 seja de78,76% dos que havia anteriormente, a produção apenas aumentou em 49,91%, em relação ao que se colheu naquela data. Isto quer dizer que os novos cafèzais não entraram ainda em plena produção e que assim que atingirem completa produtividade teremos de constatar maiores colheitas ainda.

O número usado pelo Boletin de Estadística de 5.177.000 sacos para a produção da Colômbia se refere à média do triênio 1940-41 a 1942-43. Se examinarmos a produção, ano por ano, nesse período, vamos ver que a produção já atingiu nível bem maior que aquêle. (4).

Produção de Café — COLÔMBIA

1.º ano de quota 1940-41	4.760.760 sacos de 60 quilos
2.º ano de quota 1941-42	5.487.626 sacos de 60 quilos
3.º ano de quota 1942-43	5.282.659 sacos de 60 quilos
Média do triênio	5.177.015 sacos de 60 qnilos

Um fato torna-se patente. A Colômbia entrou decididamente em um período de aumento acelerado de suas plantações cafeeiras. O que até há poucos anos era a sua fôrça e resistência, isto é, um aumento constante e paulatino de suas lavouras, está se transformando em correria para as produções maciças. Haverá braço suficiente para a colheita? Sofrerá o produto em sua qualidade? São perguntas que só o tempo poderá responder.

Conclusões:

1.º) A Colômbia plantou 418.273.000 novos cafeeiros no período que vai de 1932 a 1943;

2.º) Êsse aumento corresponde a 65,63% dos cafeeiros existentes em 1932, se considerarmos um período de 10 anos;

3.°) Se se mantiver êsse mesmo ritmo de plantação, em 1953 a Colômbia deverá apresentar a extraordinária cifra de 1.519.981.000 cafeeiros.

4.°) No período examinado de 12 anos houve um aumento de 78,76% no número de cafeeiros ; no entanto, a produção aumentos apenas em 49,91%, em sacos de 60 quilos.

5.°) É de se prever, portanto, para os próximos anos, aumentos maiores, ao passo que os cafeeiros vão atingindo plena produção.

Literatura citada :

1 — Camargo T. e Mendes, J. E. T. — Viagem de estudos aos países cafeeiros das Américas do Sul e Central. — Colômbia — pg. 81 — 1941.

2 — Anônimo. — Boletin de Estadística. Censo Cafetero levantado em 1932. Boletin Federacion Nacional de Cafeteros. — Bogotá — extraordinário n.° 5. pg. 119 — fevereiro de 1933.

3 — Anônimo. — Boletim de Estatística n.° 25. pg. 41 — abril de 1944. Federacion Nacional de Cafeteros — Bogotá

4 — Idem, idem, pg. 30.

Plantar uma árvore de *madeira de lei*, para substituir uma outra que o machado derrubou por necessidade, é medida de prudência e alta sabedoria.

Resumos e Transcrições

Sombreamento do Café

Tema apresentado pelo Dr. Eduardo P. Ralston, sócio da S. R. B., em reunião do VI.º Congresso da Lavoura do Est. de São Paulo.

Fazendeiro que sou, há longos anos, no município de Terra Roxa, neste Estado — foi sempre com os olhos apreensivos e profundamente comovidos que vi e assisti ao espetáculo predatório do machado na eliminação dos velhos cafèzais. Era uma riqueza imensa, fruto de tanto suor e sacrifícios, que se relegava à má sina dos intrusos, como que a atravancar o lugar, na terra ainda fertil, que poderia ser ocupado pelo algodão, pelo milho e onde estas culturas produziam admiravelmente.

Só o Café — martir talvez de uma situação tremenda que a ninguem foi dado definir com justeza de argumentos — não mais produzia. E eram por milhões os cafeeiros arrancados. Uns alegavam que essa ruína fragorosa era fruto do DNC. das taxas escorchantes, da retenção tenebrosa, das quotas de sacrifício, etc., e outros mais avisados afirmavam que não, que não era tanto o DNC, mas, era efeito da ação causticante das sêcas repetidas, das geadas imprevisíveis, dos ventos tétricos que vinham do Sul — da climatologia, enfim, do planalto que estava se tornando em madrasta para com o cafeeiro, na sua ação predatória, cada vez mais acentuada.

Quem, como, eu, assistiu ao espetáculo da avançada para os rincões da grandeza inabalável, atupidos daqueles impressionantes mataréus virgens lá por aqueles tempos em que o nosso famoso hinterlande prodigalizava aos cafèzais o proclamado **bafo do sertão** e de que ainda nos recordamos com saudades ; quem, como eu, vem também presenciando o regredir da opulência, onde os recursos mais exaustivos da adubação não conseguiram preservar o cafèzal paulista do quadro deficitário das zonas velhas ; onde a erosão não logrou siquer estabilizar o meio têrmo razoável da situação calamitosa — não pode, meus senhores, deixar de sentir o coração apertado de angustias ao presenciar tão rápida mudança de comércio.

A vida do homem, por mais curta que pareça, não deveria ser assim tão efêmera para poder assinalar, nêsse pequeno espaço de tempo, transformações tão radicais ! A estabilisação da cultura cafeeira ainda não foi feita no Brasil. Bem ao contrário, ela vai peregrinando na sua situação de nômade vampírica, sempre em busca de húmus, cada vez mais para o sertão ! Ela jamais se estacionou numa só região para poder se constituir em herança segura do avô para o neto, porque o que o filho recebe do pai já não é a uberdade do solo, nem a riqueza decantada da fazenda, e, sim, muitas vêzes, a ruína, assunto que de tanto conhecido já se tornou sediço nos exemplos das cidades mortas.

Tem-se pregado também contra a quase inutilidade da adubação química e mesmo da orgânica na restauração dos velhos cafèzais. Isto seria, sem dúvida, o fracasso da Ciência ante o problema insolúvel, o que não podemos acreditar. Fazendeiros velhos e devotados a quem veneramos pela tenacidade e pela inteligência costumam proclamar a inanidade de esforços em prol dessa cafeicultura já entrada em decrepitude. E vão, por isso, bater o machado nos troncos seculares da floresta, o bafo do sertão é mato, segundo a expressão da gíria, para a formação de outros futuros mares de café. E deixam, atrás de si, nas zonas velhas tudo o que é bom

e organizado: a colônia construida de tijolos, o terreiro ladrilhado, cimentado, as tulhas, as máquinas instaladas, a água canalizada, a luz elétrica, o rádio que põe o lavrador em dia com o mundo exterior.

Deixam a própria terra em que nasceram e onde o milho dá 10 carros por alqueire si bem trabalhada e onde o algodão produz 200 arrobas, com um pouco de adubo nas sementes. Só não dá o café. Só não dá a planta que se tornou já agora, em cultura deficitária. E porque velha ou não a terra roxa, a massapé ou a arenosa da Noroeste, as replantas que aí se tentam não mais se formam, ou si se formam a custa de muita matéria orgânica, logo derream-se desnutridas, ao fim das primeiras colheitas. É o quadro alarmante da zona velha, onde os cafèzais foram exterminados sob a caudal de uma verdadeira psicóse coletiva, a serviço do machado. Um meu eminente amigo, fazendeiro ilustre, exterminou mais de um milhão de cafeeiros, e, agora, está iniciando a plantação de vinte mil pés. Ribeirão Preto que possuia, ainda há poucos anos, 36 milhões de pés, está reduzida a cêrca de 8 milhões. É horrível a situação! Já se pensou, aliás, em indenizar os devassadores de tais cafèzais por representarem peso morto na economia brasileira. E si predominasse, acaso êsse critério, teríamos que destruir 75% da lavoura de S. Paulo!

Alegam fazendeiros e técnicos que o ar que se respira no planalto já não é mais aquele ar fresco, saturado de umidade dos antigos tempos, quando abundavam as chuvas por mercê da outrora dispersão das matas por tôda a parte e que depois se abateram. Êsse ar que se respira é quase saharico nos meses de maio novembro, crestando e desorganizando a função fisiológica do cafeeiro que segundo todos afirmam, é planta de subosque, isto é, é planta da meia luz filtrada das clareiras florestais onde a umidade é constatada, em elevada porcentagem, durante o ano inteiro, quer no ambiente atmosférico em conseqüência da evaporação vegetal, quer no solo em conseqüência da retenção da água pelo húmus.

Êstes problemas todos constituem verdadeira preocupação para o lavrador que deseja acertar, tendo em vista a dura realidade das geadas, a calamidade das sêcas. É sabido de todos que estamos entrando no terceiro ano das grandes estiadas onde se constata uma secura extrema na atmosfera, a ponto de as folhas do cafeeiro já estarem se encaracolando, ante a canícola brava, em defesa contra os desperdícios da evaporação.

Três sêcas e duas geadas, além dos ventos frios, não deixam de assaltar o espírito do lavrador de angústias e preocupações.

No meu município, onde ainda, felizmente, possúo 260.000 cafeeiros, a custa de quantos sacrifícios (!) tenho constatado a veracidade do muito que acabo de expôr, sem nenhum pessimísmo. Os cafeeiros reagem pouco e vagarosamente sob a ação da matéria orgânica e dos adubos si as chuvas não forem bem distribuidas e copiosas também no inverno. Exemplo: o farelo do algodão. Ninguem nega o valor dêsse enérgico adubo, mas êle falha completamente quando não há umidade no solo, decorrente das chuvas copiosas. E o esterco de curral, nós que o fazemos com tanto cuidado, é que sabemos quanto êle nos custa!

Do mesmo passo, as replantas. Não vingam, sob a canícula abrasadora. Pode-se dispensar o maior cuidado na seleção, na plantação em balainhos, etc.,... o ar sêco que não oferece mais que 51% a 53% de umidade relativa, sob a adustão impiedosa, recresta a jovem planta, reduzindo-a a um espectro do que foram seus frondosos avós. Isto quer dizer que o cafeeiro não mais se forma no planalto, sob os mesmos sistemas até agora seguidos pela lavoura em geral.

Foi deante dêsse quadro angustiante, e, exatamente quando se debatiam em 1937, os problemas do arrancamento em massa dos velhos cafèzais deficitários, que me propuz a estudar uma fórmula capaz de assegurar aos meus 260.000 cafeeiros uma longevidade maior, dentro de uma condição econômica salutar para a vida da planta que pedia, que clamava, a todo o transe, aquele já desaparecido e saudoso **bafo do sertão.**

Foi por essa época que, ao ter regressado de sua longa viagem pela Colômbia, Venezuela, México e países da América Central, em missão de estudos, o então diretor do Departamento Técnico do Café, dr. Rogério de Camargo, procurei avistar-me com êsse técnico, ansioso que estava de encontrar uma solução para o meu problema maduramente reflexionado. Antes, porém, organizei, para obter a necessária resposta, as cinco seguintes perguntas:

1.ª) — Porque razão os países que nos fazem concorrência apresentam sempre uma linha de produção quase invariável, principalmente aqueles países da América, não se registrando nêles os extremos chocantes das nossas safras em que, em um certo ano, produzimos disparatadamente e em outros muito pouco ?

2.ª) — Porque êsses países, apesar da nossa superprodução estar a provocar a queima de milhões e milhões de sacas, aumentavam as suas safras num crescendo, embora não espetacular, mas numa linha firme e ascendente ? (Observe-se que nêsse ano em que regressára o dr. Rogério, isto é, em 1937, os nossos concorrentes exportavam apenas 10.500.000 sacas e agora, segundo dados do DNC já exportam..... 15.000.000).

3.ª) — Porque a quase totalidade dêsses cafés estrangeiros era e é constituida de afamados despolpados, **ditos lavados** e denominados MILDS, sabendo-se que só a Colômbia conseguia despolpar 99% de sua produção, quando no Brasil não conseguiamos siquer meio por cento na média geral ou cêrca de 10% nos casos individuais de lavradores ateimados em apresentar algum despolpado, para o efeito da venda rápida ?

(Aliás, eu faço empenho em destacar aqui a pertinácia de Juca Homem de Melo que tem produzido, em Itatinga, como exemplo raro, até 40% de suas safras de despolpado finamente trabalhado).

4.ª) — Porque razão êsses despolpados da Colômbia, da Venezuela, etc. apresentam sempre um aspecto tão belo na côr, na uniformidade da seca, e, principalmente na conservação, por vários anos dêsses característicos, quando é sabido que os nossos despolpados branqueiam ràpidamente nos armazens, logo depois de beneficiado ?

5.ª) — Porque razão, os cafés dêsses diversos países, que muito se distanciam uns dos outros no mapa e bem assim na sua profundidade longitudinal, isto é, desde a linha do Equador, na Colômbia e Venezuela, até o trópico do Câncer, no México, em tantos climas diferentes, em tantas terras diferentes, apresentam sempre a mesma qualidade, sempre o mesmo aspecto dos **milds** em sua grande maioria ?

Essa, as perguntas que elaborei ao dr. Rogério de Camargo. Pois bem. A resposta que obtive, aliás, circunstanciadamente, durante as duas horas de palestra técnica que mantivemos, podia ser assim resumida, numa única e expressiva palavra: SOMBREAMENTO.

Era, pois, com o sombreamento — dizia-me o dr. Rogério — que os nossos concorrentes mantinham, invariáveis, as suas produções de um ano para o outro, dado que o cafeeiro, sob as árvores de sombra, fica protegido contra as intempéries, mórmente protegido contra os ventos frios, as geadas, a secura do ar, a secura do solo, etc.. Era com o sombreamento que o cafeeiro poderia constituir cultura secular, e, não de aspecto nômade como no Brasil, porque, sendo de natureza um arbusto de subosque, êle encontrava junto às árvores que lhe eram afins, tôdas as condições favoráveis à sua mais ampla longevidade, não se tendo ainda medido até quando poderia viver uma planta em tais condições. Era ainda com o sombreamento que se poderia obter o mesmo padrão de qualidade nas diversas zonas da Venezuela, da Colômbia e também nos países da América Central, como se o fruto de tantas regiões diferentes fosse obtido num só município, numa só fazenda. Era, pois, com o sombreamento que se assegurava a qualidade impar dos **milds,** em qualquer lugar, em qualquer zona, em virtude da possibilidade da colheita em massa do **cereja** e de seu imediato despolpamento e cuja secagem perfeita era assegurada também pelas usinas pertencentes a exportadores ou grupos de fazendeiros. Enfim, em organizações realmente técnicas.

Como bem se pode imaginar, as perguntas aí feitas tinham o objetivo de solucionar o meu problema, o problema da restauração dos meus velhos cafeeiros, quer quanto à longevidade, quer quanto à produção econômica de produto fino — bem como de um modo geral sôbre o processo universalizado do sombreamento e que no Estado de S. Paulo era acerbamente combatido. Não havia em S. Paulo, na realidade, uma só experiência de sombreamento, nem mesmo nos estabelecimentos oficiais.

Por essa época, isto é, já em 1938, chegou-me um convite que então me fazia aquele mesmo diretor do Departamento Técnico do Café para uma viagem ao Estado de Sta. Catarina onde iriamos encontrar alguma cousa que revelava o valor do sombreamento, embora em escala muito precária naquelas pequenas lavouras, sempre mal cuidadas dos sitiantes lá de Camburiú e vizinhanças, quase à beira mar. Não regeitei o convite e foi c m especial agrado que me incorporei à comitiva onde também se encontrava o ilustre técnico cafeicultor, dr. Joaquim de Barros Alcantara, lavrador em Caçapava.

Tivemos, então, o prazer de constatar o muito que valia o sombreamento feito por ingazeiros naquela região sulina, quase sempre batida de ventos frios, e não menos pelas ocorrências das geadas. Vimos, aí, cafèzais viçosos, enormes, bem vestidos, a um pé por cova, produzindo muitos dêles de 3 a 4 caixas (de gasolina) de cereja rutilante ! Vimos aí, junto ao mar, lindos cafèzais plantados em terrenos de areia quase lavada e que si se tornaram férteis foi devido à ação humificadora das folhas que despejadas anualmente pelas árvores de sombra, atapetavam o solo por densa camada. Não pudemos, porém, constatar aí a presença de galhos secos, dêsses tão frequentes galhos sêcos que integram a paisagem triste das lavouras velhas de S. Paulo ! O cafeeiro produzia, a nossos olhos de observador atento e desconfiado, mais abundantemente e melhor, pois o cereja era mais graúdo nos ponteiros viçosos que próprimente nas saias. Era o inverso do que se observava em nossas lavouras insolaradas.

E si já em 1937, eu tinha iniciado o sombreamento com a ajuda técnica e as vistas cuidadosas de Rogério de Camargo, — em 1938, a minha fé viva na nova modalidade cultural fez-me enveredar para uma tentativa de mais larga escala. Assim é que preparadas as mudas em viveiro, dei início à plantação das árvores, numa área ocupada por cêrca de 100.000 cafeeiros.

Era a primeira tentativa, contra a opinião unânime, de sombrear um velho cafèzal ensolarado.

Não poderei deixar de citar aqui a boa vontade com que também me acudiu nêsse momento oportuno o então diretor do Horto Florestal de Bebedouro, o dr. Armando Jordão. Todos os espécimes que êsse Horto me pôde fornêcer, naquela época, foram-me enviadas para a experiência em larga escala. Com exceção do ingàzeiro — cujas sementes devem ser imediatamente semeadas, logo após a colheita da vagem madura — recebi uma boa porção de mudas de Tipuana speciosa, de grevilhas, de magnólias, de mata-fome (hovenia dulcis) e muitas outras que passaram a constituir o nosso primeiro cabedal de sombra.

Grande parte dessas árvores sombreadoras não apresentou, no entanto, os resultados desejados. Assim foi com o **mata-fome**, exatamente aquela que pela rusticidade e seu maior número, parecia-nos a princípio, a mais indicada. Tivemos de meter o machado nessas árvores numa extensão de 70.000 cafeeiros, logo no seu quarto ano de crescimento. Essas árvores não faziam a sombra espalhada requerida e despinham-se completamente na época do frio e das sêcas. Não ofereciam, pois, aquela típica afinidade para viver consorciada ao cafeeiro, como já haviamos constatado com os ingàzeiros e as tipuanas. Notavel, sem dúvida, é essa afinidade de ingàzeiro para com o cafeeiro, como mais adeante mostrarei.

Tinhamos, então, cêrca de 30.000 cafeeiros em franco início de sombreamento. O talhão sombreado com a tipuana era sem dúvida o que mais prometia nessa época, isto é, 4 anos depois da plantação, em virtude do mais rápido desenvolvimento dessa nossa acácia indígena. Entretanto, era o ingàzeiro o que iria suplantar a todos os especimes pela esplêndida conformação de sua copada e principalmente pelo fornecimento abundante da matéria orgânica. Eu me refiro ao ingàzeiro mais conhecido em S. Paulo e cuja área de dispersão abrange todos os Estados do País, isto é, o **Ingá edulis,** também conhecido por ingà rabo de mico ou ingà cipó. Essa espécie é também a mais estimada na Colômbia por suas vantagens excepcionais. Uma árvore de 5 anos dêsse ingà já produziu um quilo de matéria orgânica, sêca ao natural, em cada metro quadrado de chão e por ano. Mais tarde, produzirá dois quilos. Haverá maior necessidade de matéria orgânica, quando se sabe que a terra para se manter rehumificada necessita apenas de 400 a 600 grs. de húmus ?

A Tipuana, entretanto, não deixa de apresentar também as suas grandes vantagens. Ela oferece boa copada, cresce mais ràpidamente que o ingàzeiro, porque é mais rústica. Entretanto, não produz mais de 500 a 600 grs. de folhas sêcas por metro quadrado e por ano. O consórcio desses dois especimes muito bem lembrado pelo dr. Carlos Wright, ilustre lavrador em Vera Cruz, poderia solucionar um grande problema que é o de puxar mais os ingàzeiros no seu crescimento. Mesmo porque, a técnica administrativa pelo dr. Rogério de Camargo, nos cafèzais velhos, foi a de se plantar uma árvore em rua pulada, nos dois sentidos, isto é, uma sim, uma não. Essa modalidade apresenta a vantagem de se obter o sombreamento e bem assim os seus efeitos com relação ao bafo do sertão, qual seja a umidade mantida em torno às árvores, o mais ràpidamente possível — visto que no dizer daquele técnico uma árvore ou árvores esparsas não fazem sombreamento, assim como uma andorinha não faz verão.

Isto, entretanto, não deve dar a impressão de que o sombreamento seja denso, de maneira a impedir a penetração da luz que, aliás, deve ser em coalhos peneirados. O café não prescinde da luz. O que se objetiva, com esta disposição das árvores, considerando-se a distância de um a outro cafeeiro, é apenas a maior regularidade na distribuição da sombra, desde o início do crescimento e desenvolvi-

mento das copadas. Mais tarde, então, depois de 8 a 10 anos, quando êsse sombreamento se tornar fechado, ter-se-á que eliminar uma árvore, uma sim, uma não, nas carreiras, ficando, pois, em seu compasso definitivo, os ingàzeiros, desde que eliminadas as tipuanas. E ter-se-á, assim, com a morte dessas árvores o fornecimento de matéria orgânica em maior quantidade, quer pelo raizame a apodrecer no solo, quer pela própria queda das folhas. A morte será provocada com o descascamento do tronco, à meia altura do solo. E ter-se-á, além do mais, uma boa fartura de lenha. Sem dúvida que o ingàzeiro deve ser a árvore eleita pois êle representa mais de 80% da preferência mundial.

Entretanto, vejamos o efeito do sombreamento, ao atingirem as árvores de sombra de 5 a 6 anos, tendo em vista o que tem ocorrido em nosso velho cafèzal de 30 anos, já em miserável estado de desnutrição.

Até o terceiro ano, nenhuma mudança constatamos no cafèzal. Ele se manteve naquele aspecto marasmático de varas sêcas e folhas miúdas, encaracoladas, com suas palmetas muito fracas. Estacionou. Entretanto, começamos a anotar que o mato que avassalava a cultura não o prejudicava tanto, embora não fizessemos as capinas seguidas, como de praxe. Já no seu quarto ano, êsse mesmo mato nenhum prejuizo determinou. A terra estava úmida, mesmo no período da sêca. Pois, até deixamos de fazer as capinas usuais.

A produção até êsse tempo, variava, nêstes talhões, de 10 a 20 arrobas, isto é, estacionara-se nessa média ínfima durante os anos de crescimento das árvores. Era, entretanto, preciso convir que êsse cafèzal de perto de 30 anos, no município de Terra Roxa, poderia ser considerado velha cultura deficitária, como geralmente o são os cafèzais da zona, nessa idade.

Entretanto, ao completar o quarto ano de crescimento das árvores — e porque a sombra já era promissora — os cafeeiros começaram a tomar um novo aspecto: — as palmas a se desenvolverem com mais rigor, com aquela coloração natural das plantas cultivadas em viveiro, isto é, com suas folhas grandes, de quase palmo, muito lustrosas. Notava-se, então, o início da restauração, assás esperada.

Foi porém, no quinto ano, que êsses cafeeiros sombreados readquiriram a sua notável reação restauradora, pois, as palmas então desenvolveram-se extraordinàriamente nas secundárias, nas terciárias com viço fora do comum.

Por sua vez, a produtividade foi o maior índice dessa restauração. Já no ano de 1942/43, e, conseqüentemente depois de completados os quatro anos de plantação das árvores, colhemos uma média de 60 arrobas por mil pés nêsses talhões sombreados, enquanto a média da fazenda atingiu a 32 arrobas por mil pés. A safra dêste ano, ainda em colheita, deve ser equivalente ou mesmo inferior a do ano passado, em conseqüencia da póda feita, a fim de corrigir a grande brotação verificada nos cafeeiros por efeito da ação benéfica do sombreamento. Esperamos, entretanto, para o próximo ano, uma boa safra, capaz de atingir a casa das oitenta arrobas por mil pés, porque os cafeeiros estão preparados para isso. Devo salientar que eu e o dr. Rogério combinamos de não proceder, durante o crescimento das árvores, a nenhuma espécie de adubação, nem química, nem orgânica, a fim de que não se viesse a atribuir a esta prática o que se poderia dever ao sombreamento simplesmente. Aliás, esta produção assim crescente, sem nenhum outro trato especial, vem demonstrar a premissa falsa dos que afirmam que o sombreamento diminui a produção. Na marcha ascendente em que progride a restauração dêsse nosso cafèzal, na verdade, não sabemos ainda o limíte que poderá atingir a sua produção. O fato é que está, agora, aumentando a olhos vistos, e, com mínimas despesas de trato, isto é, de capinas.

Poderíamos enumerar a favor do sombreamento, também êsse detalhe. Ora, si o cafèzal insolado pode, num determinado ano, produzir exuberantemente, o reverso da medalha é o aspecto de depauperamento que se apresenta no ano seguinte, ou mesmo dois anos depois, em que êle difìcilmente produzirá um décimo das grandes safras. E destarte, o sombreamento ainda leva a melhor, porque uniformisa a sua boa média em tôdas as colheitas — o que é sempre melhor do que aquelas bruscas variações.

Como se pode vêr, o sombreamento está sendo resolvido plenamente favorável, em minha propriedade. A minha experiência, apesar da descrença geral por aí postulada, de que o cafèzal velho isolado não mais se habituaria à sombra, está sendo coroada de pleno êxito. Não sou visionário, nem tão pouco lavrador de clube, segundo a expressão desabonadora. Moro em minha fazenda e trago os meus trabalhos culturais sob o mais rigoroso censo econômico. Procuro proteger a minha terra como um legado do Céu e espero passá-la a meus filhos tão fertil como quando a consegui. Por isso estou convicto de estar no caminho acertado. Mesmo essa experiência foi feita silenciosamente, dentro do mesmo silêncio com que cresceram aquelas árvores tutelares, sem ruídos. Agora, entretanto, é que ressaltam aos olhos de quanto as visitam, o milagre da ressurreição do cafeeiro. Só, agora, é que pude avaliar, após tanto ouvir dizer, o quanto o cafeeiro arábico é uma planta que ama verdadeiramente a sombra.

Vejamos, agora, o resultado econômico do sombreamento, nestes primeiros anos de sombra:

As capinas que antes eram sucessivas, passaram a ser, no sombreado, objeto senão de luxo, ao menos de providências prolongadas. Apesar de não capinar o talhão de 15.000 pés de tipuanas, êle não deixou de produzir logo no quarto ano, aquelas 60 arrobas por mil pés. Em face dessa produção auspiciosa, tomamos então em maior consideração os cuidados culturais sendo certo que procedemos a duas capinas — as únicas que ocorreram durante o ano — e que ficaram numa base de 105 cruzeiros por mil pés, enquanto no talhão isolado, gastavamos 600 cruzeiros por idêntico serviço e por contrato. Hoje, êsse talhão sombreado pouco mato produz. A sombra ou melhor a luz peneirada não tem permitido o amadurecimento das sementes nem do capim colchão, nem do pé de galinha. O amendoim bravo, de terra fresca, suplantou essas terríveis gramíneas dos cafèzais insolados. E agora até essa praga boa está desaparecendo.

Em tais condições, é lícito presumir que o café vai se tornar em indústria estrativa, tendo em vista a colheita em larga escala do cereja, que permanece largo tempo maduro, no galho. E quando seca, não cai ao chão. Murcha, apenas, esperando a mão do colhedor para recolhê-lo ao pano ou no cesto.

Quanto a broca, êsse espantalho a que se apegam técnicos e fazendeiros que combatem o processo universal ,ainda não me causou a menor intranquilidade e nem prejuizos. Tenho-a lá na fazenda. E me sinto feliz em dizer que a tenho também no talhão sombreado. Feliz, repito, porque sempre preferí "pegar logo o boi à unha" do que encher a cabeça de preocupações ao fantaziar o seu perigo no dia em que me atacasse o cafèzal sombreado. Assim, com a observação já de 4 anos, a broca deixou de constituir para mim o ponto de interrogação de sua terrível ameaça. Daí, a minha disposição ao anunciá-la que felizmente já a passou. Mas, é tal o seu dano, no sombreado, que em dois quilos de café despolpado, da presente safra,

foram apenas encontrados, depois de muito procurados, apenas três grãos brocados. Deixei, de propósito, boa parte do café sêco isto é, **em passa,** para ser colhido nêste mês de Julho, a fim de poder constatar o máximo da infestação, dado que pretendo controlar o aumento da praga ou a sua diminuição ante o seu inimigo terrível a vespinha de Uganda que costuma trucidar por simples desporto 26 brocas por indivíduo, segundo constatou o dr. A. Toledo, do Instituto Biológico. Estou certo que a vespinha há de fazer o mesmo milagre constatado na fazenda S. Pedro do dr. Joaquim de Barros Alcantara, em Caçapava, onde a broca só existe em porcentagens que não passam da casa dos milésimos, embora aquele seu sombreamento com bananeiras prata tenha já atingido a seis anos, e, seja ademais, um sombreamento bem mais denso que o meu. Si, entretanto, falhar a vespinha — o que seria absurdo — sòmente a colheita do café cereja em massa naqueles cafeeiros abertos do sombreado, constituiria a mais segura eliminação da broca, como se faz em Kenia. E como em Kenia, acredito que só o sombreamento poderá facultar essa colheita do cereja em massa, e, portanto um repasse segundo a técnica aconselhada. Tenho, pois, a infestação da broca em meu cafèzal sombreado, desde o seu início, e, pois, até a presente data ela não me trouxe ao espírito a menor preocupação para diminuir, na realidade, o sucesso do sombreamento. Porque — e disto estou plenamente convencido — ou S. Paulo resolve o seu problema cafeeiro com o sombreamento, tendo embora ao lado a bróca com o seu inimigo a vespinha, ou então S. Paulo, dentro de mais dez anos, conforme asseverou o sr. Interventor Fernando Costa, não possuirá mais cafèzais.

E então se perguntará: Com que suster, depois, a economia do País?

Com o sombreamento e mais a broca ainda teremos café. Sim, teremos cafés milds, finíssimos, comparáveis aos dos nossos concorrentes, podendo, portanto, deslocá-los ou superá-los até em qualidade. Aumentando a nossa exportação. Mas, meus senhores, sem broca e também sem sombreamento, a lavoura base da grandeza econômica seguirá êsse curso natural de sua ruína que estamos assistindo desde o Estado do Rio, desde o Vale do Paraíba.

Eu preferirei o caminho do sombreamento, e, por isso estou sombreando mais cem mil pés. Tenho com isso a certeza de não legar um deserto aos meus sucessores. E estou cumprindo o meu dever patriótico de melhorar o clima do planalto, na parte que me compete.

Entretanto, meus senhores, há ainda uma vantagem enorme não levada em consideração neste presente ensaio cultural. É o que representa a diferença, a mais, no rendimento em quilos por cem litros de café em côco. Si certo é que no sombreado os frutos se desenvolvem melhor, tornam-se mais cheios, mais grúdos, mais uniformes, mais certo ainda é o seu rendimento em peso. Por isso que, enquanto no cafèzal insolado cada cem litros de café em côco apresenta uma média de 17 a 18 quilos, já no sombreado êsses mesmos cem litros dão de 22 a 24 quilos de café beneficiado. É uma diferença a mais de pelo menos 4 quilos de beneficiado que a 6 cruzeiros perfazem uma diferença de 24 cruzeiros em cada saco de cem litros de café em côco. Não parece interessante êste convite ao sombreamento?

Meus senhores.

É preciso convir, entretanto, que o braço para a lavoura está, dia a dia, assumindo a proporção dos problemas sociais mais complexos e difíceis.

Cessada a importação do colono estrangeiro e diminuida consideràvelmente a introdução do homem do Nordeste que vinha assolado pelas sêcas periódicas, a lavoura passou a debater-se numa angústia tremenda. É bem verdade que a lavoura cafeeira teve que repartir o seu braço à sua co-irmã, a lavoura algodoeira, agora, multiplicada algumas vêzes na sua área, graças, sem dúvida, a essa mesma e generosa sombra do café que a fez tão próspera em seu próprio prejuizo. Foram nos cafèzais que se plantaram em escala impressionante, os primeiros algodoais de S. Paulo. Basta que se lembre da geada de 1918. Entretanto, o problema do braço não se reduz apenas à sua escassez. Necessitamos prendê-lo à terra para que não busque o fascínio das cidades ou as decantadas grandezas do sertão.

Como, porém, estabilizar o homem à cultura cafeeira si essa mesma lavoura ainda não está estabilizada? Será que o lavrador de café terá a sina desse Ashaverus errante, a viver mais com os olhos fixos na Méca do sertão cobiçado, do húmus milenário, que pròpriamente nos problemas da lavoura em decadência? Si, assim fosse, estaria já decretada a falência da decantada lavoura bandeirante. E então precisariamos de invocar novos estadistas para que nos apontassem desde já, o produto que deveria substituir o café antes que êle acabasse de todo.

No meu modo de ver, o problema do braço a ser fixado na fazenda, poderá apresentar muitas alternativas, em face do sombreamento. Reduzindo-se extraordinàriamente as capinas, como é óbvio, e reduzindo-se também os trabalhos da adubação — porque o húmus acumulado pela queda das folhas das árvores tutelares constituirá manancial bastante de refertilização — o colono terá multiplicado o número de cafeeiros para o trabalho braçal menos árduo, menos fatigante.

Será simplesmente um trabalho à sombra, o que todos invejam. Conseqüentemente uma melhor poupança de energia. Um melhor rendimento.

Mas, o operário, si de um lado encurta o seu braço no bater da enxada, de outro êle espaceja a superfície a ser tratada. Quem tratou de dez mil passará a tratar de 40.000 pés, folgadamente. Mesmo porque o sistema de sombreamento aqui preconizado não mais permitirá a coroação, abolindo-se, de outra parte, a operação inversa — a esparramação. E porque o café não cai ao solo, mesmo depois de murcho, a colheita far-se-á em pano ou em cestos como praticada na Bahia, Pernambuco, Sta. Catarina e como está sendo praticada em S. Paulo pelo ilustre dr. José Homem de Melo.

Entretanto, é preciso que o braço exista no momento exato da colheita. Porém, não basta apenas que êle exista. Torna-se necessário fixá-lo de vez à terra, Fixá-lo pelo interêsse imediato, a fim de evitar-se que êle também se torne em nômade e não venha a alimentar no cérebro as grandezas dos Campos do Mourão a duzentos quilômetros de estrada de ferro, relegando o confôrto que todos aspiramos ao abandonar a civilização dos paulistas a lhe bater às portas com muito mais vantagens.

Meus senhores.

Depois de muito conjecturar sôbre esta nova fase do problema, entendí solucioná-lo da seguinte maneira:

1.º) Sombreando a lavoura inteira, como é óbvio.

2.º) Dando aos colonos para as culturas imediatas, do seu próprio interêsse, uma área de terras cultiváveis suficiente para a sua manutenção e lucros.

Vejamos :

A solução prática dêste problema não é tão fácil como a princípio poderia parecer. Atentemos, pois, na maneira de realizá-la tendo em vista principalmente os justos reclamos dos colônos, reclamos cada vez mais acentuados, como sabemos.

Si considerarmos que uma lavoura de 16 palmos, cada cafeeiro fica equidistante do outro por 3,52 mts., teremos que cada retângulo que comporte, por exemplo, 120 cafeeiros de um lado por 60 cafeeiros do outro, enquadra um talhão de 7.200 cafeeiros.

Si tomarmos então a deliberação de arrancar duas linhas de cafeeiros entre cada oito linhas, teríamos assim (obedecendo o sentido das 120 linhas) 11 faixas livres, mais largas que um carreador e sempre no sentido de cortar as águas. Cada uma dessas faixas teria assim 7 mts. por 207 mts. ou sejam ainda 1.449 mts. quadrados. Si somarmos tôdas as áreas representadas por essas 11 faixas de cada talhão, teríamos a área respeitavel de 15.939 mts. quadrados. Em 100.000 pés o resultado seria êste : 271.170 mts. quads. ou sejam pràticamente 11 alqueires.

— Que fazer com essas faixas ? — perguntar-se-á. E responderiamos : dá-las aos colônos. Sim dá-las aos colônos para as suas plantações, isto é, amarrá-los definitivamente ao interêsse imediato de fazê-las produzir o que mais conviesse, desde os cereais e outros mantimentos até a menta, a soja, o amendoim. Teríamos assim, lado a lado os dois interêsses, o do patrão e o do colôno que vai tratar melhor do café, como vai tratar melhor do seu milho, do seu feijão, de sua batata.

Poderiamos entregar até o próprio café e faixas de parceria, se assim fosse julgado melhor.

A idéia bem realizada, como estou procedendo em minha fazenda, isto é, combinando o sombreamento com a fixação do braço, representará a garantia da própria cultura cafeeira. Mas, perguntar-se-á : — quantos cafeeiros serão assim eliminados nessa proporção de uma para cada oito linhas ? A resposta é simples : Arrancar-se-ão 1.320 cafeeiros de cada talhão de 7.200 pés. Isto quer dizer que em cada um dêsses retângulos, restarão 5.880 pés que irão produzir mais e melhor. Pràticamente, cada 7.200 pés fica dentro de uma área de cêrca de três e meio alqueires e dêsse total, feita a operação do arrancamento, daremos aos colônos 15.939 mts. quads. para as suas culturas. Em cem mil pês arrancaríamos então 18,333 pés. O centro do espaço de cada 4 cafeeiros, comporta mais uma cova com 1 pé de café, uma vez sombreado. Assim poderíamos aumentar êsse talhão para 5.880 = 3969 = 9.849 cafeeiros.

Eu penso que desta maneira teremos resolvido o difícil problema de fixar o colôno à gleba e evitar o tratamento êxodo que se verifica na corrida para as cidades e para o Norte do Paraná. Entremeiando-se no mesmo chão os interêsses do fazendeiro e os do colôno, teremos, sem dúvida, a estabilidade da cultura cafeeira em São Paulo, e, com o sombreamento a sua longeva e econômica exploração. Mas, não alimentemos ilusões, snrs. lavradores. O que se vai buscar no sertão é o que já existe em São Paulo. É o húmus.

O fator principal da fixação do homem à terra, em todos os estados da civilização, tem sido representado por essa massa negra de matéria orgânica em decomposição. E as árvores de sombra despeja anualmente cêrca de dois quilos de folha sêca por metro quadrado, como se verifica com êsse nosso **ingá rabo de mico,** o mais apreciado pelos lavradores colombianos. Êsse ingazeiro permite formar em poucos anos, uma verdadeira manta de **sarapilheira** em fermentação contínua, ao abrigo dos raios solares sempre nefastos para a vida microbiana. É sabido que onde o sol atúa enèrgicamente cessa a decomposição da matéria orgânica para se ter lugar a humificação. E rehumificar é dar possibilidade para que a matéria orgânica possa se transformar em húmus. Esta operação é conduzida admiràvelmente a sombra das árvores que filtram e abrandam as inclemências do sol. Tudo isso é benefício direto da lavoura. E o cafeeiro é ávido de húmus, todos nós, lavradores o sabemos.

Meus senhores.

Sem me deixar arrebatar — por entusiasmos falazes, eu devo dizer que bendigo a hora feliz, felicíssima em que pedi aqueles esclarecimentos técnicos ao Dr. Rogério de Camargo, mentalidade de larga visão dos problemas cafeeiros a cuja capacidade rendo aqui a minha modesta homenagem. A êle, a êsse apaixonado do café ainda não compreeendido, eu devo a solução do meu grande, do meu grave problema cafeeiro. Lamento apenas não possuir, pelo menos a quase totalidade de minha lavoura completamente sombreada. Teria assim dobrado o valor da minha fazenda, pois já estou dando o preço unitário médio de 20 cruzeiros para cada pé sombreado.

É com grande satisfação que ponho os meus trinta mil pés que lá possúo, em Terra Rocha, à disposição dos ilustres lavradores que tiveram a amabilidade e a condescendência de me ouvirem nêste momento.

Muito grato pela atenção.

(Transcrito da Revista Rural Brasileira)

ATOS OFICIAIS RELATIVOS À SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

ATOS E DESPACHOS DO SR. SECRETÁRIO

ATO DO SECRETÁRIO

O Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, à vista do que dispõe o artigo 16 do Decreto-lei n.º 14.431 de 30 de dezembro de 1944, e considerando que a fiscalização do consumo do café é função ligada ao setor da saúde pública e que, oportunamente, será transferida para a Secretaria da Educação e Saúde Pública, suprime os Serviços de Fiscalização do Comércio e Consumo de Café, a cargo da Superintendência dos Serviços do Café.

Secretaria da Fazenda, 27 de janeiro de 1945.

a) **Francisco d'Auria** — Secretário da Fazenda.

(Diário Oficial, de 31/1/1945

BOLETIM DO PESSOAL N.º 10 DE 3/2/1945

— A disposição da Comissão de Abastecimento do Estado de São Paulo (CAESP) até 31-12-45, a fim de prestarem serviços inerentes a seus cargos, sem direito a outras vantagens além dos vencimentos de seus cargos efetivos, os seguintes servidores da Superintendência dos Serviços do Café :

Candido Ferreira — aux. 6.ª categoria — H — ; Carmelina Bellegarde — aux. 9.ª categoria —F—; Euridice Barreiros de Godoy — aux. 9.ª categoria —F—; Maria de Lourdes B. Cajado de Oliveira — aux. 9.ª categoria F—; Maria Luiza do Lago Pontes — aux. 9.ª categoria —F—; Julieta de Souza Lacaille — aux. 11.ª categoria —E—; Alice Goffi Borges — aux. 13.ª categoria —D—; Alcina Osório de Oliveira — aux. 14.ª categoria —C—; Dito Rocha Bastos — aux. 4.ª categoria —J—; Dogmar de Godoy — aux. 4.ª categoria —J—; José Julio de Araujo Macedo — aux. 4.ª categoria —J—; Washington Martins Franco — aux. 6.ª categoria —H—; Alacrino Marcondes de Godoy — aux. 6.ª categoria —H—; Waldemar B. de Carvalho — aux. 6.ª categoria —H—; Arnaldo Muniz — aux. 7.ª categoria —G—; Clovis Monteiro de Barros — aux. 7.ª categoria —G—; Floriano Amaral Mello — aux. 7.ª categoria —G—; Joaquim Marques de Carvalho — aux. 7.ª categoria —G—; Jorge Silva Araujo — aux. 7.ª categoria —G—; Linneu de Oliveira Novaes — aux. 7.ª categoria —G—; Paulo Paes de Barros — aux. 7.ª categoria —G—; José Hermogenes do Nascimenro — aux. 8.ªcategoria —G—; José Rodrigues Simões — aux. 8.ª categoria —G—; Luiz Marques Raymundo — aux. 8.ª categoria —G—; Milton de Azevedo Nogueira — aux. 8.ª categoria —G—.

Napoleão da Silveira Penteado — aux. 8.ª categoria — G;
Hugo Hayden — aux. 9.ª categoria — F.;
João Pereira Filho — aux. 9.ª categoria — F;

José Aranha do Amaral — aux. 10.ª categoria — E;
José Augusto Mesquita — aux. 10.ª categoria — E;
José Nilo Cruz Guimarães — aux. 10.ª categoria — E;
Geraldo Rocha Melo — aux. 12.ª categoria — D;
João Batista Podio — aux. 13.ª categoria — D;
Mario Venancio de Oliveira aux. 14.ª categoria — C;
Juvenal Pereira do Vale aux. 3.ª categoria — J;
Clelia Magalhães Santos — aux. 14.ª categoria — C;
Jayme Vicente Holloway — aux. 6.ª categoria — H;
Carlos Ribeiro Filho — aux. 7.ª categoria — G;
Edgard da Costa Gaia — aux. 9.ª categoria — F;
Mario Gavião Gonzaga — aux. 9.ª categoria — F;
Rafael de Carvalho — aux. 9.ª categoria — F;
Antonio Penhavel Filho aux. 10.ª categoria — F;
Rubens dos Santos — aux. 10.ª categoria — E;
Emilio Baccarat — aux. 6.ª categoria — H;
Pedro de Barros Ribeiro — aux. 8.ª categoria — G;
Nelson Aranha — aux. 9.ª categoria — F;
Joaquim Tavares de Menezes — aux. 10.ª categoria — E;
Mauro Bittencourt — aux. 6.ª categoria — H;
Antonio Fernandes Pereira — aux. 8.ª categoria — G;
Harmodio Teixeira — aux. 8.ª categoria — G;
João Garcia Simões — aux. 8.ª categoria — G;
Sylvio Ferreira Bretas — aux. 10.ª categoria — E;
Miguel de Limia — aux. 14.ª categoria — C.

(Do Diário Oficial de 4/2/45

Substituição : — FRANCISCO GODOY SOBRINHO, engenheiro, ao SR. OSWALDO RIBEIRO FRANCO, gerente da SSC, durante o seu impedimento. (Ato SF n.º N-97, de 8/2/45). — (Diário Oficial de 9 de Fevereiro de 1945).

Diferença de Vencimentos : — PEDRO DE SIQUEIRA CAMPOS, Superintendente da SSC. — Deferido — (Desp. SF. de 5/2/45 — SSC 1625/44) — (Diário Oficial de 9 de Fevereiro de 1945).) —

Designação : — NAIR CAMARGO MEIRA — aux. 11.ª categoria — praticante — E-SSC. até 31/12/45, para prestar serviços inerentes ao seu cargo na Secretária da Fazenda, sem prefuizo dos seus vencimentos e demais vantagens de seu cargo. (Ato S. F. n.º N-99 — 8/2/45) — SSC — 242 — 45. — (Diário Oficial de 10 de Fevereiro de 1945).

DIRETORIA GERAL — **Extrato do despacho do Diretor Geral :** — **O. S. GS.,** N. 1/45 : O Secretario de Estado dos Negócios da Fazenda determina que na elaboração do Relatório das atividades desta Secretaria, no exercício de 1944, se observe o seguinte :

a) os relatórios obedecerão as NORMAS GERAIS fixadas pelo Govêrno

b) tôdas as dependências apresentarão seus relatórios até 31 do corrente mês à D. G. S. a quem compete, nos termos do decreto n.º 10.197 de 1939, art. 9.º, item 7, "organizar os dados necessários à elaboração do relatório geral da Secretaria";

c) nenhuma dependência da Secretaria poderá publicar ou imprimir relatórios;

d) a C. C. E. tomará tôdas as providências necessárias a fim de que o balanço orçamentário esteja encerrado até 15 de março do corrente ano.

Secretaria da Fazenda, 11 de janeiro de 1945. (a.) Francisco d'Auria — Secretário da Fazenda. D. G. S., N.º 4-45. (Diário Oficial de 12 de Janeiro de 1945).

— **Substituição :** — ESTHER ALEXANDRINA VENERANDO MARTINS CRUZ, aux. 5.ª categoria SSC. Encaminhe-se à S. S. C. (Desp. DGS. de 9/2/45 G— 1872/45). — (Diário Oficial de 15 de Fevereiro de 1945).

DESIGNAÇÕES PARA O CONVÊNIO DOS ESTADOS CAFEEIROS

Palácio do Govêrno — O INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

RESOLVE designar, para formarem a representação do Estado de São Paulo no Convênio dos Estados Cafeeiros, convocado para o dia 15 do corrente mês, a reunir-se na Capital da República, os Srs. Francisco D'Auria, Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, representando o Govêrno do Estado; João Moreira Sales, representante da Praça de Santos, e, como representante da lavoura, o Sr. José Cassiano Gomes dos Reis.

Palácio do Govêrno do Estado de São Paulo, aos 14 de Fevereiro de 1945.

FERNANDO COSTA

J. A. Marrey Junior

(Do Diário Oficial de 15 de Fevereiro de 1945).

Evite as queimadas que esterilizam lentamente o solo. Os restos das colheitas e a vegetação que cobrem a terra devem ser enterrados e nunca queimados.

O Café visto nos Estados Unidos

(Cartas semanais do escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

CARTA N.º 395 — 3 de Janeiro de 1945

AUMENTAM-SE AS QUOTAS DE IMPORTAÇÃO DO CAFÉ — A Junta Inter-americana do Café, na última sessão, que se celebrou em 28 de dezembro, aprovou um aumento das quotas na base de 200% da quota básica, a partir de 1 de janeiro, e o reajustamento das mesmas em 125%, a partir de 1.º de abril de 1945. Devido a certa confusão provocada por estas modificações, a Junta adotou, na sessão de 2 de janeiro, a seguinte Resolução que define o aumento das quotas :

"Resolução concretizando num aumento de emergência o ajustamento das quotas autorizado pela Junta Inter-americana do Café em sua sessão de 28 de dezembro de 1944.

A Junta Inter-americana do Café,

CONSIDERANDO

1.º — Que tinha resolvido, na sessão de 28 de dezembro de 1944, aumentar a quota para o mercado dos Estados Unidos, a partir de 1.º de janeiro de 1945, em 200% da quota básica, e reajustar as quotas em 125% da quota básica, a partir de 1.º de abril de 1945, de acôrdo com o dipôsto no Artigo VIII do Convênio Inter-americano do Café ; e

2.º — Que é possível expressar êstes ajustamentos da quota num aumento único, simplificando dêsse modo a resolução e facilitando sua administração,

RESOLVE

1.º — Consolidar num aumento de emergência as duas modificações da quota autorizada na reunião da Junta de 28 de dezembro, autorizando a fixação da quota, a partir de 3 de janeiro de 1945, em 149,355% da quota básica ; as quotas do presente ano serão, portanto, as seguintes :

Países	Quotas
Brasil	13.110.489
Colômbia	4.437.607 (º)
Costa Rica	281.946
Cuba	112.778
República Dominicana	169 168
Equador	211.459
El Salvador	845.838
Guatemala	754.206
Haití	387.676
Honduras	28.195
México	669.622
Nicarágua	274.897
Peru	35.243
Venezuela	592.087
	22.911.211

(º) De acôrdo com o Artigo IV do Convênio Inter-americano do Café, fez-se um ajustamento, por excesso de 3.042 sacas, no total das importações da Colômbia no ano de quota de 1943/44

2.º — Enviar cópias desta Resolução aos govêrnos signatários do Convênio Inter-americano do Café;

NOTA: — As quotas equivalem a 140,973% da quota básica, tendo ésta percentagem sido calculada de acôrdo com a seguinte fórmula:

$$\frac{92 \times 115 + 2 \times 200 + 271 \times 149{,}335}{365} = 140{,}973$$

RESOLUÇÃO APROVADA PELO CONGRESSO CAFEEIRO DA COLÔMBIA — Transcrevemos em seguida o texto da Resolução aprovada por unanimidade pelo Congresso Cafeeiro da Colômbia na sua última sessão:

RESOLUÇÃO

"O Décimo Quarto Congresso Nacional de Cafeeiros,

CONSIDERANDO

1.º — Que os cafeicultores confiaram até ao último momento em que as estipulações do Convênio de Quotas subscrito pelos Estados Unidos, as quais se conceberam, como aliás nele se expressou, "com o fim de assegurar condições de comércio equitativas para produtores e consumidores", teriam pleno vigor logo que se apresentassem, como se apresentaram, fatores de que resultou o aumento do custo da produção;

2.º — Que em presença da nova recusa das autoridades americanas em aumentar o preço do café, embora nas modestas proporções em que o solicitaram os países produtores signatários do Convênio, se torna imperativa a adoção de medidas concretas que defendam a indústria,

RESOLVE

1.º — Expressar ao govêrno nacional e ao Comitê Nacional de Cafeeiros, que o Congresso reafirma sua confiança nas medidas que adotem para defender a indústria do café e pelas quais se garanta aos lavradores os meios de conservar seu equilíbrio econômico, e,

2.º — Que para tal fim lhes oferecem seu apôio irrestrito."

TRANSPORTES MARÍTIMOS — Atendendo a que se começa a notar certa inquietação entre o comércio cafeeiro local sôbre a possibilidade dum agravamento da situação dos transportes maritímos nos mêses próximos, julgamos interessante mencionar que o Boletim N.º 502 do Commodity Research Bureau, datado de 27 de dezembro, publicou a seguinte notícia:

> "Em vista de se terem citado algumas demoras ou atrazos no transporte de material para as zonas de combate, alguns funcionários da Administração dos Transportes de Guerra (W. S. A.) declararam que se está concedendo ampla praça para os transportes militares. Os referidos funcionários disseram que em certos áreas foi necessário redistribuir os transportes para atender às necessidades militares. Insistiram, porém, em que qualquer escassez que porventura exista se refere exclusivamente aos transportes militares."

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — As importações de todos os países signatários, durante a semana que terminou em 16 de dezembro, e na que terminou em 23, para as Honduras, uma vez que já preencheu sua quota, foram de 431 196 sacas. A maior parte dêsse total ,ou sejam 315 318 sacas, vieram do Brasil; 84 261, da Colômbia; 15 035 da Venezuela; e 12 315 do Equador. As cifras correspondentes aos outros países figuram no quadro estatístico N.º 588, junto à presente e foram

muito reduzidas. O total já importado desde 1.º de outubro até às duas datas citadas atinge... 4 492 623 sacas, ou sejam 25,1% da quota em vigor, ao passo que os 77 dias do ano de quota transcorridos até 16 de dezembro e os 84 transcorridos até 23 do mesmo mês correspondem respectivamente a 21,1% e a 23%. Estas percentagens foram calculadas sôbre a quota que se achava em vigor antes das modificações mencionadas no Capítulo I.º desta Carta.

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO — A Bolsa do Café e Açúcar de Nova York recebeu de seus correspondentes no Rio os dados relativos aos estoques de Café em São Paulo, nos armazens do interior e nas estações ferroviárias, que se elevavam, em 30 de novembro de 1944, a 2 063 000 sacas. A cifra correspondente à mesma data no ano anterior era de 5 839,000 sacas. Reproduzimos em seguida um quadro em que se faz o respectivo confronto :

Safra	30 Nov. 1944	30 Nov. 1943
1941/42	—	266 000
1942/43	1 254 000	3 453 000
1943/44	809 000	2 120 000
	2 063 000	5 839 000

Os despachos por estrada de ferro no período de agôsto a novembro de 1944 foram de...... 3 815 000 sacas, assim distribuidas :

Santos	3 745 000
Rio de Janeiro	70 000
	3 815 000

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — Na semana que terminou em 23 de dezembro último o Brasil exportou 362 000 sacas, segundo cifras incompletas. As exportações da Colômbia, na mesma semana, foram de 63 937 sacas, tôdas para os Estados Unidos.

MERCADO DO DISPONÍVEL — No Brasil o preço oficial do tipo Rio 7 baixou de Cr$ 30,50 em 21 de dezembro, para Cr$ 29,80, em 27 de mesmo mês. A baixa no preço oficial dêste tipo desde 14 de dezembro, em que se cotava a Cr$ 33,10, representa um total de Cr$ 3,30, ou sejam apróximadamente ¾ de centavo por libra. Em Santos, porém, os preços mantêm-se sem alteração, e as cotações, que vigoram há bastante tempo, são as seguintes : Santos 4, mole, Cr$ 42,20 ; Santos 4, duro, Cr$ 41,20 ; e tipo 5, riotado, Cr$ 37,00.

O mercado desta praça tem estado bastante inativo durante os últimos tempos e segundo informam os membros do comércio cafeeiro local não se têm recebido ofertas dos países produtores, fato que naturalmente reflete a inatividade normal dêste período. A Associação do Café Cru de Nova York anunciou que se reunirá em sessão especial em 3 do corrente para discutir as dificuldades que confrontam seus membros na realização de negócios.

IMPORTANTE

INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA — Com a presente Carta Semanal estamos remetendo uma série de quadros sob o título "Stantistical Coffee Picture", cujo estudo recomendamos a nossos leitores. Apesar dos comentários respectivos terem sido feitos em inglês, os quadros são bastante fáceis de compreender e contém informações muito interessantes.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(De Outubro 1.º, 1944 a Dezembro 16 e 23 de 1944)

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132 276 LIBRAS)

Quadro N.º 588

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR de 1.º de Out.º 1944 a data abaixo:		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 16/12/1944	TOTAL DE 1/10/44 a 16/12/1944		
Brasil	10 695 000	315 318	2 453 112	8 241 888	22,9
Colômbia	3 619 458 (x)	84 261	1 590 035	2 029 423	43,9
Costa Rica	230 000	1 097	13 814	216 186	6,0
Cuba	92 000	—2 (3)	12 638 (3)	79 362	13,7
República Dominicana	138 000	...	6 349	131 651	4,6
Equador	172 500	12 315	96 381	76 119	55,9
El Salvador	690 000	288	48 471	641 529	7,0
Guatemala	615 250	...	47 192	568 058	7,7
Haiti	316 250	...	25 273	290 977	8,0
México	546 250	...	90 510	455 740	16,6
Nicarágua	224 250	...	608	223 642	0,3
Peru	28 750	910	10 067	18 683	35,0
Venezuela	483 000	15 035	75 168	407 832	15,6
		SEMANA TERMINADA EM DEZ. 23/44	TOTAL DE 1/10/44 A DEZ. 23/44		
Honduras	23 000	1 971	23 000 (f)	...	100,0
Total dos países signatários	17 873 708	431 195	4 492 618	13 381 090	25,1
PAÍSES NÃO-SIGNATÁRIOS	408 250	1	5	408 245	...
Total geral	18 281 958	431 196	4 492 623	13 789 335	24,6

NOTA: — (§) Em Dezembro 16 são 77 dias ou 21,1% da quota anual e em Dezembro 23,84 dias ou 23,0%— (x) De acôrdo com o artigo IV da Junta Inter-americana do Café, um reajustamento foi efetuado para o excesso de 3 042 sacas no total das importações da Colômbia, durante a quota anual de 1943/44 (ver nosso quadro n.º § 583).—(f) Para Honduras a quota importada foi preenchida como em 23 de dezembro de 1944. — (1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, de 21 de Abril de 1944. — (2) Cifras obtidas nos EE. UU. na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. (3) Revisão efetuada nas cifras das semanas anteriores. — Em Dezembro 28, uma nova quota foi decretada pela Junta Inter-Americana do Café, autorizada em Janeiro 1.º, 1945. Como existe ainda dúvida sôbre o aumento exato, estamos prorrogando a publicação da nova quota até a próxima semana, quando teremos em mãos dados oficiais.

INFORME SEMANAL SÔBRE AS ATIVIDADES DA CAMPANHA DE ANÚNCIOS E PUBLICIDADE DO CAFE'

N.º 107 **3 de janeiro de 1945**

COLABORAÇÃO DO BUREAU NOS CURSOS PRÁTICOS ESPECIAIS PARA PESSOAL DE RESTAURANTES — O Departamento de Educação dos Estados Unidos, mediante suas agencias encarregadas do ensino prático ou profissional, tem proporcionado cursos especiais sôbre a administração de restaurantes, preparação de alimentos e sôbre as vendas nos restaurantes, em colaboração com as Juntas de Educação dos diversos Estados e suas escolas públicas. Os programas dêstes cursos incluem :

Anúncios e publicidade dos restaurantes ; Compras ; Preparação de Cardápios ; Conservação dos Utensílios ; Exibição de Alimentos e sua Preparação.

O Bureau, como já temos mencionado, considerou sempre muito convenientes aproveitar tôdas as oportunidades que se apresentem para ensinar pràticamente a preparar bom café e a cuidar do respectivo vazilhame e dos utensílios. Nestas circunstâncias decidimos oferecer nossa colaboração ao Departamento de Educação dos Estados Unidos, a fim de colaborar em tais cursos especiais, na parte que se referir ao café.

O Diretor Executivo do Comitê Conjunto de Anúncios e Publicidade, contituido pelo Bureau e pela National Coffee Association, planeja visitar no próximo mês de fevereiro as autoridades encarregadas dêsses cursos práticos. Após essa entrevista esperamos poder elaborar um plano concreto que nos permita tomar parte no ensino dos assuntos relacionados com o café, cuja importância no desenvolvimento da nossa campanha de Anúncios e Publicidade dificilmente se poderá exagerar.

O esfôrço educativo sôbre o café e cuidados a ter com os utensílios empregados na sua preparação que temos realizado entre os membros do grêmio de restaurantes, facilitará muito nossa participação nesses cursos, visto que além dos conhecimentos técnicos que adquirimos, dispomos hoje de vários folhetos sôbre o assunto, nos quais se expõe sucintamente o conjunto de regras destinadas a orientar a preparação do café. A distribuição de tais folhetos entre os estudantes dos cursos especiais será um passo importante para a propagação e divulgação de informações adequadas, indispensáveis para que se consiga uma bebida de boa qualidade.

Oferecemos igualmente o material de anúncios para exibir nos restaurantes, uma vez que contém sugestões para fomentar a venda do café nos locais onde se consome. Os resultados dêsse material acham-se comprovados pela experiência, e os anúncios serão muito valiosos para os estudantes que se interessem pela parte do programa relativa às vendas nos restaurantes.

Na devida oportunidade informaremos nossos leitores com maior detalhe sôbre os planos que se adotem para esta nova atividade, e indicaremos igualmente os resultados que se obtiverem. Todos os trabalhos que estamos realizando para melhorar a qualidade do café que se serve ao público são fundamentais para conseguir nosso objetivo principal, que é simultâneamente o alvo da Campanha de Anúncios e Publicidade : aumentar o consumo de café nos Estados Unidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

EXTRATOS DE ARTIGOS DE INTERESSE RELATIVOS AO CAFÉ PUBLICADO PELA IMPRENSA

N.º 84 **2 de janeiro de 1945**

Transcrevemos em seguida o editorial do "Journal of Commerce" desta cidade publicado em 26 de dezembro último, que chama novamente a atenção para o problema dos preços do café. O editorial alude à Conferência Pan-Americana do Café, dizendo que ela se realizará durante êste mês na Cidade do México. A verdade, porém, é que essa Conferência ainda não foi convocada. Como informamos na Carta Semanal precedente, o Conselho Diretor do Bureau aprovou uma Resolução pedindó a sua convocação urgente e atualmente está-se aguardando a ação dos países associados.

O PROBLEMA DOS PREÇOS DO CAFÉ

O preço a ser pago pelas nossas importações de café converteu-se novamente num assunto urgente. O snr. Vinson, Diretor da Estabilização Econômica, negou duas vezes, durante o mesmo mês, os pedidos para um aumento dos preços, e a Conferência Pan-Americana do Café, que se reunirá no México em janeiro, proporcionará aos produtores a oportunidade de concretizar sua atitude sôbre o restabelecimento dos embarques.

Devido à situação altamente favorável da sua balança de pagamentos, os países produtores da América Latina não se acham coagidos a efetuar embarques. A escassez de café que ameaçou os Estados Unidos em princípios de 1944 só pôde evitar-se quando finalmente o govêrno brasileiro prometeu embarcar, durante um certo período, uma parte de seus próprios estoques. Não existem esperanças de renovar êsse acôrdo porque os produtores brasileiros se lhe opõem energicamente.

Os produtores de café estão descontentes com o preço que lhes vem sendo pago há mais de um ano, baseado em 13 3/8 de centavo por libra-pêso para o café de Santos. Êles afirmam que êsse preço é inferior à média dos últimos 30 anos, ao passo que o custo de produção é cada vez mais elevado. Seu argumento mais poderoso é que devido a três secas consecutivas, nos últimos três anos, suas safras baixaram de 20 milhões de sacas anuais para 7 milhões. Disso resulta que os preços teriam aumentado embora não tivesse havido guerra.

A Repartição de Estabilização Econômica, atendendo a sua política de manter o "statu quo", tem recusado sistemàticamente pagar preços mais altos pelo café, mas, apesar disso, no caso do açúcar cubano pagar-se-hão preços mais elevados e o govêrno suportará o diferencial para que o público consumidor não sofra as conseqüências do aumento. Os cafeicultores vão argumentar que seu caso devia merecer com mais razão um tratamento semelhante, uma vêz que a produção atual de café é muito inferior à de antes da guerra, e a produção de açúcar registrou um aumento em grande escala.

Os estoques de café nos Estados Unidos e os abastecimentos que se acham a caminho, incluindo as compras antecipadas feitas nos países produtores, são suficientes para fazer face ao consumo de apròximadamente quatro meses. Portanto, se as entidades do Brasil e da Colômbia retiverem as futuras vendas, os consumidores terão dificuldade em obter seu café em 1945. Quanto aos países produtores, a insistência em reter seus estoques prejudicará o mercado para o seu produto; e, por outro lado, nossa persistência em mater os preços atuais provocará má vontade nos países produtores.

O problema exige uma discussão ampla e franca, o exame cuidadoso dos argumentos de ambos os lados, e o estabelecimento de um acôrdo que ambos os lados possam considerar equitativo à luz de tôdas as circunstâncias.".

CARTA N.º 396 de 8 de janeiro de 1945

SITUAÇÃO GERAL — Devido à circunstância dos importadores e distribuidores de café cru estarem aguardando a autorização da Repartição de Administração de Preços (O. P. A.) para poderem acrescentar 2% aos preços máximos, nas vendas que fizerem aos torradores, o mercado desta praça manteve-se extremamente calmo durante a semana que agora transcorreu. O comércio local informa que devido aos estoques em poder dos importadores e distribuidores terem sido adquiridos nos países produtores, a preços correspondentes aos limites máximos da O. P. A., êles têm relutância em vendê-los sem que se ache em vigor a aludida regulamentação, que é aguardada com grande interêsse. A lista de preços N.º 50 permite-lhes apenas, como se sabe, adicionar as despesas de armazenagem, quando esta tenha sido necessária. Supõe-se que a nova medida aliviará um pouco a situação dos importadores e distribuidores, uma vez que lhes permitirá adquirir o café nos países de origem, aos preços máximos, e revendê-lo com uma margem de lucro razoável.

Todavia, apesar das esperanças que têm muitos negociantes de que essa margem de lucros estimulará as compras de café, um grande número de cafeeiros dêste mercado mantem a opinião de que haverá uma escassez de café na próxima primavera, caso não sejam aumentados os preços máximos. Sua opinião baseia-se em que o Brasil já completou pràticamente o acôrdo que tinha com os Estados Unidos para enviar 1 000 000 de sacas mensais dos estoques do D. N. C., e em que os preços atuais são demasiado baixos para que as firmas particulares possam efetuar negócios com uma margem de lucro adequada.

Os novos boatos que circularam sôbre o possível racionamento de café pela O. P. A. foram desmentidos por essa entidade e pela Administração de Alimentos (W. F. A.) em vista dos estoques no país, como se pode verificar no capítulo correspondente desta Carta Semanal, serem suficientes para fazer face ao consumo de três ou quatro meses. Supomos, portanto, que devido a êsse desmentido não se mencionará de novo o racionamento do café, pelo menos durante um mês ou dois.

O fato que acabamos de mencionar, isto é, a existência de estoques satisfatórios, não impede, porém que numerosos pequenos torradores se achem mal abastecidos, o que poderá dificultar a situação. Crê-se em todo caso que não haverá redistribuição dos estoques.

De acôrdo com os elementos em nosso poder, que esperamos confirmar em nossa próxima Carta Semanal, parece que as aquisições de café nos países produtores, durante o mês de dezembro, não excederam 1 400 000 sacas. Êsse total é apenas suficiente para cobrir o volume do café torrado para a população civil, que, como se verá adiante, atingiu em novembro a cifra de 1 493 000 sacas.

Embora as compras de café em novembro e dezembro pareçam bastante altas, deve recordar-se que durante êsses dois mêses se costuma vender mais devido à entrada das novas safras, mas é possível que as vendas não se mantenham ao mesmo nível durante os próximos meses.

Apesar da Junta Inter-americana do Café ter aumentado as quotas de importação, conforme noticiamos na última Carta Semanal, não se sabe ainda si se expedirão licenças de importação na base do aludido aumento das quotas. Espera-se em todo o caso que elas sejam rateadas na base do aumento concedido a cada país.

PROTESTO DOS CAFEICULTORES BRASILEIROS — Em virtude de um telegrama do correspondente do Jornal "New York Times" no Rio de Janeiro, publicado no número de 31 de dezembro no qual se dizia que sòmente os especuladores petendiam um aumento dos preços do cafe recebemos do Presidente da Sociedade Rural Brasileira, que representa os produtores de café dêsse país, o seguinte telegrama :

"PRESIDENTE BUREAU PAN-AMERICANO CAFÉ, NOVA YORK

> TENDO SIDO INFORMADO ARTIGO PUBLICADO DOMINGO NEW YORK TIMES CORRESPONDENTE GARCIA AFIRMA SÒMENTE ESPECULADORES DESEJAM PREÇOS MAIS ALTOS, BRASIL DESEJA PROTESTAR CONTRA TAIS INFORMAÇÕES, UMA VÊZ QUE OS PREÇOS MÁXIMOS ATUAIS SIGFICAM COLAPSO PRODUÇÃO NO BRASIL, A QUAL SÓ PODE SUBSISTIR COM PREÇOS MAIS ALTOS. JOAQUIM SAMPAIO VIDAL, PRESIDENTE SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA."

CAFÉ PARA AS FÔRÇAS ARMADAS — O Boletim N.º 505 do "Commodity Research Bureau, datado de 3 do corrente, publicou a seguinte notícia sôbre o café necessário às fôrças armadas:

> "As exigências de café do exército têm que ser satisfeitas antes que os importadores dos Estados Unidos esperem receber da Administração de Alimentos novas licenças de exportação mais liberais. Como êsse é o problema mais importante, depois do rela-

tivo aos preços, é necessário examinar tôdas as possibilidades. Poderão os importadores conseguir café suficiente para fazer face às necessidades do exército? As fôrças armadas adotaram o sistema de adquirir todo o café de que necessitam por intermédio das firmas já estabelecidas. É em todo o caso possível que as autoridades do Brasil e da Colômbia adotem as medidas necessárias para assegurar o fornecimento de café suficiente para as fôrças armadas, eliminando dêsse modo as dificuldades existentes. Se o Departamento Nacional do Café do Brasil colocasse à disposição do exército uma quantidade suficiente para cobrir as suas necessidades, e se a Federação Nacional de Cafeicultores de Colômbia adotasse idênticas providências, o benefício que ambos os países obteriam compensaria com vantagem qualquer pequeno sacrifício econômico que tal acôrdo pudesse representar. O Exército, por outro lado, também poderia adquirir café que não pertencesse à quota de importação dos Estados Unidos".

Parece, em todo o caso, que devido às dificuldades com que os produtores lutam para vender seus cafés a preços inferiores ao custo de produção, nem o Brasil nem a Colômbia estarão em situação de satisfazer os requesitos de café das fôrças armadas.

A INGLATERRA CONCEDE UM AUMENTO NOS PREÇOS DO CAFÉ DE KÊNIA — A Bolsa do Café e Açúcar de New York publicou num boletim recente a notícia de que o govêrno inglês tinha concordado em pagar aos produtores de Kênia, pela atual safra de café, o preço médio de 110 libras esterlinas por tonelada inglêsa, ou sejam 19,84 centavos do dólar por libra-pêso, F.O.B. Nova York. Os preços máximos para o café de Kênia neste mercado flutuam entre 14 e 16 centavos. O aumento concedido pelo govêrno inglês à sua colônia indica que êle reconhece a Justiça que assiste aos produtores em suas reclamações devido ao aumento do custo da produção local, problema êsse que afeta da mesma maneira os produtores latino-americanos.

ESTOQUES DE CAFÉ CRU E VOLUME DO CAFÉ TORRADO — Em nossa Carta Semanal N.º 394, de 26 de dezembro, demos as cifras preliminares dos estoques de café cru em 30 de novembro e do volume do café torrado durante o mesmo mês. As cifras definitivas que acabam de se publicar são as seguintes:

Estoques de café cru em 30 de Novembro 1944	4 333 600
Volume do café torrado em novembro de 1944	1 439 000

Nenhuma dessas cifras inclui o café das fôrças armadas.

ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DO BRASIL — A Bolsa do Café e Açúcar de Nova York publicou os dados fornecidos pelo seu correspondentes no Rio sôbre a produção exportável do Brasil na safra de 1944-45. Êsses dados são os seguintes, em sacas de 60 quilos:

São Paulo	4 500 000
Minas Gerais	2 200 000
Espírito Santo	1 150 000
Paraná	600 000
Rio de Janeiro	400 000
Bahia	250 000
Pernambuco	220 000
Goiaz	80 000
	9 400 000

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Segundo os dados fornecidos pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos, o total das importações de todos os países signatários na semana que terminou em 23 de dezembro, e das Honduras, na que terminou en 30 do mesmo mês, foi muito satisfa-

tório, tendo-se elevado a 487 845 sacas. O Brasil enviou 315 571 sacas, a Colômbia 145 956 e o Salvador 18 630 sacas. As importações dos restantes países foram muito pequenas, conforme se pode verificar no quadro N.º 589 junto à presente.

O total importado desde o início do ano de quota em 1.º de outubro, até às duas datas citadas, eleva-se a 4 980 462 sacas, ou sejam 22,7% da quota aumentada, ao passo que os 84 dias do ano de quota transcorridos até 23 de dezembro e os 91 transcorridos até 30 do mesmo mês representam respectivamente 23% e 24,9%. Envia-se igualmente com a presente o quadro N.º 590 que contém os dados completos da quota, de acôrdo com as últimas revisões decretadas pela Junta Inter-americana do café.

REGISTRO DAS VENDAS NOS PAÍSES PRODUTORES — Reproduzimos em seguida os últimos dados conhecidos sôbre o registro das vendas nos países produtores; em sacas de 60 quilos:

Países Signat.	Datas	Para os E. U.	Outros destinos	Totais
Brasil	2/12/44	3 726 694	460 748 (a)	4 187 442
Costa Rica......	13/12/44	18 741	3 534 (b)	22 275
Guatemala	25/12/44	86 195	—	86 195
Venezuela	9/12/44	99 887	7 963	107 850

(a) Em 25 de novembro; (b) Em 29 de novembro.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — As exportações do Brasil durante a semana que terminou em 30 de dezembro elevaram-se a 289 000 sacas, segundo dados incompletos. As da Colômbia, na mesma semana, foram de 95 473 sacas, das quais 94 890 para os Estados Unidos e 583 para outros destinos. Durante o mês de dezembro a Colômbia exportou 343 385 sacas para os Estados Unidos e 1 536 para outros mercados.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL — Segundo os dados publicados pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York e transmitidos pelo seu correspondente no Rio, os estoques de café nos portos brasileiros elevavam-se a 30 de dezembro último a 4 056 000 sacas, assim distribuidas:

Santos	3 346 000
Rio de Janeiro	695 000
Paranaguá	15 000
	4 056 000

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DA COLÔMBIA — O escritório da Federação de Cafeicultores de Colômbia em Nova York forneceu os seguintes dados sôbre os estoques de café nos portos da Colômbia em 30 de dezembro último:

Barranquilha	489 354
Cartagena.....................................	144 314
Buenaventura	131 090
	764 758

MERCADO DO DISPONÍVEL — No Brasil os preços mantiveram-se sem alteração no mercado de Santos, mas no do Rio o tipo 7 baixou de Cr$ 29,80 (em 27 de dezembro) para Cr$ 29,50 (em 5 do corrente).

Segundo as informações do comércio local, no mercado desta praça quase não se registraram negócios novos. A inatividade que se vem notando desde há algum tempo continuou durante a semana passada, devido principalmente ao fato dos importadores e distribuidores estarem aguardando a autorização da O. P. A. para acrescentar 2% aos preços máximos, nas vendas que fizerem aos torradores, conforme mencionamos no primeiro capítulo desta Carta.

Pelo que se refere aos cafés suaves, diz-se nos meios cafeeiros que as cotações dos cafés colombianos se conservam acima dos máximos aqui em vigor. Informam, porém, que se puderam obter algumas quantidades de café aos preços máximos noutros países produtores.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS EE. UU. SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

De 1.º de Outubro de 1944 a 23 e 30 de Dezembro de 1944

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132 276 LIBRAS)

Quadro 589

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR de 1.º de Out.º 1944 a data abaixo:		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 23/12/1944	TOTAL DE 1.º 10/44 a 23/12/1944		
Brasil	13 110 489	315 571	2 768 683	10 341 806	21,1
Colômbia	4 437 607 (x)	145 956	1 735 991	2 701 616	39,1
Costa Rica	281 946	...	13 814	268 132	4,9
Cuba	112 778	1	12 639	100 139	11,2
República Dominicana	169 168	2 348	8 697	160 471	5,1
Equador	211 459	342	96 723	114 736	45,7
El Salvador	845 838	18 630	67 101	778 737	7,9
Guatemala	754 206	4 421	51 613	702 593	6,8
Haití	387 676	...	25 273	362 403	6,5
México	669 622	575	91 085	578 537	13,6
Nicarágua	274 897	...	608	274 289	0,2
Peru	35 243	...	10 067	25 176	28,6
Venezuela	592 087	1	75 169	516 918	12,7
		SEMANA TERMINADA EM 30/12/1944	TOTAL DE 1.º OUT. A 30/12/1944		
Honduras	28 195	—1 (3)	22 999 (3)	5 196	81,6
Total dos países signatários	21 911 211	487 845	4 980 462	16 930 749	22,7
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	500 454	...	5	500 449	...
Total geral	22 411 665	487 845	4 980 467	17 431 198	22,2

NOTA: — (§) Em 23 e 30 de Dezembro são 84 e 91 dias ou sejam 23,0% e 24,9%, sôbre a quota anual.
(x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feito ajustes para o excesso de 3 042 sacas no total importado da Colômbia, durante o ano de quotas de 1942/43 (Vide quadro 583).
(1) De acôrdo com resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 26 de Dezembro de 1944 e 2 Janeiro de 1945.
(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Dep. do Tesouro dos Estados Unidos.
(3) Revisão efetuada nas cifras para a semana anterior.

N.º 85 **8 de janeiro de 1945**

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

NOTÍCIAS DOS PAÍSES PRODUTORES — **Cuba** — (Do "**Foreing Commerce Weekly**". de 9/12/44)

O amadurecimento da nova safra de café, cuja colheita se iniciou em agôsto, tem sido extremamente demorado e os trabalhos agrícolas estão muito mais atrazados do que no ano precedente. As estimativas mais recentes sôbre o volume da safra oscilam entre 475 000 e 570 000 sacas de 60 quilos, contra 581 034 sacas em 1943/44. Fixou-se a quota de exportação em 20% da safra, em vez dos 30% que vinham sendo adotados há dois anos. Em virtude do maior volume de café a ser vendido no país, o govêrno aumentou em quase 10% os preços de compra aos lavradores.

Apesar da safra cubana de 1943/44 ter atingido 581 034 sacas de 60 quilos, que proporcionaram um amplo excedente para exportação ,apenas se embarcaram para os Estados Unidos 69 962 sacas, por conta da quota de 150 458 sacas (°). Diz-se que êsse fato representa o pouco interêsse das firmas americanas pela qualidade e preço dos cafés oferecidos pelos exportadores de Cuba.

O embarque de 46 000 sacas de café de baixa qualidade para Espanha, durante o mês de julho, reduziu apreciàvelmente as sobras para exportação.

Os preços no mercado de exportação baixaram ligeiramente no último quadrimestre de 1944, ao passo que os preços para o consumo interior subiram cêrca de 2 ou 3 centavos por libra, devido em parte ao atrazo verificado na colheita da nova safra.

(°) Esta cifra não é exata ; a quota cubana para os Estados Unidos foi, em 1943/44, de 105 458 sacas de 60 quilos.

Venezuela — (Do "**Foreing Commerce Weekly**" de 9/12/44).

As exportações de café da Venezuela durante o ano de quota que terminou em 30 de setembro de 1944, foram inferiores em cêrca de 28,5% às do ano anterior. Os Estados Unidos absorveram pouco mais ou menos 96% do total.

Um aspecto interessante do comércio do café venezuelano é a substituição progressiva do café não lavado (trillado) por café lavado. O govêrno tem estimulado essa substituição mediante propaganda educativa, a instalação de usinas para o beneficiamento do café na maior parte das regiões cafeeiras, e o sistema de prêmios diferenciais para as divisas de exportação. Durante o ano de quota que terminou em 30 de setembro último, os cafés lavados constituiram 79% das exportações totais e 80% das exportações para os Estados Unidos. Nos anos anteriores as percentagens correspondentes foram de 34,7% em 1933-36 ; 47,3% em 1937-41 ; e 63,8% em 1941-42. Em 1942-43 foram, porém, mais elevadas, tendo atingido 82,3%.

As estimativas para a safra de café de 1944/45 prevêmum total de950 000 sacas, de 60 quilos, com uma quota de exportação de 650 000 a 700 000 sacas, ou seja um aumento de 90% sôbre as 500 000 sacas produzida sem 1943-44, das quais se exportaram cêrca de 350 100 sacas.

Com uma safra provável igual ao dôbro da de 1943/44 e com o aumento dos prêmios de exportação, os cafeicultores da Venezuela confrontam um ano excepcionalmente favorável.

O aumento dos prêmios de exportação, que se acha em vigor desde 15 de agosto de 1944, foi de 50 centavos de bolivar e elevou os mesmos de 4,30 para 4,80 bolivares, para o café lavado ; e de 3,75 para 4,25 para o não lavado.

Honduras — Do "Foreign Commerce Weekly", de 25/11/44).

As exportações de café beneficiado, lavado e moído, pelo distrito do Puerto Cortez em Honduras, durante o quadrimestre que terminou em 30 de setembro de 1944, foram avaliadas em US$ 39,435, representando um aumento de 20% sôbre o mesmo período em 1943.

As estimativas para a safra de 1945 revelam que ela excederá as de 1943 e 1944, podendo vir a ser a melhor da história do país, segundo dizem os meios comerciais.

Kênia — (Do Boletim Mensal da Junta do Café de Kênia, agôsto de 1944).

Uma estimativa recente, fornecida pelos Sub-Comitês de Produção, indica que a safra de 1944/45 se deve elevar a cêrca de 132 087 sacas de 60 quilos. Acrescenta-se, porém, que se as sêcas continuarem sem interrupção essa estimativa sofrerá uma baixa considerável. Neste momento as perspectivas não são muito animadoras.

NOTÍCIAS DOS PAÍSES CONSUMIDORES — **Holanda** — (Do **Boletim Mensal da Junta do Café de Kênia,** Julho de 1944).

Desde 15 de março último que se está fabricando na Holanda uma nova mistura a que indevidamente se dá o nome de café. A nova imitação produz-se com bolbos de tulipas, feijões, ervilhas e chicória e só pode obter-se mediante apresentação das cadernetas de racionamento para o café. Supõe-se que a percentagem das pessoas que conseguiram provar verdadeiro café na Holanda, nos últimos dois anos, não excede um por mil. Há tempo, quando uma pequena quantidade de café autêntico chegou ao mercado negro, seu preço atingiu US$ 50.37 por libra.

CARTA N.º 397 — 15 de janeiro de 1945

SITUAÇÃO GERAL — Em princípios da semana em revista, receberam-se nesta praça notícias de que a Junta de Contrôle de Câmbios da Colômbia tinha ordenado o encerramento provisório do registro das vendas nesse país. Certos meios dêste mercado receberam informações segundo as quais se conclui que o encerramento das vendas não é de caráter transitório, representando, ao contrário, uma modificação na política cafeeira da Colômbia. A maioria dos comerciantes bem informados pensa no entretanto que se trata simplesmente de uma formalidade sem grande significado, uma vez que se tinha já declarado que os registros seriam encerrados logo que se preenchessem 90% da quota em vigor antes do último aumento, ou sejam 3 619 458 sacas. Aparentemente foi isso mesmo que se verificou.

Segundo informações recebidas pelo comércio local, os Diretores da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia devem reunir-se, provàvelmente esta semana, para decidir qual a orientação a ser adotada em relação aos registros de venda do aumento de 815 107 sacas, autorizado pela Junta Inter-americana do Café para a quota colombiana de 1944-45.

Um dos assuntos que tem despertado maior interêsse nos meios cafeeiros, é o que se refere às aquisições de café para as fôrças armadas. Calcula-se que o govêrno americano terá necessidade de apròximadamente quatro milhões de sacas para 1945, a fim de atender não só às requisições do exército e da armada, mas também para distribuir à população dos países libertados. Consta nos meios comerciais que o govêrno está tentando adquirir café nos países produtores latino-americanos, rateando suas compras entre os mesmos e que ,embora tenha até agora confrontado dificuldades, devido principalmente ao fato dos preços nos países de origem serem iguais ou mesmo superiores aos preços máximos, sua missão será facilitada pela concessão dos 2% de aumento a serem concedidos aos importadores e torradores. Nesse caso os comerciantes poderão adquirir café aos

preços máximos aqui em vigor e revendê-lo ao govêrno. A êste respeito, permitimo-nos chamar a atenção de nossos leitores para o Informe de Imprensa anexo à presente, no qual se transcreve interessante artigo publicado no "Journal of Commerce" desta cidade.

O Boletim de 10 do corrente do "Commodity Research Bureau" publicou a notícia de que o snr. Charles E. Lund, Chefe Interino da Divisão de Alimentos do Departamento do Comércio dos Estados Unidos, tinha formulado as seguintes declarações, referindo-se as perspectivas que a situação do café apresenta para êste ano:

> "Os estoques de café para 1945 dependerão da solução do problema dos preços, que durante vários meses retardou os embarques para os Estados Unidos. Os Inventários de café cru em princípios do corrente ano eram satisfatórios, mas as perpectivas para o resto do ano não são favoráveis".

O mesmo boletim publicou a notícia de que na última reunião da Sociedade Rural Brasileira, se afirmou ser muito provável que a safra do ano corrente, assim como a dos dois anos vindouros, não atingirão em conjunto, no Estado de São Paulo, um total superior a 15 000 000 de sacas, assim discriminado: 3 000 000 de sacas em 1944/45; 4 000 000 em 1945/46, e 8 000 000 em 1946/47. Êsse total não permitirá mais do que uma margem de 10 000 000 de sacas para exportação.

Circulou ùltimamente o boato de que os Estados Unidos chegaram a um acôrdo com a Suiça, mediante o qual êsse país se comprometeu a adquirir o café dos países latino-americanos aos preços máximos aqui em vigor. Embora se trate de um simples boato, sem qualquer confirmação, entendemos conveniente reproduzí-lo dada a grande importância do assunto.

ÚLTIMA HORA

Autoriza-se o Aumento de 2% para os importadores

O número de hoje do "Journal of Commerce" desta cidade, publicou a notícia de que a Repartição de Administração de Preços (O.P.A.), anunciou a modificação à Lista de Preço N.º 50, que vinha sendo esperada há algum tempo. Segundo a mesma, os importadores ficam autorizados, a partir de hoje, a acrescentar aos preços máximos, nas vendas que fizerem aos torradores em lotes superiores a 26 sacas, a porcentagem de 2%. A medida não altera os preços máximos para os produtores, nem o preço do café para os consumidores, uma vez que os dois por cento terão que ser totalmente suportados pelos torradores.

A nova Regulamentação enumera igualmente os preços máximos que os importadores e demais vendedores poderão exigir por certas qualidades e tipos de café cru, que até agora não se achavam mencionados na Lista de Preços N.º 50. Essa lista, com os preços F. A. S. New York, é a seguinte:

Bahia – Suaves – Tipo 2: 13c/; Tipo 3: 12 3/4c/; Tipo 4: 12 1/4c/; Tipo 5: 12c/.
Equador — Natural Extra Superior: 11 3/4c/; Natural Superior: 10c/.
Guatemala — Lavados Robusta: 12c/.
Honduras — Grão duro ou melhor; 16c/; Naturais 5 doces: 11 5/8c/.
México — Oaxaca Pluma genuino: 16c/; Tapachula de altura: 16c/.
Abissínia — Djimmah: 13c/.
Madagascar — Natural Robusta: 10 1/4c/.

A lista menciona igualmente os preços em centavos por libra-pêso para os seguintes cafés, transportados por estrada de ferro, ou qualquer outro meio, até, à fronteira do México com os Estados Unidos:

México — Oaxaca Pluma genuino 15,80c/;
Tapachula de altura 16,13c/.
Tapachula Maragogipe 15,63c/.

Com exceção do café da Bahia, todos os demais haviam sido anteriormente incluidos nas listas da O. P. A., mas ainda não figuravam em qualquer alteração formal à Lista N.º 50.

Não possuimos ainda o texto oficial desta nova regulamentação da O. P. A. Esperamos, porém, poder reproduzí-lo na próxima Carta Semanal.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Segundo as cifras fornecidas pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos, as importações totais para todos os países signatários, na semana que terminou em 30 de dezembro, e para as Honduras na que terminou em 6 do corrente, elevaram-se a.... 257 940 sacas. Com exeção do Brasil, donde vieram 241. 536 sacas, as importações dos outros países foram muito pequenas, conforme se verifica pelo Quadro N.º 591, junto à presente. As da Colômbia sòmente atingiram 1 761 sacas.

O total importado no presente ano de quota, desde 1.º de outubro, eleva-se a 5 238 407 sacas, ou sejam 23,9% da quota aumentada, ao passo que os 91 dias do ano de quota, transcorridos até 30 de dezembro e os 98 dias transcorridos até 6 do corrente, representam respectivamente 24, 9% e 26,8% do ano de quota. É interessante observar que as importações do Brasil subiram a.... 3 010 219 sacas entre 1.º de outubro e 30 de dezembro, o que demonstra que êsse país cumpriu pontualmente seu compromisso de enviar 1 000 000 da sacas por mês durante os últimos três meses de 1944.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ PELOS ESTADOS UNIDOS NO ANO CIVIL DE 1944 — Segundo os cálculos preliminares baseados nas informações semanais do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, as importações de café dêste país, em 1944, atingiram a cifra recorde de... 19 394 132 sacas, conforme se pode ver no Quadro N.º 593. Êsse total não tem precedentes em nenhum ano civil ou de quota, nem siquer no antigo ano estatístico do café (1.º de julho a 30 de junho). O único período anual em que as importações se aproximaram dessa cifra foi no ano estatístico compreendido entre 1.º de julho de 1940 e 30 de junho de 1941, durante o qual se importaram 19 200 348 sacas. O total importado em 1944 corresponde a um aumento de 16,2% sôbre as importações de 1943, as quais se elevaram a 16 694 080 sacas.

A maior parte dêsse aumento proveio do Brasil, que forneceu 10 805 457 sacas em 1944, ou sejam mais 3 167 669 sacas do que em 1943 e, portanto, um aumento de 41,5%. Quanto às importações totais, o Brasil aumentou sua percentagem de participação em cêrca de 10%, tendo fornecido 55,7% do café importado pelos Estados Unidos em 1944, contra 45,7% em 1943. Os restantes países forneceram no seu conjunto 44,3% das importações totais em 1944, o que representa exatamente menos 10% do que em 1943. A Colômbia, que revela uma redução na cifra absoluta das importações, contribuiu sòmente com 25,3% do total, ao passo que em 1943 sua percentagem foi de 29,3%.

Deve tomar-se em consideração que estas percentagens apenas se referem a uma comparação de cifras relativas e não de quantidades absolutas. Isto é, a comparação não significa que todos os outros países com exceção do Brasil enviaram menos 10% em 1944; queremos dizer apenas que, em relação a um total muito maior, e na base das respectivas percentagens sôbre o total importado, tais países reduziram sua contribuição na referida proporção. Enquanto certos países mostram uma diminuição, outros, ao contrário, indicam um aumento concreto.

Dos países associados ao Bureau, o México foi o único que além do Brasil aumentou sua participação. O café dessa origem recebido nos Estados Unidos atingiu a cifra de 614 596 sacas, representando um aumento de 54 574 sacas, ou mais 9,7%. As importações da Colômbia diminuiram 35 576 sacas, ou menos 0,7%, pois se elevaram apenas a 4 855 842 sacas. A Venezuela concorreu com 336 785 sacas, que representam menos 161 341 sacas, ou menos 32% O Salvador

expediu para os Estados Unidos 822 747 sacas, menos portanto, 34 622 do que em 1943, sendo a percentagem da diminuição de 4%. As importações de Costa Rica atingiram sòmente 234 318 sacas, tendo diminuido 72 969 sacas e 23,7%. A República Dominicana importou 125 424 sacas, isto é, menos 62.786 sacas e menos 33,4%. Finalmente, as importações de Cuba foram de 71 035 sacas, correspondendo a menos 3 592 sacas e a uma redução de 4,8%.

Os países não associados ao Bureau que indicam um aumento, são a Nicarágua, O Haití, as Honduras e o Peru. A Guatemala e o Equador enviaram menos café do que em 1943.

No seu conjunto as cifras relativas a 1944 revelam claramente o vasto mercado para café que se criou nos Estados Unidos, em parte devido à guerra e em parte à nossa campanha de fomento, iniciada em 1938. Nossos desejos são que o volume considerável do consumo nos Estados Unidos sirva ao mesmo tempo de prevenção e de incitamento para que não se diminuam os esforços realizados até aqui. Só a sua continuação poderá manter êsse nível de consumo após a guerra.

O total sem precedentes das importações de café dos Estados Unidos em 1944 demonstra também, de modo insofismável, a colaboração dos países produtores no abastecimento dos Estados Unidos. Os lavradores de tôda a América Latina forneceram seu café, não obstante as tremendas dificuldades que defrontaram e que se devem ao grande aumento do custo da produçãoe, de uma maneira geral, do custo de vida. Tais aumentos eliminaram, ou reduziram a um mínimo, os lucros proveniente da cultura do café.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA — As exportações do Brasil, na semana que terminou em 5 do corrente foram de 286 000 sacas, segundo cifras ainda incompletas. As da Colômbia, na mesma semana, foram de 44 486 sacas, tôdas para os Estados Unidos.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL — Segundo as cifras remetidas à Bolsa do Café e Açúcar de Nova York pelo seu correspondente no Rio, os estoques de café nos portos brasileiros elevavam-se em 5 do corrente a 4 076 000 sacas, assim distribuidas:

Rio de Janeiro	690 000
Santos	3 349 000
Paranaguá	21 000
Angra dos Reis	16 000
	4 076 000

MERCADO DO DISPONíVEL — No Brasil os preços do tipo Santos continuam sem alteração, mas o tipo Rio 7 baixou de Cr $ 29,50 (em 5 do corrente para Cr$ 29,00 (em 11).

Nesta praça notou-se nos últimos dias maior atividade, o que parede ser devido ao aumento de dois por cento que os importadores e distribuidores são agora autorizados a adicionar aos preços máximos, conforme mencionamos anteriormente. Diz-se nos meios cafeeiros que se concluiram alguns negócios de cafés adquiridos aos preços máximos nos mercados de origem, sujeitos à clausula de que tais compras só serão efetivas na data em que a O. P. A. confirmar óficialmente a autorização parao referido aumento de 2%, o que aliás já sucedeu. Os negociantes dizem que a maior parte dêsse café se destina a satisfazer os pedidos do govêrno, os quais, conforme também dissemos noutro período desta Carta, se calculam em 4 000 000 de sacas para o presente ano.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS EST. UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

ANO CIVIL DE 1944 COMPARADO COM O DE 1943

(Saca de 60 quilos ou 132 276 libras)

Quadro N.º 593

PAÍSES DE ORIGEM	(x) 1944	1943	PORCENTAGEM SÔBRE O TOTAL DAS IMPORTAÇÕES		ACRÉSCIMO OU DECRÉSCIMO EM 1943	
			1944	1943	QUANTIDADES	%
PAÍSES SIGNATÁRIOS:						
Brasil	10 805 457	7 637 788	55,7	45,7	+ 3 167 669	+ 41,5
Colômbia	4 855 842	4 891 418	25,0	29,3	— 35 576	— 0,7
Costa Rica	234 318	307 287	1,2	1,8	— 72 969	— 23,7
Cuba	71 035	74 627	0,4	0,5	— 3 592	— 4,8
República Dominicana	125 424	188 210	0,7	1,1	— 62 786	— 33,4
El Salvador	822 747	857 369	4,2	5,1	— 34 622	— 4,0
México	614 596	560 022	3,2	3,4	+ 54 574	+ 9,7
Venezuela	336 785	498 126	1,7	3,0	— 161 341	— 32,4
Total	17 866 204	15 014 847	92,1	89,9	+ 2 851 357	+ 19,0
OUTROS PAÍSES SIGNATÁRIOS:						
Equador	182 013	201 217	1,0	1,2	— 19 204	— 9,5
Guatemala	703 175	787 153	3,6	4,7	— 83 978	— 10,7
Haiti	333 312	304 327	1,7	1,9	+ 28 985	+ 9,5
Honduras	41 307	32 907	0,2	0,2	+ 8 400	+ 25,5
Nicarágua	214 595	198 006	1,1	1,2	+ 16 589	+ 8,4
Peru	34 859	6 034	0,2	...	+ 28 825	+ 477,7
Total	1 509 261	1 529 644	7,8	9,2	— 20 383	— 1,3
TOTAL DOS PAÍSES SIGNATÁRIOS	19 375 465	16 544 491	99,9	99,1	+ 2 830 974	+ 17,1
TOTAL DOS PAÍSES NÃO-SIGNATÁRIOS (f)	18 667	149 589	0,1	0,9	— 130 922	— 87,5
Total geral	19 394 132	16 694 080	100,0	100,0	+ 2 700 052	+ 16,2
IMPORTAÇÕES DE CAFÉ DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES:						
Brasil	10 805 457	7 637 788	55,7	45,7	+ 3 167 669	+ 41,5
TODOS OS PAÍSES SIGNATÁRIOS	8 570 008	8 906 703	44,2	53,4	— 336 695	— 3,8
TODOS OS PAÍSES NÃO-SIGNATÁRIOS	18 667	149 589	0,1	0,9	— 130 922	— 87,5
Total geral	19 394 132	16 694 080	100,0	100,0	+ 2 700 052	+ 16,2

(x) — Cifras preliminares. (f) A fonte não discrimina os países não-signatários.
Os dados foram obtidos, pelos EE. UU., na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos EE. UU.

ENTRADAS DE CAFÉ EM GRÃO PELOS PORTOS DA COSTA DO PACÍFICO

CHEGADAS DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1944 comparadas com as de 1941, 1942, e 1943

(Em sacas) *

PAÍSES PRODUTORES	1944	1944	1943	1942	1941
	MÊS DE DEZEMBRO	JANEIRO 1 DEZEMBRO 31	JANEIRO 1 DEZEMBRO 31	JANEIRO 1 DEZEMBRO 31	JANEIRO 1 DEZEMBRO 31
África	...	950	...	...	3 994
Brasil	451 520	1 276 352	460 693	343 946	830 438
Colômbia	64 735	552 464	607 554	893 456	386 178
Costa Rica	600	87 182	158 734	134 013	130 459
Índias Orientais	...	...	...	3 625	22 156
Equador	...	14 644	7 506	10 064	24 064
El Salvador	25 552	633 345	683 807	438 434	292 009
Guatemala	4 347	270 877	316 781	223 436	173 721
Havaí	...	...	...	...	17 648
Honduras	1 838	10 983	9 230	8 797	5 684
México	...	29 769	53 047	31 618	65 140
Nicarágua	...	148 223	151 523	132 976	108 039
Peru	...	6 890	779	2 672	5 442
Venezuela	...	1 905	...	...	14 899
Índias Ocidentais	...	...	...	800	4 075
Total geral	548 592(x)	3 033 584(x)	2 449 654(x)	2 223 837(x)	2 083 946(x)

(x) Incluidas as chegadas via outros portos ou diretamente pela Estrada de Ferro, como segue:

PAÍSES PRODUTORES	1944 MÊS DE DEZEMBRO	1944 JANEIRO 1 DEZEMBRO 31	1943 JANEIRO 1 DEZEMBRO 31	1942 JANEIRO 1 DEZEMBRO 31	1941 JANEIRO 1 DEZEMBRO 31
África	...	950	...	...	
Brasil	156 369	981 201	378 214	130 788	
Colômbia	1 002	11 883	1 478	2 300	
Costa Rica	600	600	...	...	
Equador	...	...	301	...	
El Salvador	...	...	...	1 750	
Guatemala	500	500	...	...	
México	...	29 769	5 925	4 660	
Venezuela	...	1 905	...	...	
Total	158 471	1 026 808	385 918	139 498	

(*) Sacas de pesos diversos, de acôrdo com os embarques originais efetuados pelos países de origem.

Dados obtidos pela "Pacific Coast Association".

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS EE. UU. SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

1.º de Outubro de 1944 a 30 de Dezembro de 1944 e 6 de Janeiro de 1945

(SACA DE 60 QUILOS OU 132 270 LIBRAS)

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR de 1.º de Out.º 1944 a data abaixo:		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 30/12/1944	TOTAL DE 1/10/44 a 30/12/1944		
Brasil	13 110 489	241 536	3 010 219	10 100 270	23,0
Colômbia	4 437 607 (x)	1 764	1 737 755	2 699 852	39,2
Costa Rica	281 946	...	13 814	268 132	4,9
Cuba	112 778	8 727	21 366	91 412	18,9
República Dominicana	169 168	...	8 697	160 471	5,1
Equador	211 459	...	96 723	114 736	45,7
El Salvador	845 838	575	67 676	778 162	8,0
Guatemala	754 206	863	52 476	701 730	7,0
Haití	387 676	...	25 273	362 403	6,5
México	669 622	3 163	94 248	575 374	14,1
Nicarágua	274 897	...	608	274 289	0,2
Perú	35 243	...	10 067	25 176	28,6
Venezuela	592 087	191	75 360	516 727	12,7
		SEMANA TERMINADA EM 6/1/1945	TOTAL DE 1.º DE OUT. A 6/1/1945		
Honduras	28 195	1 121	24 120	4 075	85,5
Total dos países signatários	21 911 211	257 940	5 238 402	16 672 809	23,9
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	500 454	...	5	500 449	...
Total geral	22 411 665	257 940	5 238 407	17 173 258	23,4

NOTA: — (§) Em 30 de Dezembro e 6 de Janeiro são 91 e 98 dias ou 24,9% e 26,8%, sôbre a quota anual.
(x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feitos ajustes para o excesso de 3 042 sacas no total importado da Colômbia, durante o ano de quotas de 1943/44 (Vide quadro 583).
(1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 28 de Dezembro de 1944 e 2 de Janeiro de 1945.
(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Dep. do Tesouro dos Estados Unidos.

INFORME SEMANAL SÔBRE AS ATIVIDADES DA CAMPANHA DE ANÚNCIOS E PUBLICIDADE DO CAFÉ

N.º 108 **15 de janeiro de 1945**

CURSO ESPECIAL PARA O PESSOAL DE HOTÉIS E RESTAURANTES NA UNIVERSIDADE DE CHICAGO

De acôrdo com uma sugestão da National Coffee Association, a Universidade de Chicago tenciona inaugurar no próximo mês de fevereiro, um curso especial no qual se ensinarão as diversas fases e aspectos da exploração dos hotéis e restaurantes.

O Conselho Diretor do Bureau, considerando muito convenientes que se aproveitem tôdas as oportunidades possíveis para divulgar os sistemas de preparação e serviço do café que a prática tenha revelado como sendo os mais recomendáveis, aprovou a concessão da verba necessária para que o Bureau possa participar ativamente nesse curso especial na parte relativa ao papel que o café desempenha nos hotéis e restaurantes.

Nossa participação no Curso da Universidade de Chicago será diferente da que teremos nas escolas profissionais do Departamento de Educação dos Estados Unidos, a que nos referimos no informe anterior. Efetivamente, o curso de Chicago constitui um processo muito mais direto e positivo do que aquêle que será possível empregar nas escolas públicas.

O Diretor Executivo do Comitê Conjunto, aproveitando a oportunidade proporcionada pela viagem que vai fazer em fins dêste mês à Costa do Pacífico, discutirá os planos a adotar com as entidades interessadas da Universidade de Chicago.

Embora o programa dos trabalhos não se ache ainda aprovado, seus pontos principais incluirão a distribuição do material preparado pelo Bureau e o ensino, com demonstrações práticas, dos métodos de preparação de café recomendados pelo Bureau.

Atendendo a que um grande número dos alunos dêsse curso especial serão dentro de alguns anos gerentes e administradores dos principais hotéis e restaurantes dos Estados Unidos, será fácil verificar a importância que terá para o comércio do café a possibilidade de divulgar e incutir nos mesmos as idéias mais convenientes para melhorar a qualidade do café que se serve ao público e impedir os abusos que já se notam em grande número de estabelecimentos.

Informaremos nossos leitores logo que se formularem os planos definitivos para esta nova atividade.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

N.º 86 **15 de janeiro de 1945**

Transcrevemos em seguida um artigo publicado no número de 3 do corrente do "Journal of Commerce" desta cidade, no qual se avaliam as requisições de café do govêrno dos Estados Unidos em 1945 e se alude a uma possível escassez do produto devido ao retraimento dos produtores brasileiros.

"AVALIAM-SE EM 4 000 000 DE SACAS AS EXIGÊNCIAS DE CAFÉ DO GOVÊRNO DOS ESTADOS UNIDOS EM 1945"

Prevêem-se Dificuldades no Abastecimento devido ao Retraimento dos Produtores Brasileiros

As aquisições de café pelo govêrno, para o Exército, Armada, cedência nos têrmos da Lei de Empréstimos e Arrendamentos e outros fins, serão, segundo se diz, bastante grandes e susceptíveis de reduzir os estoques disponíveis, que de outro modo seriam canalizados para a população civil.

Avaliaram-se oficialmente em 4 000 000 de sacas as requisições de café pelo govêrno americano em 1945. Êsse volume é superior em 700 000 sacas ao adquirido no ano findo e representa mais de 20 por cento das importações totais em 1944.

Atendendo a que os estoques no país se elevam a mais de 4 000 000 de sacas e o fato de uma grande parte das compras de cafés suaves se fazerem diretamente nos países produtores para evitar o transbordo, não se prevê qualquer escassez do produto, embora os estoques ao alcance imediato do comércio possam vir a ser restringidos, como está atualmente sucedendo com o açúcar.

Por outro lado, a atitude dos negociantes, que estão esperando a autorização da O. P. A. para acrescentar 2 por cento aos preços máximos nas vendas superiores a 25 sacas, antes de efetuar compras em grande escala, também não contribui para aliviar a situação.

Redução nas Vendas do Brasil

Se as entidades que adquirem café para o govêrno forem capazes de comprar grandes lotes de café no Brasil, como tem sucedido até agora, suas requisições não levantarão dificuldades no mercado. Mas as vendas nesse país estão sendo restringidas devido aos preços máximos aqui em vigor. A atitude geral dos lavradores é a de que seus reduzidos estoques justificam preços mais elevados e por isso se negam a vender. Não se trata de qualquer recusa em colaborar ; diz-se que o fator que está reduzindo as vendas aos Estados Unidos, especialmente às fôrças armadas, é sòmente a necessidade econômica.

Durante as dificuldades de abastecimento que ocorreram no verão passado, o govêrno brasileiro interveio na situação, fornecendo às fôrças armadas e à população civil dos Estados Unidos café de seus próprios estoques. Tal medida foi, porém, mal recebida pelos lavradores e não parece que venha a repetir-se. Tal como informou o snr. Joaquim Sampaio Vidal, Presidente da Sociedade Rural Brasileira, num telegrama para êste jornal, que publicamos no sabado passado, não são apenas os especuladores, mas sim a grande maioria dos cafeicultores que insistem em exigir preços mais altos.

Segundo a opinião de certos meios desta praça, não há dúvida que algumas das suas afirmações são justificadas. Tais pessoas acentuam que a produção de café do Brasil, nos três anos que precederam a guerra, se elevou a uma média de 24 200 000 sacas, mas que tem baixado sucessivamente, para 11 000 000 de sacas em 1943 ; 10 000 000 em 1944 ; e em 1945 (julho de 1945 a junho de 1946) ela não excederá, segundo as últimas estimativas, 8 000 000 de sacas.

Insiste-se principalmente em que é impossível convencer os lavradores brasileiros, cuja produção se reduziu a quase um terço, a vender aos mesmos preços de 1941.

A medida que o tempo vai transcorrendo e os estoques cedidos pelo D. N. C. se vão esgotando, os meios bem informados prevêm uma redução considerável no volume dos embarques de café para os Estados Unidos.

É justamente devido a essa perspectiva que as aquisições de café pelo govêrno americano se devem considerar como um fator do mercado e é também êsse o motivo que leva o comércio a olhar com mais interêsse a Quarta Conferência Pan-Americana do Café, convocada para meados de fevereiro. Os resultados dessa reunião de produtores proporcionarão a resposta às preocupações do mercado e, sobretudo, decidirão se haverá necessidade de restabelecer o racionamento neste país.

CARTA N.º 398 — 22 de janeiro de 1945

SITUAÇÃO GERAL — Como conseqüência da Alteração N.º 11 à Lista de Preços N.º 50, publicada em 15 do corrente, que permite aos importadores aumentar 2% sôbre os preços máximos e a que nos referimos na Carta Semanal precedente, os negócios de café estiveram bastante ativos durante a semana passada. Juntamos à presente o texto integral dessa Alteração, devidamente traduzido.

Muitos importadores que até aqui não tinham interêsse em desfazer-se de seus estoques, tem vendido com relativa liberalidade, nos últimos dias os torradores do país. Acrescenta-se, porém, que a maior parte dessas vendas se tem limitado aos clientes antigos e que um grande número de torradores ainda tem dificuldades em recompletar seus estoques.

Atudindo a essa autorização para aumentar os 2%, a National Coffee Association enviou uma circular a seus membros na qual diz que a proibição relativa aos agentes dos exportadores se aplica sòmente quando o agente do exportador intervém nas vendas com essa mesma qualidade. Nos outros casos, quando êle próprio atue como importador, assumindo os riscos respectivos, poderá acrescentar os mencionados 2% aos preços máximos. Considera-se que a autorização se aplica a todos os cafés que se achavam em poder dos importadores em 15 do corrente.

Os considerandos que precedem a modificação explicam que se suprimiu a disposição relativa aos prêmios para os cafés de qualidade "acentuadamente superior", em vista de se ter resolvido especificar na alteração os tipos de café a que essa disposição se referia. Tais cafés são os "extra superior", sanzonados, Washed Cucuta Excelso, Washed Bucamaranga Excelso e Washed Maracaíbo e o respectivo prêmio foi fixado num máximo de 3 ¼ centavos de dólar por libra sôbre os preços máximos estipulados na Lista N.º 50

Parece que a maior preocupação do comércio neste momento consiste nas requisições oficiais para as fôrças armadas e para a população civil das regiões libertadas. Diz-se nos meios desta praça que se o govêrno não conseguir adquirir café para tais fins diretamente nos países produtores confiscará os estoques destinados à população civil. Até agora não há confirmação de que se tenha efetuado qualquer transação dêsse gênero nos países produtores, nem se sabe de qualquer país que tenha estabelecido acordos especiais para enviar café com tal destino. Entretanto não se concederão licenças de importação, conforme já dissemos em Cartas precedentes, sem que o govêrno tenha adquirido todo o café de que necessita.

Segundo informações fornecidas pelo organismo encarregado da estabilização dos preços no Canadá, êsse país comprou mais de 52 920 sacas de café cru em outubro de 1944, contra 43 621 no mesmo mês de 1943. As compras durante os 10 primeiros meses de 1944 atingem mais de .... 665 276 sacas, contra 390 940 em idêntico período de 1943. Essas cifras parecem indicar que o Canadá está armazenando Café, pois é difícil admitir que o consumo tenha aumentado na proporção que essas cifras revelam.

A Repartição de Administração de Preços acaba de publicar uma ordem relativa ao preço da chicória que, como se sabe, é utilizada quase exclusivamente como um adulterante do café, e que como tal tem grande consumo no sul dos Estados Unidos. Essa ordem declara que enquanto se acha pendente o pedido de aumento dos preços máximos para a venda da chicória torrada, os atacadistas poderão vendê-la a preços que se ajustarão mais tarde, quanto tal pedido for apreciado.

COMPRAS MENSAIS DE CAFÉ — Continuamos nesta Carta Semanal nossa análise das compras de café que iniciamos o mês passado, ao analizar as aquisições de novembro. A Administração de Alimentos (WFA) acaba de fornecer as cifras relativas a dezembro, ou seja o segundo mês para o qual preparamos êste informe estatístico.

O total do café adquirido em dezembro de 1944 atingiu 2 002 061 sacas de 60 quilos, das quais 1 025 485, ou 51,2%, provieram do Brasil, sendo as restantes 976 576 sacas constituidas por cafés suaves. Os importadores realizaram 61,8% das compras, e os torradores 38,2%. A cifra total representa um aumento de 36,4% sôbre as importações de novembro, que totalizaram 1 467 377 sacas. Cumpre não esquecer que essas cifras se referem a vendas realizadas pelos países produtores no mês de dezembro, e não ao café importado pelos Estados Unidos. Sucede freqüentemente que o café adquirido em determinado mês só chega a êste país dois ou três mêses mais tarde. A cifra correspondente a dezembro é bastante considerável e excedeu o 1 400 000 sacas com que se contava e que mencionamos em nossa Carta Semanal N.º 396, de 8 do corrente. A cifra tinha-nos sido fornecida por uma entidade reputada fidedigna.

Referindo-se às elevadas importações de dezembro, o Boletim do "Commodity Researh Bureau" disse o seguinte :

"Tomando essas cifras como base, a perspectiva do abastecimento de café torna-se muito mais animadora. Considerou-se a possibilidade de alguns importadores terem registrado compras **não realizadas**, a fim de aproveitar suas licenças de importação e com esperança de adquirirem realmente o café para embarque em curto praso."

(O sublinhado é nosso. Como se sabe as licenças de importação venciam-se em 31 de dezembro, sendo portanto possível que se tivesse passado qualquer coisa análoga ao que o Boletim menciona. Isso seria uma explicação para a desproporção das compras entre os meses de novembro e dezembro).

TOTAL DO CAFÉ COMPRADO EM DEZEMBRO DE 1944

(Sacas de 60 quilos)

N.º de Compradores	Tipo	Quantidade Comprada	% sôbre o total
118	Brasil	1 025 485	51,2
84	Suaves	976 576	48,8
202		2 002 061	100,0

COMPRAS POR TORRADORES E IMPORTADORES

N.º de Compradores	Tipo	Quantidade Comprada	% sôbre o total
98	Torradores	765 185	38,2
104	Importadores	1 236 876	61,8
202		2 002 061	100,0

BRASIL

N.º de Compradores	Tipo	Quantidade Comprada	% sôbre o total
68	Torradores	481 978	47,0
50	Importadores	543 507	53,0
118		1 025 485	100,0

SUAVES

N.º de Compradores	Tipo	Quantidade Comprada	% sôbre o total
30	Torradores	283 207	29,0
54	Importadores	693 369	71,0
84		976 576	100,0

COMPRA POR TORRADORES

N.º de Compradores	Tipo	Quantidade Comprada	% sôbre o total
68	Brasil	481 978	63,0
30	Suaves	283 207	37,0
98		765 185	100,0

COMPRAS POR IMPORTADORES

N.º de Compradores	Tipo	Quantidade Comprada	% sôbre o total
50	Brasil	543 507	43,9
54	Suaves	693 369	56,1
104		1 236 876	100,0

ESTOQUES DE CAFÉ CRU E VOLUME DO CAFÉ TORRADO — As cifras preliminares correspondentes aos estoques de café cru em 31 de dezembro último, fornecidas recentemente pela O. P. A. acusam um total de 4 105 000 sacas, representando uma baixa de 228 600 sacas sôbre as de novembro, que atingiam 4 333 600 sacas.

O volume do café torrado em dezembro, segundo cifras igualmente preliminares, foi de..... 1 480 000 sacas, ou sejam mais 41 000 do que 1 439 000 correspondentes a novembro. Tanto estas cifras, como as precedentes não incluem o café das fôrças armadas.

CONSUMO DO CAFÉ — O consumo do café nos Estados Unidos em 1944, como se verá no quadro seguinte, alcançou um nível sem precedentes, pois se elevou a 18 812 071 sacas. A desaparição e consumo de café podem avaliar-se dêste modo:

Estoques em 31 de dezembro de 1943	3 522 939
Importações em 1944, segundo o acôrdo de quotas	19 394 132
Estoques visíveis em 1944	22 917 071
Menos os estoques em 31 de dezembro de 1944	4 105 000
Desaparição total de café em 1944	18 812 071
Menos o volume do café torrado para a população civil em 1944	16 096 284
Diferença entre a desaparição total de café e o volume do café torrado para a população civil, correspondendo, provàvelmente, ao café retirado pelas fôrças armadas 1944	2 715 787

Em nossa Carta Semanal anterior aludimos ao fato das importações de 1944 terem atingido uma cifra sem precedentes. Cumpre-nos agora informar que o consumo dos Estados Unidos se manteve num nível proporcional a dessas importações. Como dissemos no capítulo relativo ao mercado do disponível, o consumo do café continua sendo muito elevado em tôdas as regiões do país. Será, pois, lógico admitir que no ano corrente a procura de café cru, animada pela intensa campanha de anúncios e publicidade que temos realizado e pelo aumento de consumo provocado pela guerra, se mantera muito elevado. Isso contribuirá sem dúvida para consolidar a estrutura firme dos preços, que domina tanto nêste país como nos países produtores.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — As importações totais dos países signatários, na semana que terminou em 6 do corrente, e das Honduras na que terminou em 13, elevou-se, segundo os dados fornecidos pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos, a 455 985 sacas. Corresponderam ao Brasil 314 505 sacas, à Colômbia 116 901 e ao Equador 19 720. Como se vê no Quadro Estatístico N.º 594, junto à presente, as importações dos outros países foram muito reduzidas.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — Na semana que terminou em 13 do corrente, o Brasil exportou 148 000 sacas, segundo dados incompletos. As da Colômbia, no mesmo período, elevaram-se à 89 248 sacas, tôdas para os Estados Unidos.

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL — Segundo as cifras fornecidas à Bolsa do Café Açúcar desta cidade pelos seus corespondentes no Rio, os estoques de café em portos brasileiros atingiam em 13 do corrente 4 068 000 sacas, assim distribuidas:

Rio	725 000
Santos	3 304 000
Paranaguá	21 000
Angra dos Reis	18 000
Total	4 068 000

ESTOQUES NOS PORTOS COLOMBIANOS — O escritório da Federação dos Cafeicultores de Colômbia nesta cidade forneceu as cifras relativas aos estoques de café nos portos dêsse país em 13 do corrente, os quais se elevavam a 755 436 sacas, assim distribuidas :

Barranquilha	490 446
Cartagena	149 904
Buenaventura	115 086
Total	755 436

ESTOQUES NA ZONA LIVRE E SOB CONTRÔLE ADUANEIRO — Segundo os dados fornecidos pela Junta Inter-americana do Café, os estoques na zona livre e sob contrôle aduaneiro eram de 349 053 sacas, em 31 de dezembro último. Essa cifra representa um aumento de 11 828 sacas sôbre as correspondentes a novembro e deve-se ao aumento dos estoques do Brasil. Eis a discriminação por países :

Países Signat.	Sob Contrôle aduan.	Na Zona livre	Total em 31/12	Total em 31/11
Brasil	336 487	—	336 487	326 781
Colômbia	3 173	—	3 173	5 433
Costa Rica	298	—	298	298
Equador	5	—	5	5
El Salvador	4 426	—	4 426	38
Guatemala	409	4	413	419
Honduras	246	—	246	246
Venezuela	5	4 000	4 005	4 005
Total	345 049	4 004	349 053	337 225

MERCADO DO DISPONÍVEL — No Brasil os preços do tipo Santos não sofreram qualquer alteração, mas os do tipo Rio 7 subiram de Cr$ 29,00, a que se achavam em 11 do corrente, para Cr$ 30,00, em 18.

No mercado desta praça os negócios têm estado muito mais ativos do que nas semanas precedentes, afirmando-se que se realizaram bastantes negócios, tanto por intermédio dos torradores como pelos importadores. No mercado para embarque custo e frete também se diz terem-se concluido alguns negócios com cafés brasileiros no DNC e com Suaves, mencionando-se especialmente um lote da América Central (Guatemala e Salvador) para embarque futuro. O govêrno continua realizando tentativas para comprar grandes quantidades de café, cujo total, segundo consta, se eleva a 2 000 000 de sacas. Tôdas elas para as fôrças armadas. É dìfícil saber qual o volume já adquirido, mas diz-se que se o govêrno tiver dificuldade em adquirir café êle requisitará os estoques destinados à população civil.

O mercado continua, naturalmente, muito firme, e o consumo em tôdas as regiões do país tende a alcançar níveis sem precedentes. Isso deixa antever uma grande procura de café cru nos meses próximos.

TEXTO DA ALTERAÇÃO N.º 11 À LISTA DE PREÇOS MÁXIMOS N.º 50

Seção 1351 — Alimentos e Produtos Alimentares (R. P. L. 50, Alt. 11)

Café Cru

A Lista de Preços N.º 50 é alterada nos termos seguintes :

1 — A tabela de preços da seção 1351.1 (c) é modificada pela adição dos seguintes preços, sob os títulos correspondentes :

País e Preços em Centàvos por Lib., fora da Doca em Nova York

Pernambuco — Bahia — Suaves : Tipo 2, 13c/; Tipo 3, 12 ¾c/; Tipo 4, 12 ¼c/; Tipo 5, 12c/.
Equador — Natural Extra Superior : 11 ¾c/; Natural Superior : 10c/.
Guatemala — Lavados Robusta : 12c/.
Honduras — Grão duro ou melhor : 16c/; Naturais 5 doces : 11 5/8c/.
México — Oaxaca Pluma genuino : 16c/; Tapachula de Altura : 16c/.
Abissínia — Djimmah : 13c/.
Madagascar — Natural Robusta : 10 ½c/.

Preços em Centavos por Lib., fora do vagão, ou de outro tipo de transporte, em qualquer ponto de entrada na fronteira do México.

México — Oaxaca Pluma genuino : 15,80c/; Tapachula de Altura : 16,13c/; Tapachula Maragogipe : 15,63c/.

2 — O texto que se segue à Lista de Preços da seção 1351.1, parágrafo (c), altera-se do seguinte modo :

As descrições acima mencionadas aplicam-se, em todos os casos, às melhores qualidades e categorias dos tipos descritos. Os preços máximos para o café cru importado de qualquer outro país, ou para as qualidades inferiores e características diversas das mencionadas, serãodeterminados mediante a aplicação dos diferenciais habituais do comércio, em vigor anteriormente a 8 de dezembro de 1941, aos preços máximos expressamente mencionados neste parágrafo.

Para o café sanzonado das qualidades "extra superior" Lavados Cucuta Excelso, Lavados Bucamaranga Excelso e Lavados Maracaíbo, apenas se pode adicionar um prêmio ao preço máximo fixado na Seção 1351.1 para êsses cafés, que não exceda o correspondente ao existente entre 1.º de agôsto de 1941 e 8 de dezembro de 1941 para a referida qualidade. Tal prêmio não poderá em caso algum exceder 3 ¼c/ por lb.

Qualquer prêmio que se adicione de acôrdo com o mencionado no parágrafo anterior deve ser mencionado separadamente no contrato de venda e comunicado à Seção de Alimentos Importados da Repartição de Administração de Preços, Washington, D. C., dentro de 15 dias depois de concluida a venda, acompanhado dos documentos que provem que o mesmo não excede o existente entre as referidas datas de 1.º de agôsto e 8 de dezembro de 1941.

3 — A seção 1351.1, parágrafo (g) é alterada nos seguintes termos :

g) — Nas vendas de café cru que não sejam feitas ao importador ou realizadas por um agente do exportador, pode acrescentar-sé aos preços máximos um adicional que não exceda o seguinte :

Em lotes de 26 ou mais sacas : 2% dos preços mencionados no § (o) :
Em lotes de 5 a 25 sacas : 3% dos preços mencionados no § (c) ;
Em lotes de 4 ou menos sacas : 7 ½% dos preços mencionados no § (c).

A publicação e registro das disposições contidas nesta modificação foram aprovadas pela Repartição de Orçamentos, de acôrdo com o disposto na Lei Federal de Publicações de 15 de Janeiro de 1942.

Esta modificação entrará em vigor em 15 de Janeiro de 1945.

a) **Chester Bowles**
Administrador

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS EE. UU. SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

De 1.º de Outubro de 1944 a 6 e 13 de Janeiro 1945

(SACA DE 60 QUILOS OU 132 276 LIBRAS)

(Quadro N.º 594)

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR De Outubro 1.º de 1944 a data abaixo		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 1/1/1945	TOTAL DE 1.º OUT. a 6/1/1945		
Brasil	13 110 489	314 515	3 324 734	9 785 755	25,4
Colômbia	4 437 607 (x)	116 901	1 854 656	2 582 951	41,8
Costa Rica	281 946	...	13 814	268 132	4,9
Cuba	112 778	...	21 366	91 412	18,9
República Dominicana	169 168	1 997	10 694	158 474	6,3
Equador	211 459	19 720	116 443	95 016	55,1
El Salvador	845 838	—4 (3)	67 672 (3)	778 166	8,0
Guatemala	754 206	551	53 027	701 179	7,0
Haití	387 676	330	25 603	362 073	6,6
México	669 622	1 971	96 219	573 403	14,4
Nicarágua	274 897	...	608	274 289	0,2
Peru	35 243	...	10 067	25 176	28,6
Venezuela	592 087	...	75 360	516 727	12,7
		SEMANA TERMINADA EM 13/1/1945	TOTAL DE 1.º OUT. A 13/1/1945		
Honduras	28 195	...	24 120	4 075	85,5
Total dos países signatários	21 911 211	455 985	5 694 383	16 216 828	26,0
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	500 454	...	5	500 449	...
Total geral	22 411 665	455 985	5 694 388	16 717 277	25,4

NOTA: — (§) Em 6 e 13 de Janeiro são 98 e 105 dias ou 26,8% e 28,8%, sôbre a quota anual.
(x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feitos ajustes para o excesso de 3 042 sacas no total importado da Colômbia, durante o ano de quotas de 1943/44 (vide quadro 583).
(1) De acôrdo com as resoluções da Junta Inter-americana do Café, datadas de 28 de Dezembro de 1944 e 2 de Janeiro de 1945.
(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Dep. do Tesouro dos Estados Unidos.
(3) Revisão efetuada nas cifras da semana anterior.

INFORME SEMANAL SÔBRE AS ATIVIDADES DA CAMPANHA DE ANÚNCIOS E PUBLICIDADE DO CAFÉ

N.º 109 **22 de janeiro de 1945**

O CAFÉ NA MARINHA MERCANTE

Um resultado muito satisfatório dos trabalhos realizados pelo Bureau em colaboração com o Comitê de Preparação do Café da National Coffee Association, foi a aceitação, pela Administração dos Transportes Marítimos, das instruções para a preparação do café recomendades pelo Bureau.

A Marinha Mercante dos Estados Unidos é uma das organizações que consomem mais café e seu pessoal é talvez o maior consumidor per-cápita no mundo.

Devido à considerável expansão que atingiu em conseqüência da guerra, a Marinha Mercante teve dificuldades em obter pessoal de cozinha especializado e, tal como o Exército e a Marinha, teve que instalar escolas profissionais para o mesmo. Nelas se ensina não só a preparar café, como ainda conservação dos utensílios, a armazenagem do café torrado e moído e o serviço de uma bebida em boas condições. Os resultados dessa medida constituem causa para emolação entre o pessoal de outras organizações.

Observando o mesmo espírito de cooperação manifestado para com o Govêrno, Exército e Marinha dos Estados Unidos, o Bureau ofereceu à Administração dos Transportes Marítimos 12 000 placas metálicas contendo intruções para preparar a bebida, as quais serão distribuidas às cozinhas de todos os navios e embarcações pertencentes à referida entidade.

As instruções contídas nas placas são as seguintes :

COMO PREPARAR BOM CAFÉ

1 — Encher a caldeira do recepiente com água e ferver a mesma ;
2 — Colocar o café num filtro limpo :
3 — Empregar medidas padronizadas : ½ lb. de café por galão de água ;
4 — Despejar um galão de água a ferver sôbre o café, com um movimento circular ;
5 — Despejar novamente sôbre o café a água que tenha passado através do filtro pela primeira vez e remover o filtro concluida a operação ;

OBTÊM-SE 20 CHÍCARAS DE CAFÉ POR GALÃO DE ÁGUA — PREPARE SÓMENTE A QUANTIDADE DE CAFÉ NECESSÁRIA PARA CADA VEZ.

COMO CUIDAR DOS UTENSÍLIOS

1 — Limpe escrupulosamente o recepiente e as tampas uma vez por dia ; Feita a limpesa conserve-a parcialmente aberta para ventilá-la.
2 — Limpar os filtros com água fria ; não use sabão. Os filtros, quando não em uso, devem conservar-se mergulhados em água fria.
3 — Lave e ferva a urna e seus pertences uma vez por semana, limpando-a préviamente com qualquer produto para tal recomendado.

O CAFÉ QUE FORNECEMOS PARA BORDO É BOM. SE OBSERVAR ESTAS INSTRUÇÕES O CAFÉ QUE PREPARAR SERÁ IGUALMENTE BOM.

ÊLE É SEU ALIMENTO — PREPARE-O COM CUIDADO

Administração dos Transportes Marítimos — Seção de Contrôle de Alimentos

Como se vê, a Administração dos Transportes Marítimos, como as fôrças Armadas dos Estados Unidos, reconhece a importância que o café tem no regime alimentar normal de seu pessoal. Os

esforços que temos empregado para melhorar a qualidade da bebida e a colaboração que dispensamos às entidades oficiais para auxiliá-las a servir bom café ficam agora muito compensadas pela propaganda que fomentamos entre os vários milhões de homens que compõem os serviços armados e a Marinha Mercante dos Estados Unidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

N.º 87 — 22 de janeiro de 1945

Transcrevemos em seguida o editorial do número de janeiro da revista "COFFEE", publicada pelo Comitê Conjunto de Anúncios e Publicidade do Café, que, como se sabe, é constituido pelo Bureau e pela National Coffee Association.

O CONVÊNIO INTER-AMERICANO DO CAFÉ

Na resolução a ser tomada sôbre a prorrogação, ou o abandono, do Convênio Inter-americano do Café, é essencial que as propostas e decisões dos interessados se baseiem nas mais amplas considerações de interêsse mútuo, quanto aos problemas futuros, e no indispensável bem estar de tôda a indústria do café.

Efetivamente seria terrível que os problemas momentâneos, as reações emotivas, ou o egoísmo imprudente destruissem os resultados positivos de vários anos de esfôrços, ou contribuissem para que a indústria perdesse o valioso apôio que representa a existência da Junta Inter-americana do Café.

Todos admitem que a situação se modificou radicalmente desde o estabelecimento do Convênio, com suas primeiras conseqüências sôbre o contrôle das quotas. Mas partir dessa idéia para concluir que devido a tais modificações o Convênio Inter-americano do Café e a Junta Inter-americana do Café já não são necessários, equivale a afirmar que não temos atualmente, nem voltaremos a ter no futuro, problemas cafeeiros internacionais, ou que essas instituições, uma vez abandonadas, serão fáceis de reconstituir.

Tais afirmações estão longe de ser verdadeiras. Os problemas que a indústria do café confronta atualmente e os que confrontará após a guerra são bem mais complicados, difíceis e profundos do que aqueles que deram origem ao Convênio. Nossas dificuldades não resultam apenas de ser mais escabrosa que hoje trilhamos ; elas provêm sobretudo do fato das finalidades da indústria e as soluções a tomar não serem hoje tão evidentes como eram em 1940. A transição do período de contrôle dos preços e das importações ; dos problemas de produção, abastecimento e seleção do produto ; das relações entre os países produtores, de um lado, e os Estados Unidos e os mercados europeus, do outro ; e a determinação da natureza e extensão da participação do govêrno na indústria, constituem problemas transcendentes que podem conter perspetivas catastróficas para tôda a indústria.

É indiscutível que um intrumento formal de princípios, como o Convênio, e um organismo de orientação, consulta e preparação de planos, como a Junta inter-americana, são instituições indispensáveis para que se possam confrontar tais problemas com eficiência.

Não podemos deixar de lamentar que precisamente no momento em que somos forçados a deliberar sôbre problemas tão críticos, nos falte a colaboração da pessoa que mais contribuiu, com sua inteligência e ardor, para a solução das dificuldades passadas. Queremos referir-nos a Herbert Delafield. Êle personificava a experiência, a visão, a paciência, a inteligência e o ponto de vista humano nos problemas e nas idéias em causa, qualidades tão essenciais para a colaboração sincera com que se devem estudar as grandes dificuldades. Sua perda será, porém, muito mais grave se esquecermos os ensinamentos que nos proporcionou o seu trabalho inegualável.

Ninguém que se ache ao par do que se passou em Washington nos últimos anos pode ignorar o papel fundamental que desempenhou a Junta Inter-americana do Café, a fim de assegurar o ponto de vista adequado em tôdas as discussões relacionadas com as necessidades e problemas da indústria do café.

Tal fato revela-se com tôda a clareza, se nos recordamos de que nossas dificuldades presentes resultam em grande parte de não termos sabido tomar na devida consideração, nem utilizar com eficiência, os meios de consulta ao nosso dispor para o estudo dos problemas econômicos e respectivas diretrizes.

Além disso, ninguém familiarizado com o modo como se conduziam no passado os problemas internacionais do café pode alimentar esperanças de que se possa reconstituir com rapidez uma organização eficiente em caso de necessidade, ou pensar, sem desalento, no recurso aos métodos antiquados de que outrora se dispunha. Tôdas as pessoas ligadas à indústria se recordam da ineficiência, dos atrazos, do desânimo e do cáos resultantes das discussões através dos canais diplomáticos, com funcionários totalmente alheios aos assuntos cafeeiros e manietados pelas peias burocráticas praxes do protocolo diplomático. Por outro lado, apesar da experiência que adquirimos, não podemos senão considerar com cepticismo a possibilidade de estabelecer novamente um acôrdo em caso de emergência, e instalar um organismo encarregado de administrá-lo, obtendo, em tempo útil, a necessária ratificação do Congresso.

Sob o ponto de vista de um egoísmo esclarecido, o comércio cafeeiro dos Estados Unidos tem especial interêsse em manter um acôrdo básico e em conservar a Junta Inter-americana do Café como uma organização estável. É óbvio que os países produtores, pela própria natureza dos problemas presentes e futuros, podem contribuir — e sem dúvida contribuirão em grande parte — para uma solução adequada das dificuldades presentes, a bem de todos os interessados. Não se deve ignorar a benéfica influência que a solenidade de um tratado representa para o prestígio e para a consolidação dos canais comerciais existentes. Também é sem dúvida evidente que o elemento da indústria que tem colhido maiores benefícios do Convênio e dos esforços da Junta Inter-americana do Café em Washington é precisamente o comércio cafeeiro dos Estados Unidos.

Suceda, porém, o que suceder, uma coisa é certa : os países produtores da América Latina continuarão, por conveniência mútua, suas consultas e sua colaboração. Para os Estados Unidos o dilêma é êste : deve a sua intervenção resumir-se à de simples observador, ou será conveniente que participem e colaborem como uma entidade diretamente interessada ?

A resposta não é difícil. Sejam quais forem as modificações que a evolução dos fatos imponha, e seja qual for o grau de flexibilidade que haja necessidade de lhe introduzir, para o adaptar aos novos problemas. o interesse geral exige que se prorrogue o Convênio Inter-americano do Café e se conserve e fortaleça a Junta Inter-americana do Café.

CARTA N.º 399 — 29 de janeiro de 1945

SITUAÇÃO GERAL — As últimas informações que o comércio desta praça recebeu da Colômbia revelam que a Federação Nacional de Cafeicultores dêsse país aumentou em 10 c/ por arroba o preço a ser pago aos produtores. A percentagem de aumento é de aproximadamente 2%.

Até agora nada se sabe sôbre o encerramento do registro das vendas na Colômbia que, como noticiamos na Carta Semanal N.º 397, tinha sido temporáriamente ordenado pela Junta de Contrôle de Câmbios do mesmo país. Segundo as informações que aqui se receberam, êsse encerramento aplica-se tanto às vendas para os Estados Unidos, como às que se destinam a outros mercados. Circulam a êsse respeito diversos boatos nêste mercado, mas preferimos não os reproduzir, uma vez que a Junta de Câmbios ainda não tomou qualquer resolução definitiva.

Na mesma Carta Semanal N.º 397 (de 15 do corrente), aludimos aos boatos que corriam neste mercado, segundo os quais os Estados Unidos tinham chegado a um acôrdo com a Suíça, no sentido desta manter nas suas compras de café os preços máximos que aqui vigoram. Segundo informa o Boletim de 22 do corrente do "Commodity Research Bureau" parece que infelizmente se confirma

tal notícia e que o acôrdo foi igualmente realizado com a Bélgica e a Holanda e, provàvelmente, com todos os países sujeitos ao contrôle dos transportes marítimos. De acôrdo com o mesmo Boletim, a medida que se adota para impor o acôrdo consiste em recusar os certificados marítimos "Navicerts" aos carregamentos de café que tenham sido adquiridos a preços que excedam os "tetos" da O. P. A.

Comentando as elevadas importações de café no período já transcorrido do presente ano de quota, o Commodity Research Bureau expressa-se do seguinte modo:

> "O café desembarcado no período de duas semanas que terminou em 13 do corrente atinge 850 690 sacas. Supõe-se atualmente que o mínimo de importações necessário durante o ano de 1945 será de pouco mais ou menos 20 750 000 sacas, das quais .... 16 250 000 se destinam ao consumo da população civil e 4 500 000 às fôrças armadas. Isso significa que as importações terão que alcançar um nível médio de 1 750 000 sacas mensais, ou cêrca de 400 000 por semana. Se realmente as importações tiverem que atingir êsse volume, é fácil verificar que apenas se poderá depender de um ou dois países para fornecer a maior parte do excedente de 1 000 000 de sacas de que se necessita êste ano".

O protesto dos lavradores brasileiros contra uma notícia publicada no Jornal "The New York Times" em que se dizia que apenas os especuladores brasileiros desejavam o aumento dos preços do café (conforme mencionamos na Carta Semanal N.º 396) deu origem a que o Snr. Eurico Penteado, Representante do Departamento Nacional do Café do Brasil e Presidente do Conselho Diretor do Bureau, dirigisse ao Diretor do referido jornal duas cartas que traduzimos no Informe de Imprensa junto à presente. Recomendamos com todo o interêsse a sua leitura, visto o Snr. Penteado resumir nas mesmas os fatos que provocaram a difícil situação em que se encontram os lavradores brasileiros.

PRODUÇÃO EXPORTÁVEL DO BRASIL — SAFRA DE 1944/45 — Na Carta Semanal N.º 396 reproduzimos um quadro com a produção exportável do Brasil na safra de 1944/45, elaborado segundo os dados fornecidos pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York. O total respectivo elevava-se a 9 400 000. Informações mais recentes, fornecidas pela Banco de Londres e da América do Sul, revelam todavia que essa cifra inclui as sobras da safra precedente que se encontram nas fazendas esperando transporte. Apesar de ainda não haver cifras oficiais, o referido banco calcula em 1 500 000 sacas o total dessa sobras, visto os dados oficiais atribuirem à safra no Estado de São Paulo um total máximo de 3 000 000 de sacas. A informação acrescenta que se essas cifras forem aproximadamente exatas, a safra global será inferior a 8 000 000 de sacas, contra 10 816 000 sacas que se embarcaram em todos os portos do Brasil nos primeiros 10 mêses do ano passado".

O 7 900 000 sacas (9 400 000 menos as sobras da safra anterior) que se produzirão em 1944/45 comparam-se com as seguintes safras dos últimos anos:

1938/39	23 890 000	sacas de 60 quilos
1939/40	19 795 000	,, ,, ,, ,,
1940/41	17 255 000	,, ,, ,, ,,
1941/42	15 897 000	,, ,, ,, ,,
1942/43	13 736 000	,, ,, ,, ,,
1943/44	11 782 000	,, ,, ,, ,,
1944/45	7 900 000	,, ,, ,, ,,

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Segundo os dados fornecidos pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos, o total das importações de todos os países associados, durante a semana que terminou em 13 do corrente, e das Honduras, na que terminou em 20, elevou-se a 395 705 sacas. As importações do Brasil foram de 297 347 e as da Colômbia de 52 612 sacas. As dos restantes países, como se pode ver no quadro estatístico N.º 595, junto à presente, foram bastante reduzidas. O total importado até às duas datas citadas eleva-se a 6 090 093 sacas, ou sejam 27,2% da quota

aumentada em vigor, ao passo que os 105 dias transcorridos até 13 de janeiro e os 112 transcorridos até 20, correspondem respectivamente a 28,8% e a 30,7% do ano de quota.

REGISTRO DAS VENDAS NOS PAÍSES PRODUTORES — O quadro seguinte mostra a situação do sregistros de vendas nos países produtores, segundo as cifras fornecidas pela Junta Interamericana do Café:

Países Signat.	Data	V. para os E. U.	Para outros países	Totais
Brasil	23/12/44	4 364 821	544 906	4 909 727
Guatemala	6/1/45	173 155	54 266	227 421
Venezuela	31/12/44	101 934	7 963	109 897

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO — Os estoques de café em São Paulo, nas estações ferroviárias e nos armazens do interior elevavam-se em 31 de dezembro último, segundo os dados enviados à Bolsa do Café e Açúcar de Nova York pelos seus correspondentes no Rio, a 3 222 000 sacas, contra 6 407 000 em dezembro de 1943 e 2 590 000 em 31 de dezembro de 1942. No quadro seguinte faz-se a respectiva comparação:

Safra	31/12/44	31/12/43	31/12/42	
1941/42	—	266 000	2 590 000	Sacas de 60 quilos
1942/43	1 171 000	3 434 000	—	" " " "
1943/44	782 000	2 707 000	—	" " " "
1944/45	1 269 000	—	—	" " " "
	3 222 000	6 407 000	2 590 000	

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL — Segundo os dados fornecidos pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York e recebidos de seus correspondentes no Rio, os estoques de café existentes nos portos brasileiros em 20 do corrente elevavam-se a 4 091 000, assim distribuidos:

Rio	723 000
Santos	3 328 000
Paranaguá	21 000
Angra dos Reis....................	19 000
	4 091 000

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — As exportações do Brasil na semana que terminou em 20 de março elevaram-se a 239 000 sacas, segundo cifras incompletas. As da Colômbia, no mesmo período, foram de 89 698, das quais 86 785 para os Estados Unidos e 2 913 para outros destinos.

MERCADO DO DISPONÍVEL — No Brasil os preços do Tipo Santos continuam sem alteração, mas as cotações do tipo Rio 7 têm-se firmado ùltimamente, passando de Cr$ 30,00, em 18, para Cr$ 33,00, em 26 do corrente.

No mercado desta praça os negócios restringiram-se consideràvelmente durante os últimos dias. Se se exceptuarem as compras de cafés da América Central efetuadas por algumas firmas importadoras desta cidade, pode dizer-se que a situação não sofreu modificações. Passada a primeira onda de atividade provocada pela autorização concedida aos importadores para aumentar 2% aos preços máximos, o mercado regressou à situação em que se encontrava anteriormente. O encerramento dos registros na Colômbia e o aumento concedido nesse país para as compras realizadas no mercado interior têm concorrido para retardar as exportações de cafés dessa procedência. São essas as informações prestadas nos meios comerciais desta praça.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(De Outubro 1.º, 1944 a 13 e 20 de Janeiro, 1945

(SACA DE 60 QUILOS OU 132 276 LIBRAS)

(Quadro N.º 595)

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR De 1.º de Outubro de 1944 à data abaixo		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 13/1/1945	TOTAL DE 1.º DE 10/1944 A 13/1/1945		
Brasil	13 110 489	297 347	3 622 081	9 488 408	27,6
Colômbia	4 437 607 (x)	58 612	1 913 268	2 524 339	43,1
Costa Rica	281 946	...	13 814	268 132	4,9
Cuba	112 778	1	21 367	91 411	18,9
República Dominicana	169 168	4 389	15 083	154 085	8,9
Equador	211 459	5 542	121 985	89 474	57,7
El Salvador	845 838	1	67 673	778 165	8,0
Guatemala	754 206	6 976	60 003	694 203	8,0
Haiti	387 676	7 015	32 618	355 058	8,4
México	669 622	7 060	103 279	566 343	15,4
Nicarágua	274 897	...	608	274 289	0,2
Peru	35 243	...	10 067	25 176	28,6
Venezuela	592 087	8 762	84 122	507 965	14,2
		SEMANA TERMINADA EM 20/1/1945.	TOTAL DE 1/10/44 A 20 JAN. 1945		
Honduras	28 195	...	24 120	4 075	85,5
Total dos países signatários	21 911 211	395 705	6 090 088	15 821 123	27,8
PAÍSES NÃO-SIGNATÁRIOS	500 454	...	5	500 449	...
Total geral	22 411 665	395 705	6 090 093	16 321 572	27,2

NOTA: — (§) Em Janeiro 13 são 105 dias ou sejam 28,8% da quota anual e em Janeiro 20 são 112 dias ou sejam 30,7%. (x) De acôrdo com o artigo IV da Junta Inter-Americana do Café, um reajustamento foi feito para o excesso de 3 042 sacas no total das importações da Colômbia, durante a quota anual 1943/44 (ver nosso quadro § 583). (1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, de 28/12/1944 e 2/1/1945. (2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

Estatísticas

Movimento da Safra 1942/43

I — Destino Santos

(ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1945)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	DESTINOS ALTERADOS	CONVERTIDAS	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
1-D-42	114 626	—	—	114 626	114 626	—	—
2-D-42	1 568 742	—	—	1 568 742	1 568 742	—	—
3-D-42	633 085	—	—	633 085	632 145	—	940
4-D-42	404 219	—	—	404 219	403 616	250	353
5-D-42	258 909	—	—	258 909	248 779	550	9 580
6-D-42	179 810	—	—	179 810	169 190	355	10 265
7-D-42	163 937	—	—	163 937	126 833	4 658	32 446
8-D-42	192 940	—	—	192 940	145 229	950	46 761
9-D-42	119 445	—	—	119 445	91 825	—	27 620
10-D-42	131 514	—	—	131 514	101 084	—	30 430
11-D-42	26 514	—	—	26 514	23 144	—	3 370
12-D-42	79 290	185	—	79 475	68 726	—	10 749
Total	**3 873 031**	**185**	**—**	**3 873 216**	**3 693 939**	**6 763**	**172 514**
10-R-42	91 701	—	8 508	100 209	73 903	—	26 306
9-R-42	1 254 998	—	31 632	1 286 630	875 090	—	411 540
8-R-42	506 475	—	6 326	512 801	339 657	—	173 144
7-R-42	323 366	—	3 488	326 854	221 244	200	105 410
6-R-42	207 130	—	3 996	211 126	167 410	440	43 276
5-R-42	143 847	—	1 153	145 000	129 823	284	14 893
4-R-42	131 131	—	1 108	132 239	103 796	3 721	24 722
3-R-42	154 337	—	1 835	156 172	109 888	760	45 524
2-R-42	95 555	—	1 205	96 760	74 437	—	22 323
1-R-42	105 216	—	916	106 132	75 560	—	30 572
2A-R42	21 210	—	288	21 498	17 655	—	3 843
1A-R-42	63 448	148	2 164	65 760	55 525	—	10 235
Total	**3 098 414**	**148**	**62 619**	**3 161 181**	**2 243 988**	**5 405**	**911 788**
Pr. Desp.	39 519	—	—	39 519	39 519	—	—
T. Geral	**7 010 964**	**333**	**62 619**	**7 073 916**	**5 977 446**	**12 168**	**1 084 302**

NOTA: — Do mês de Junho a 30 de Novembro de 1942 foram despachadas 25 514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Resolução 467).

Movimento da Safra 1943/44

II — Destino Santos

(ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1945)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-43	266 342	265 592	750
2-D-43	225 436	224 133	1 303
3-D-43	280 758	277 032	3 726
4-D-43	198 363	192 290	6 073
5-D-43	210 255	201 232	9 023
6-D-43	150 727	143 912	6 815
7-D-43	154 769	149 359	5 410
8-D-43	113 816	110 746	3 070
9-D-43	86 500	79 907	6 593
10-D-43	83 537	76 174	7 363
11-D-43	92 697	78 695	14 002
12-D-43	35 635	32 507	3 128
13-D-43	50 465	46 003	4 462
14-D-43	116 016	102 201	13 815
Total	2 065 316	1 979 783	85 533
14-R-43	266 359	198 971	67 388
13-R-43	225 456	144 547	80 909
12-R-43	280 795	163 805	116 990
11-R-43	198 391	116 608	81 783
10-R-43	210 295	148 255	62 040
9-R-43	150 748	112 610	38 138
8-R-43	154 792	122 177	32 615
7-R-43	113 847	94 127	19 720
6-R-43	86 524	72 657	13 867
5-R-43	83 559	71 835	11 724
4-R-43	92 708	76 480	16 228
3-R-43	35 650	29 454	6 196
2-R-43	50 484	41 380	9 104
1-R-43	116 042	94 023	22 019
Total	2 065 650	1 486 929	578 721
Preferencial	1 704 593	1 618 965	85 628
Pref. Despolp.	52 820	52 820	—
Total geral	5 888 379	5 138 497	749 882

NOTA: — No total referente ao Preferencial Despolpado estão computadas 27 136 sacas despachadas durante o período de 1.º de Junho a 15 de Outubro de 1943.

Café Paulista entrado em Santos

I — SAFRA — POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1945

Sacas de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	1942/43	1943/44	1944/45	TOTAL
			(Res. 467)	
E. F. Sorocabana	14 299	5 364	664	20 327
Cia. Mogiana E. F.	36 582	1 052	...	37 634
E. F. Noroeste do Brasil	10 275	17 913	...	28 188
E. F. São Paulo e Minas	731	...	...	731
Total	61 887	24 329	664	86 880

Café Paulista (preferencial) entrado em Santos

II — MÊS DE DESPACHO POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	NOVEMBRO 1944	DEZEMBRO 1944	TOTAL
PREFERENCIAL DESPOLPADO — SAFRA 1944/45 (Res. 467)			
E. F. Sorocabana	184	480	664
Total	184	480	664

Café Mineiro, Goiano e Paranaense entrado em Santos

III — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	MINEIRO				PARANAENSE	TOTAL GERAL
	1941/42	1943/44	1944/45	TOTAL	1943/44	
			(R. 467)			
E. F. Sorocabana	...	...	...	...	705	705
Cia. Mogiana de E. F.	...	16 356	...	16 356	...	16 356
Rêde Mineira de Viação	...	8 532	...	8 532	...	8 532
Leopoldina Railway	100	1 505	3 689	5 294	...	5 294
E. F. Vitoria a Minas	...	330	...	330	...	330
E. F. São Paulo–Paraná	...	...	...	...	5 327	5 327
Total	100	26 723	3 689	30 512	6 032	36 544

NOTA: — Durante o mês de janeiro não houve entradas de café goiano.

Resumo do café entrado em Santos

IV — SAFRA POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1945

Saca de 60 quilos

SAFRA	TOTAL DE JULHO A DEZEMBRO	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL DO MÊS	TOTAL GERAL
1941/42	7 826	...	100	...	...	100	7 926
1942/43	998 628	61 887	...	...	...	61 887	1 060 515
1943/44	1 035 725	24 329	26 723	...	6 032	57 084	1 092 809
1944/45 (Res. 467)	23 037	664	3 689	...	...	4 353	27 390
Total	2 065 216	86 880	30 512	...	6 032	123 424	2 188 640
Mesmo período ano anterior	4 546 291	844 063	62 916	5 646	15 662	928 287	5 474 578

Resumo do café entrado no Rio de Janeiro

POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1945

Saca de 60 quilos

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	DE JULHO A DEZEMBRO	MÊS DE JANEIRO	TOTAL
São Paulo	4 305	90	4 395
Minas Gerais	392 430	94 157	486 587
Rio de Janeiro	187 863	54 757	242 620
Espírito Santo	385 965	47 807	433 772
Total	970 563	196 811	1 167 374

Café Paulista recebido a

ESTRADA	ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1944					1.ª QUINZENA DE		
	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DI
São Paulo Railway Co.	1 504	76 078	76 025	9 976	163 583	—	2 005	
Est. de Ferro Sorocabana..........................	14 833	169 632	169 613	36 173	390 251	580	8 953	8
Cia. Paulista Est. de Ferro	59	104 032	104 013	49 469	257 573	—	7 983	7
Cia. Mogiana de Est. de Ferro	3 015	26 660	26 634	103 621	159 930	—	1 426	1
Est. de Ferro Araraquara	—	51 725	51 706	28 638	132 069	—	4 688	4
Cia. Est. de Ferro do Dourado	—	15 877	15 872	9 632	41 381	—	191	
Cia. Ferro S. Paulo-Goiaz	—	6 683	6 680	1 647	15 010	—	106	
Est. de Ferro Monte Alto	—	1 064	1 063	—	2 127	—	—	—
Est. de Ferro Noroeste do Brasil	—	62 267	62 266	19 103	143 636	—	9 026	9
Cia. Est. de Ferro Itatibense	—	36	36	—	72	—	—	—
Cia. Campineira de T. L. F.	—	391	390	—	781	—	—	—
Est. Ferro S. Paulo e Minas..........................	—	517	517	2 550	3 584	—	112	
Est. Ferro Jaboticabal..........................	—	—	—	—	—	—	—	—
Est. de Ferro Barra Bonita..........................	—	115	115	—	230	—	—	—
Est. de Ferro Morro Agudo	—	—	—	—	—	—	—	—
Est. Ferro Central do Brasil	—	15	15	—	30	—	—	—
Total	19 411	515 092	514 945	260 809	1 310 257	580	34 490	34

NOTAS: — Além dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fora de Série" 4 439 262 sacas de 1.º de Julho a 31 de Janeiro
Com destino a Marítima foram despachadas 94 352 sacas "Fora de Série" de 1.º de Julho a 31 de Janeiro de 1945.
Para Marítima e Angra dos Reis não houve despachos de café seriado.
Nos totais acima mencionados não estão computados os dados da E. F. Central do Brasil, referente à 2.ª quinzena de Janeiro, p

...spacho com destino a Santos

...AFRA 1944/45

Saca de 60 quilos

...NEIRO DE 1945			2.ª QUINZENA DE JANEIRO DE 1945					TOTAL				
...A	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL
...05	893	4 901	—	3 828	3 827	184	7 839	1 504	81 911	81 855	11 053	176 323
...53	180	18 666	1 453	12 126	12 124	570	26 273	16 866	190 711	190 690	36 923	435 190
...30	2 947	18 910	1 505	7 871	7 870	2 673	19 919	1 564	119 886	119 863	55 089	296 402
...23	7 201	10 050	—	2 229	2 227	7 941	12 397	3 015	30 315	30 284	118 763	182 377
...38	1 000	10 376	—	17 310	17 306	—	34 616	—	73 723	73 700	29 638	177 061
...0	—	381	—	1 177	1 147	2 469	4 763	—	17 215	17 209	12 101	46 525
...6	45	257	—	2 444	2 443	1 320	6 207	—	9 233	9 229	3 012	21 474
	—	—	—	—	—	—	—	—	1 064	1 063	—	2 127
...6	1 000	19 052	—	8 658	8 657	7 046	24 361	—	79 951	79 949	27 149	187 049
	—	—	—	—	—	—	—	—	36	36	—	72
	—	—	—	—	—	—	—	—	391	390	—	781
...2	846	1 070	—	—	—	91	91	—	629	629	3 487	4 745
	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	—	—	—	—	—	—	—	—	115	115	—	230
	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	—	—	—	—	—	—	—	—	15	15	—	30
...1	**14 112**	**83 663**	**2 958**	**55 613**	**55 601**	**22 294**	**136 466**	**22 949**	**605 195**	**605 027**	**297 215**	**1 530 386**

...1945.

...não terem sido remetidos até a presente data.

MOVIMENTO DE

SAF

MÊS	ENTRADAS					
	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL	PARA O DNC
Julho	440 224	63 803	207	11 748	515 982	147 370
Agôsto	535 535	100 642	371	32 447	668 995	18 309
Setembro	193 893	28 384	—	13 273	235 550	—
Outubro	141 111	31 132	—	9 942	182 185	—
Novembro	124 053	24 644	—	1 641	150 338	—
Dezembro	110 089	29 695	—	6 703	146 487	—
Janeiro	86 880	30 512	—	6 032	123 424	—
Total	**1 631 785**	**308 812**	**578**	**81 786**	**2 022 961**	**165 679**
Mesmo período :						
43/44	4 536 252	459 516	37 183	160 062	5 193 013	281 565
42/43	1 921 465	195 201	7 179	72 670	2 196 515	42 739
41/42	2 578 903	216 253	21 183	69 785	2 886 124	131 443
40/41	4 480 034	370 716	37 019	94 707	4 982 476	53 505

...AFE' EM SANTOS

1944/45

Saca de 60 quilos

	MOVIMENTO								
...RAL	DESPACHOS	EMBARQUES	REVERTIDO AO ESTOQUE PELO DNC	DE TROCA REVERTIDO AO ESTOQUE p/DNC	DE TROCA RETIRADO DO ESTOQUE p/DNC	RETIRADO DO ESTOQUE PELO DNC	RETIRADO DO ESTOQUE PELO DNC SERVIÇO PROPAGANDA	EXISTÊNCIA	DE TROCA PARA O DNC
...352	606 701	674 575	91 133	35 496	111	2 084	—	3 951 735	—
...304	864 817	870 933	48 236	62 479	1 824	5 046	—	3 871 951	—
...550	1 192 452	924 732	333 180	33 544	480	2 828	—	3 546 185	—
...185	692 699	886 514	830 979	3 100	394	517	—	3 675 024	—
...338	855 527	901 809	1 039 924	25 166	—	180 076	—	3 808 567	—
...487	1 690 595	1 362 775	955 581	196	160	341	—	3 547 555	—
...424	807 841	897 905	809 645	—	—	179	—	3 582 540	—
...640	**6 710 632**	**6 519 243**	**4 108 678**	**159 981**	**2 969**	**191 071**	—	—	—
...578	5 106 680	5 296 649	388 849	7 808	126 688	35 118	—	2 145 368	—
...254	1 926 922	1 917 722	104 665	16 343	17 286	23 572	42 739	1 584 738	—
...567	3 637 682	3 546 465	42 181	—	83 711	180 588	—	1 379 146	1 192 888
...981	5 048 776	4 970 581	—	29 422	24 078	5	—	1 921 141	—

Café entregue aos mercados pelos Estados

I — PÔRTO DE DESTINO

1. — SETEMBRO — 1944

Saca de 60 quilos

ESTADO	MERCADO: SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	PARANAGUÁ	BAHIA	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
São Paulo	527 243	3	—	—	—	—	—	527 246
Minas Gerais	28 384	56 557	822	—	—	6 125	—	91 888
Espírito Santo	—	64 309	133 203	—	—	—	—	197 512
Rio de Janeiro	—	29 841	—	—	—	—	—	29 841
Paraná	13 273	—	—	1 167	—	—	—	14 440
Bahia	—	—	—	—	17 867	—	—	17 867
Pernambuco	—	—	—	—	—	—	1 769	1 769
Total	568 900	150 710	134 025	1 167	17 867	6 125	1 769	880 563

OUTUBRO — 1944

ESTADO	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	PARANAGUÁ	BAHIA	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
São Paulo	933 749	—	—	—	—	—	—	933 749
Minas Gerais	31 132	65 865	3 213	—	—	13 373	—	113 583
Espírito Santo	—	52 233	88 449	—	—	—	—	140 682
Rio de Janeiro	—	23 155	—	—	—	—	—	23 155
Paraná	9 942	—	—	1 878	—	—	—	11 820
Bahia	—	—	—	—	12 016	—	—	12 016
Pernambuco	—	—	—	—	—	—	6 200	6 200
Total	974 823	141 253	91 662	1 878	12 016	13 373	6 200	1 241 205

Café entregue aos mercados pelos Estados

I — PÔRTO DE DESTINO

2. — JANEIRO A OUTUBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

DESTINO	SANTOS	RIO	VITÓRIA	PARANAGUÁ	BAHIA	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
São Paulo	8 362 835	92 905	—	—	—	145	—	8 455 885
Minas Gerais	969 812	845 953	37 570	—	—	94 513	—	1 947 848
Espírito Santo	—	482 033	613 357	—	—	—	—	1 095 390
Rio de Janeiro	—	534 435	—	—	—	—	—	534 435
Paraná	174 445	—	—	109 476	—	—	—	283 921
Bahia	—	—	—	—	144 029	—	—	144 029
Pernambuco	—	—	—	—	—	—	99 786	99 786
Goiaz	55 036	—	—	—	—	—	—	55 036
Total	9 562 128	1 955 326	650 927	109 476	144 029	94 658	99 786	12 616 330

Café entregue aos mercados pelos Estados

II — MENSAL

JANEIRO A OUTUBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

MESES	SÃO PAULO	M. GERAIS	ESP. SANTO	RIO DE JANEIRO	PARANÁ	BAHIA	PERNAMBUCO	GOIAZ	TOTAL
Janeiro	848 364	226 864	113 605	74 652	25 175	5 111	14 169	5 646	1 313 586
Fevereiro	1 228 952	256 842	54 279	25 305	28 066	4 567	16 777	14 621	1 629 409
Março	1 330 556	277 523	59 919	49 961	48 677	4 259	11 965	14 174	1 797 034
Abril	1 038 716	206 206	33 446	52 553	28 310	5 280	13 150	9 081	1 386 742
Maio	888 501	238 671	90 539	110 513	37 196	5 963	13 946	5 513	1 390 842
Junho	518 600	256 563	74 622	103 296	34 582	63 712	8 557	5 423	1 065 355
Julho	499 107	136 174	60 756	47 918	20 602	13 070	6 237	207	784 071
Agôsto	642 094	143 534	270 030	17 241	35 053	12 184	7 016	371	1 127 523
Setembro	527 246	91 888	197 512	29 841	14 440	17 867	1 769	—	880 563
Outubro	933 749	113 583	140 682	23 155	11 820	12 016	6 200	—	1 241 205
Total de 10 meses	8 455 885	1 947 848	1 095 390	534 435	283 921	144 029	99 786	55 036	12 616 330

Exportação Brasileira de Café

1945

Saca de 60 quilos

PÔRTO DE EXPORTAÇÃO	EXTERIOR	CABOTAGEM	TOTAL
JANEIRO:			
Santos	904 073	277	904 350
Rio de Janeiro............	130 013	9 998	140 011
Vitória	26 600	3 511	30 111
Salvador	14 353	5 712	20 065
Recife	32 538	205	32 743
Total	1 107 577	19 703	1 127 280
Mesmo período em:			
1 9 4 4	1 293 662	36 091	1 329 753
1 9 4 3	468 877	30 448	499 325
1 9 4 2	966 584	26 112	992 696
1 9 4 1	1 402 133	36 512	1 438 645

NOTA: — Janeiro — 1945 — Cifras sujeitas a pequenas retificações.

Exportação Brasileira de Café

I — Detalhe pelos países do destino

DEZEMBRO DE 1944

PAÍSES DO DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
ÁFRICA:			
Canárias	8 333	1 807 337,70	24 223 00,00
União Sul Africana	550	121 991,00	1 649 06,07
AMÉRICA DO NORTE:			
Estados Unidos	1 427 359	415 609 687,60	5 550 793 03,10
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	49 712	11 732 719,70	157 722 03,02
Chile	6 668	1 729 771,40	22 384 17,00
Guiana Francêsa	625	148 744,40	1 994 00,00
Paraguai	250	63 999,80	860 00,00
EUROPA:			
Islândia	300	94 031,50	1 263 19,04
Portugal	2	510,60	7 00,00
Suécia	37 761	13 587 289,20	181 738 02,11
Suiça	48 420	16 292 132,10	217 767 16,07
NÃO ESPECIFICADO:			
Consumo de bordo	18	4 755,90	65 04,07
Total	1 579 998	461 192 970,90	6 160 468 14,00

Exportação Brasileira de Café

II — Detalhe pelos portos de destino

PORTOS DO DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
ÁFRICA :			
CANÁRIAS :			
Tenerife	8 333	1 807 337,70	24 223 00,00
UNIÃO SUL AFRICANA :			
Cape Town	50	15 805,20	213 13,09
Durban	500	106 185,80	1 435 12,10
AMÉRICA DO NORTE :			
ESTADOS UNIDOS :			
Los Angeles	5 542	1 577 226,10	21 047 15,11
Nova York	897 595	263 272 758,00	3 515 884 05,04
Nova Orleans	386 429	111 821 527,80	1 493 701 11,04
Portland	905	268 984,90	3 599 02,11
São Francisco	132 718	37 492 541,30	500 843 00,02
Seattle	1 670	488 213,20	6 520 12,04
NÃO ESPECIFICADO : DO PACÍFICO :	2 500	688 436,30	9 196 15,10
AMÉRICA DO SUL :			
ARGENTINA :			
Bahia Blanca	600	155 819,50	2 091 00,05
Buenos Aires	44 152	10 549 420,80	141 809 10,07
Rosário	4 960	1 027 479,40	13 821 12,02
CHILE :			
Talcahuano	1 200	311 221,40	3 992 00,00
Valparaíso	5 468	1 418 550,00	18 392 17,00
GUIANA FRANCESA :			
Caiena	450	107 130,70	1 437 00,00
Saint Laurent di Maroni	175	41 613,70	557 00,00
PARAGUAI :			
Assunção	250	63 999,80	860 00,00
EUROPA :			
ISLÂNDIA :			
Reykjavik	300	94 031,50	1 263 19,04
PORTUGAL :			
Lisboa	2	510,60	7 00,00
SUÉCIA :			
Gotemburgo	37 761	13 587 289,20	181 738 02,11
SUIÇA			
Via Lisboa	48 420	16 292 132,10	217 767 16,07
NÃO ESPECIFICADO :			
Consumo de bordo	18	4 755,90	65 04,07
Total	1 579 998	461 192 970,90	6 160 468 14,00

Exportação Brasileira de Café

III — Detalhe pelos portos de procedência

DEZEMBRO DE 1944

Países do Destino	Portos de Procedência	Quantidade (saca de 60 quilos)	Valor	
			Em cruzeiros	Em libras
África:				
Canárias	Rio de Janeiro	8 333	1 807 337,70	24 223 00,00
União Sul Africana	Rio de Janeiro	550	121 991,00	1 649 06,07
América do Norte:				
Estados Unidos	Santos	1 269 062	372 319 843,00	4 969 927 14,06
	Rio de Janeiro	101 505	27 060 687,60	363 283 09,04
	Angra dos Reis	28 675	8 477 593,10	113 509 00,00
	Paranaguá	20 457	5 741 587,50	77 029 00,00
	Recife	7 660	2 009 976,40	27 044 00,00
América do Sul:				
Argentina	Santos	7 263	2 283 852,40	30 508 12,02
	Rio de Janeiro	34 409	7 640 792,60	102 858 11,00
	Paranaguá	540	142 107,50	1 922 00,00
	Bahia	7 500	1 665 967,20	22 433 00,00
Chile	Santos	1 238	343 545,00	4 617 17,00
	Rio de Janeiro	5 430	1 386 226,40	17 767 00,00
Guiana Francêsa	Bahia	625	148 744,40	1 994 00,00
Paraguai	Rio de Janeiro	250	63 999,80	860 00,00
Europa:				
Islandia	Rio de Janeiro	300	94 031,50	1 263 19,04
Portugal	Rio de Janeiro	2	510,60	7 00,00
Suécia	Santos	37 761	13 587 289,20	181 738 02,11
Suiça	Santos	39 701	13 768 095,70	183 890 16,07
	Rio de Janeiro	6 621	2 011 586,70	26 990 00,00
	Bahia	2 098	512 449,70	6 887 00,00
Não especificado:				
Consumo de bordo	Santos	14	3 734,70	51 04,07
	Rio de Janeiro	4	1 021,20	14 00,00
Total		1 579 998	461 192 970,90	6 160 468 14,00

Exportação Brasileira de Café

IV — Detalhe do volume pelos portos do destino, segundo os de procedência

DEZEMBRO DE 1944

Unidade : saca de 60 quilos

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA						
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
ÁFRICA :							
CANÁRIAS :							
Tenerife	—	8 333	—	—	—	—	8333
UNIÃO SUL AFRICANA:							
Capetown	—	50	—	—	—	—	50
Durban	—	500	—	—	—	—	500
AMÉRICA DO NORTE :							
ESTADOS UNIDOS :							
Los Angeles	5 542	—	—	—	—	—	5 542
Nova York	842 718	29 117	18 100	—	—	7 660	897 595
Nova Orleans	311 785	57 741	—	16 903	—	—	386 429
Portland	280	—	625	—	—	—	905
S. Francisco	104 567	14 647	9 950	3 554	—	—	132 718
Seattle	1 670	—	—	—	—	—	1 670
NÃO ESPECIFICADO DO PACÍFICO	2 500	—	—	—	—	—	2 500
AMÉRICA DO SUL							
ARGENTINA :							
Bahia Blanca	200	400	—	—	—	—	600
Buenos Aires	6 913	29 199	—	540	7 500	—	44 152
Rosário	150	4 810	—	—	—	—	4 960
CHILE :							
Talcahuano	—	1 200	—	—	—	—	1 200
Valparaiso	1 238	4 230	—	—	—	—	5 468
GUIANA FRANCESA :							
Caiena	—	—	—	—	450	—	450
Saint Laurent du Maroni	—	—	—	—	175	—	175
PARAGUAI :							
Assunção	—	250	—	—	—	—	250
EUROPA :							
ISLANDIA :							
Reykjavik	—	300	—	—	—	—	300
PORTUGAL :							
Lisboa	—	2	—	—	—	—	2
SUÉCIA :							
Gotemburgo	37 761	—	—	—	—	—	37 761
SUIÇA							
Via Lisboa	39 701	6 621	—	—	2 098	—	48 420
NÃO ESPECIFICADO :							
Consumo de bordo	14	4	—	—	—	—	18
Total	**1 355 039**	**157 404**	**28 675**	**20 997**	**10 223**	**7 660**	**1 579 998**

Exportação Brasileira de Café

V — Detalhe do valor, em cruzeiros, pelos portos do destino, segundo os de procedência

DEZEMBRO DE 1944

PAÍSES DO DESTINO	PÔRTO DE PROCEDÊNCIA						
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
ÁFRICA:							
CANÁRIAS:							
Tenerife	—	1 807 337,70	—	—	—	—	1 807 337,70
UNIÃO SUL AFRICANA:							
Capetown	—	15 805,20	—	—	—	—	15 805,20
Durban	—	106 185,80	—	—	—	—	106 185,80
AMÉRICA DO NORTE:							
ESTADOS UNIDOS:							
Los Angeles	1 577 226,10	—	—	—	—	—	1 577 226,10
Nova York	247 716 856,90	8 071 115,10	5 474 809,60	—	—	2 009 976,40	263 272 758,00
Nova Orleans	92 259 104,80	14 850 890,90	—	4 711 532,10	—	—	111 821 527,80
Portland	83 336,50	—	185 648,40	—	—	—	268 984,90
São Francisco	29 506 669,20	4 138 681,60	2 817 135,10	1 030 055,40	—	—	37 492 541,30
Seattle	488 213,20	—	—	—	—	—	488 213,20
NÃO ESPECIFICADO DO PACÍFICO	688 436,30	—	—	—	—	—	688 436,30
AMÉRICA DO SUL:							
ARGENTINA:							
Bahia Blanca	68 185,30	87 634,20	—	—	—	—	155 819,50
Buenos Aires	2 167 406,80	6 573 939,30	—	142 107,50	1 665 967,20	—	10 549 420,80
Rosário	48 260,30	979 219,10	—	—	—	—	1 027 479,40
CHILE:							
Talchuano	—	311 221,40	—	—	—	—	311 221,40
Valparaiso	343 545,00	1 075 005,00	—	—	—	—	1 418 550,00
GUIANA FRANCÊSA:							
Caiena	—	—	—	—	107 130,70	—	107 130,70
Saint Laurent du Maroni	—	—	—	—	41 613,70	—	41 613,70
PARAGUAI:							
Assunção	—	63 999,80	—	—	—	—	63 999,80
EUROPA:							
ISLANDIA:							
Reykjavik	—	94 031,50	—	—	—	—	94 031,50
PORTUGAL:							
Lisboa	—	510,60	—	—	—	—	510,60
SUÉCIA:							
Gotemburgo	13 587 289,20	—	—	—	—	—	13 587 289,20
SUIÇA:							
Via Lisboa	13 768 095,70	2 011 586,70	—	—	512 449,70	—	16 292 132,10
NÃO ESPECIFICADO:							
Consumo de bordo	3 734,70	1 021,20	—	—	—	—	4 755,90
Total	402 306 360,00	40 188 185,10	8 477 593,10	5 883 695,00	2 327 161,30	2 009 976,40	461 192 970,90

Exportação Brasileira de Café

VI — Detalhe do valor, em libras, pelos portos do destino, segundo os de procedência

DEZEMBRO DE 1944

PAÍSES DE DESTINO	PÔRTO DE PROCEDÊNCIA						
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
ÁFRICA:							
CANÁRIAS:							
Tenerife	—	24 223 00,00	—	—	—	—	24 223 00,00
UNIÃO SUL AFRICANA:							
Capetown	—	213 13,09	—	—	—	—	213 13,09
Durban	—	1 435 12,10	—	—	—	—	1 435 12,10
AMÉRICA DO NORTE:							
ESTADOS UNIDOS:							
Los Angeles	21 047 15,11	—	—	—	—	—	21 047 15,11
Nova York	3 307 135 16,00	108 383 09,04	73 321 00,00	—	—	27 044 00,00	3 515 884 05,04
Nova Orleans	1 231 157 11,04	199 303 00,00	—	63 241 00,00	—	—	1 493 701 11,04
Portland	1 112 02,11	—	2 487 00,00	—	—	—	3 599 02,11
São Francisco	393 757 00,02	55 597 00,00	37 701 00,00	13 788 00,00	—	—	500 843 00,02
Seattle	6 520 12,04	—	—	—	—	—	6 520 12,04
NÃO ESPECIFICADO DO PACÍFICO	9 196 15,10	—	—	—	—	—	9 196 15,10
AMÉRICA DO SUL:							
ARGENTINA							
Bahia Blanca	912 00,05	1 179 00,00	—	—	—	—	2 091 00,05
Buenos Aires	28 949 19,07	88 504 11,00	—	1 922 00,00	22 433 00,00	—	141 809 10,07
Rosário	646 12,02	13 175 00,00	—	—	—	—	13 821 12,02
CHILE:							
Talcahuano	—	3 992 00,00	—	—	—	—	3 992 00,00
Valparaiso	4 617 17,00	13 775 00,00	—	—	—	—	18 392 17,00
GUIANA FRANCÊSA:							
Caiena	—	—	—	—	1 437 00,00	—	1 437 00,00
Saint Laurent du Maroni	—	—	—	—	557 00,00	—	557 00,00
PARAGUAI:							
Assunção	—	860 00,00	—	—	—	—	860 00,00
EUROPA:							
ISLANDIA:							
Reykjavik	—	1 263 19,04	—	—	—	—	1 263 19,04
PORTUGAL:							
Lisboa	—	7 00,00	—	—	—	—	7 00,00
SUÉCIA:							
Gotemburgo	181 738 02,11	—	—	—	—	—	181 738 02,11
SUIÇA							
Via Lisboa	183 890 16,07	26 990 00,00	—	—	6 887 00,00	—	217 767 16,07
NÃO ESPECIFICADO:							
Consumo de bordo	51 04,07	14 00,00	—	—	—	—	65 04,07
Total	5 370 734 07,09	538 916 06,03	113 509 00,00	78 951 00,00	31 314 00,00	27 044 00,00	6 160 468 14,00

Exportação Brasileira de Café

VII — Discriminação do destino por continente, segundo a procedência

DEZEMBRO DE 1944

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
África	Rio de Janeiro	8 883	1 929 328,70	25 872 06,07
	Total	8 883	1 929 328,70	25 872 06,07
América do Norte	Santos	1 269 062	372 319 843,00	4 969 927 14,06
	Rio de Janeiro	101 505	27 060 687,60	363 283 09,04
	Angra dos Reis	28 675	8 477 593,10	113 509 00,00
	Paranaguá	20 457	5 741 587,50	77 029 00,00
	Recife	7 660	2 009 976,40	27 044 00,00
	Total	1 427 359	415 609 687,60	5 550 793 03,10
América do Sul	Santos	8 501	2 627 397,40	35 126 09,02
	Rio de Janeiro	40 089	9 091 018,80	121 485 11,00
	Paranaguá	540	142 107,50	1 922 00,00
	Bahia	8 125	1 814 711,60	24 427 00,00
	Total	57 255	13 675 235,30	182 961 00,02
Europa	Santos	77 462	27 355 384,90	365 628 19,06
	Rio de Janeiro	6 923	2 106 128,80	28 260 19,04
	Bahia	2 098	512 449,70	6 887 00,00
	Total	86 483	29 973 963,40	400 776 18,10
Não especificado	Santos	14	3 734,70	51 04,07
	Rio de Janeiro	4	1 021,20	14 00,00
	Total	18	4 755,90	65 04,07
Total		1 579 998	461 192 970,90	6 160 468 14,00

Exportação Brasileira de Café

X — Janeiro a Dezembro de 1944 em comparação com 1943

I — DETALHE MENSAL

MESES	1943		1944		DIFERENÇA (para + ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Janeiro	468 877	130 184 244,80	1 293 662	360 789 934,40	+ 824 785	+ 230 605 689,60
Fevereiro	768 118	215 489 697,90	901 969	258 867 569,10	+ 133 851	+ 43 377 871,20
Março	510 978	141 366 594,50	941 201	266 862 148,20	+ 430 223	+ 125 495 553,70
Abril	611 260	171 441 965,40	1 566 487	459 254 618,60	+ 955 227	+ 287 812 653,20
Maio	788 549	224 314 114,30	1 205 881	344 518 068,70	+ 417 332	+ 120 203 954,40
Junho	1 090 979	308 728 307,60	789 433	220 218 168,10	— 301 546	— 88 510 139,50
Julho	1 402 395	397 829 542,60	759 093	218 348 558,00	— 643 302	— 179 480 984,60
Agôsto	1 222 126	345 641 091,80	1 160 157	331 522 260,60	— 61 969	— 14 118 831,20
Setembro	1 371 393	348 715 526,90	1 069 036	309 646 514,10	— 302 357	— 39 069 012,80
Outubro	257 142	64 477 228,40	1 132 141	323 295 712,50	+ 874 999	+ 258 818 484,10
Novembro	705 773	198 135 499,60	1 159 064	325 489 388,00	+ 453 291	+ 127 353 888,40
Dezembro	918 379	257 444 272,00	1 579 998	461 192 970,90	+ 661 619	+ 203 748 698,90
Ano	**10 115 969**	**2 803 768 085,80**	**13 558 122**	**3 880 005 911,20**	**+ 3 442 153**	**+ 1 076 237 825,40**

II — PORTOS DE PROCEDÊNCIA

PROCEDÊNCIA	1943		1944		DIFERENÇA (para + ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Santos	7 392 800	2 146 128 438,80	10 975 685	3 251 724 303,30	+ 3 582 885	+ 1 105 595 864,50
Rio de Janeiro	1 947 526	477 792 720,20	1 935 302	475 964 913,10	— 12 224	— 1 827 807,10
Vitória	334 700	61 533 985,30	223 893	40 312 670,30	— 110 807	— 21 221 315,00
Angra dos Reis	161 711	46 400 600,20	140 463	40 254 030,40	— 21 248	— 6 146 569,80
Paranaguá	222 528	57 735 312,00	149 095	39 846 882,40	— 73 433	— 17 888 429,60
Bahia	16 602	3 963 484,20	65 842	14 631 504,70	+ 49 240	+ 10 668 020,50
Recife	39 152	9 985 619,10	63 816	16 332 956,70	+ 24 664	+ 6 347 337,60
Belém	950	227 926,00	3 366	790 452,90	+ 2 416	+ 562 526,90
Manaus	—	—	660	148 197,40	+ 660	+ 148 197,40
Total	**10 115 969**	**2 803 768 085,80**	**13 558 122**	**3 880 005 911,20**	**+ 3 442 153**	**+ 1 076 237 825,40**

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

Saca de 60 quilos

1945	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAHIA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
Janeiro	3 582 540	705 363	535 594	67 361	17 234	18 775	39 102	4 965 969
Janeiro — 1944	2 145 368	628 596	231 537	55 615	77 463	34 409	26 753	3 199 741
" — 1943	1 584 738	275 518	115 890	40 722	75 404	6 745	18 014	2 117 031
" — 1942	1 379 146	326 486	160 563	29 115	48 028	50 981	38 313	2 032 632
" — 1941	1 921 141	551 142	103 796	47 920	209 050	52 522	27 998	2 913 569

Cotação dos cafés brasileiros no disponível

JANEIRO DE 1945

DIA	SANTOS Tipo 4 mole	MERCADOS: RIO (Em Cruzeiros p/ 10 kg.) Tipo 7	VITORIA (Em Cruzeiros p/ 10 kg.) Tipo 7	NOVA YORK (Em cents. por libra (453,6 grs.)) SANTOS Tipo 4	NOVA YORK SANTOS Tipo 7	NOVA YORK RIO Tipo 6	NOVA YORK RIO Tipo 7
1	Nominal	—	—	—	—	—	—
2	,,	—	—	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
3	,,	29,20	26,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
4	,,	29,20	26,10	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
5	,,	29,50	26,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
6	—	—	—	—	—	—	—
7	—	—	—	—	—	—	—
8	,,	29,10	26,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
9	,,	28,50	25,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
10	,,	28,70	25,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
11	,,	29,00	26,10	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
12	,,	29,00	26,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
13	—	29,00	26,60	—	—	—	—
14	—	—	—	—	—	—	—
15	,,	29,70	27,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
16	,,	30,00	27,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
17	,,	30,20	27,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
18	,,	30,00	27,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
19	,,	30,70	28,00	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
20	,,	—	28,00	—	—	—	—
21	,,	—	—	—	—	—	—
22	,,	31,20	28,50	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
23	,,	31,50	28,80	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
24	,,	31,70	29,00	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
25	,,	32,00	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
26	,,	33,00	30,00	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
27	,,	33,00	30,00	—	—	—	—
28	,,	—	—	—	—	—	—
29	,,	33,00	30,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
30	,,	33,00	30,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
31	,,	33,00	30,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Média	—	**30,57**	**27,86**	**13 37,5**	**12 62,5**	**9 50**	**9 37,5**
MÉDIA							
Janeiro—1944	Nominal	27,42	24,67	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, 1943	,,	26,39	24,05	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, 1942	43,10	27,47	25,86	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, 1941	33,21	22,77	19,59	11 127	10 397	7 939	7 691

NOTA : — SANTOS — Rio e Vitória — Bolsas Oficiais fechadas ;
,, — Cotação nominal segundo a Associação Comercial de Santos ;
RIO — Cotações fornecidas pelo Centro do Comércio de Café do Rio ;
VITÓRIA — Cotações fornecidas pela Agência Panameuro.

Cotação do disponível em Nova-York

CAFÉS ESTRANGEIROS

JANEIRO 1945

(Cif. Cents. por Libra = 453,6 grs.)

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 31	MÉDIA
COLÔMBIA:		
Medellin Excelso	16 1/4	16 1/4
Armênia	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 5/8	15 5/8
Cucuta	15 5/8	15 5/8
Bogotá	5 5/8	5 5/8
Girardot	15 5/8	15 5/8
Tolima	15 5/8	15 5/8
Ocana	15 1/4	15 1/4
COSTA RICA:		
Prime	16 00	16 00
Fine Atlantic	15 1/2	15 1/2
CUBA:		
Bom Lavado	14 1/4	14 1/4
EQUADOR:		
Lavado	13 1/4	13 1/4
GUATEMALA:		
Antígua	16 3/4	16 3/4
Extra Prime	15 3/4	15 3/4
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Bourbon	14 1/8	14 1/8
HAITI:		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
MÉXICO:		
Coatepec	16 1/2	16 1/2
Tapachula "First"	15 1/2	15 1/2
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
NICARÁGUA:		
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
SALVADOR		
Prime Lavado	15 3/4	15 3/4
REPÚBLICA DOMINICANA:		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
Natural "Sweet"	11 1/4	11 1/4
SURINAM	7 3/4	7 3/4
TRINIDAD	14 1/2	14 1/2

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA-YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

JANEIRO 1945

(Cif. Cents. por Libra = 453,6 grs.)

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 31	MÉDIA
VENEZUELA :		
Maracaibo Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Bom	15 1/8	15 1/8
Tachira Lavado Ordinário	14 5/8	14 5/8
ÁFRICA PORTUGUEZA DO OESTE :		
Amboim	11 1/4	11 1/4
Encoge	11 00	11 00
ÍNDIAS HOLANDEZAS DO OESTE :		
Java Genuino Lavado	19 1/2	19 1/2
Mandheling	25 00	25 00
Java Robusta Lavado	11 1/4	11 1/4
Natural Java Robusta	10 1/2	10 1/2
MOCA (Arábia)		
Moca	18 1/2	18 1/2
ABISSÍNIA :		
Long Berry Harrar	17 00	17 00
CONGO BELGA :		
Lavado Robusta	12 1/2	12 1/2
Natural Robusta	11 1/4	11 1/4
HAVAI :		
N.º 1 Extra Prime	16 1/2	16 1/2
HONDURAS :		
Bom Lavado	15 00	15 00
JAMAICA :		
Lavado	14 1/2	14 1/2
Natural A	11 1/2	11 1/2

Câmbio em São Paulo sôbre diversas praças

MÉDIA DIÁRIA.

Janeiro de 1945

DIA	INGLATERRA		ESTADOS UNIDOS		LIVRE						
	LIVRE	OFICIAL	LIVRE	OFICIAL	PORTUGAL	ARGENTINA	SUIÇA	CHILE	JAPÃO	ALE-MANHA	ESPANHA
2	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51 7/16	16,50	0,80 5/16	4,95	—	—	—	—	—
3	78,90 1/16	—	19,50 5/8	—	0,79 3/4	—	—	—	—	—	—
4	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/8	16,50	0,79 5/16	4,91 3/16	—	0,62 15/16	—	6,03	—
5	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 3/4	16,50	0,79 5/16	5,00	—	0,62 15/16	—	—	1,80
8	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 3/8	16,50	—	—	—	0,62 15/16	—	—	—
9	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51	16,50	0,79 1/2	—	—	0,62 15/16	4,42	—	1,80
10	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 3/8	16,50	0,79 9/16	—	—	0,62 15/16	—	—	1,80
11	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/2	16,50	0,79 1/2	—	—	0,62 15/16	—	6,03	—
12	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 5/16	16,50	0,79 5/16	4,91	4,65	0,62 15/16	—	—	—
13	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 7/16	16,50	0,79 5/16	4,92 3/4	—	0,62 15/16	4,42	—	—
15	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	—	—	—	0,62 15/16	4,42	—	—
16	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 3/4	16,50	0,79 13/16	4,91 3/16	4,65	0,62 15/16	—	—	—
17	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/8	4,91 3/16	—	0,62 15/16	—	—	—
18	78,90 1/16	—	19,50 7/16	16,50	0,80 1/8	—	4,65	0,62 15/16	—	—	—
19	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 9/16	16,50	0,79 5/16	4,93 7/8	4,65	0,62 15/16	—	—	—
20	78,90 1/16	—	19,51 1/8	16,50	0,79 5/8	—	—	0,62 15/16	—	—	—
22	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 7/8	16,50	0,79 5/8	—	—	0,62 15/16	—	—	—
23	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 3/4	16,50	0,80 1/8	4,90	—	0,62 15/16	—	6,03	1,80
24	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/2	16,50	0,80	—	—	0,62 15/16	—	—	—
26	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 7/16	16,50	0,79 5/16	4,90	—	0,62 15/16	—	—	—
27	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51 7/16	16,50	0,79 5/16	4,93	—	0,62 15/16	—	6,03	—
29	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51	16,50	0,79 1/2	4,91	—	0,62 15/16	—	—	—
30	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51 1/4	16,50	0,79 1/2	—	4,65	0,62 15/16	—	—	—
31	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/4	16,50	0,79 11/16	4,92	—	0,62 15/16	—	—	—
Média ..	**78,90 1/16**	**66,49 1/2**	**19,50 5/8**	**16,50**	**0,79 5/8**	**4,92 1/2**	**4,65**	**0,62 15/16**	**4,42**	**6,03**	**1,80**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

JANEIRO DE 1945

MERCADO OFICIAL — VENDA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dólar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
1 a 31	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C	N/C

MERCADO OFICIAL — COMPRA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dólar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
31	66,49 1/2	16,50	3,84 7/8	0,67 1/8	8,84 3/4	3,93 3/8
Média	**66,49 1/2**	**16,50**	**3,84 7/8**	**0,67 1/8**	**8,84 3/4**	**3,93 3/8**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

JANEIRO DE 1945

MERCADO LIVRE — VENDA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dólar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Corôa
1 a 31	78,90 1/16	19,50	4,65	0,79 5/16	4,91 3/16	10,65 5/8	0,62 15/16	4,72
Média	**78,90 1/16**	**19,50**	**4,65**	**0,79 5/16**	**4,91 3/16**	**10,65 8/5**	**0,62 15/16**	**4,72**

MERCADO LIVRE — COMPRA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dólar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Corôa
3	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,75 5/8	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 1/2
4	77,77 15/46	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,75 1/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
5 a 9	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 1/4	10,34 7/8	0,59 9/16	4.59 5/16
10	77,77 15/16	19.30	4,48 3/4	0,73 5/16	4,76 1/2	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
11	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 13/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
12	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 1/8	10,34 7/8	0.59 9/16	4,59 5/16
13 a 16	77.77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 13/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
17	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0.78 5/16	4,76 1/2	10.34 7/8	0,59 9/16	4.59 5/16
18	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 13/16	10,34 7/8	0.59 9/16	4,59 5/16
19 a 20	77,77 15/16	19.30	4,48 3/4	0.78 5/16	4,76 1/2	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
24	77,77 15/16	19,30	4.48 3/4	0.78 5/16	4,76 13/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
25 a 26	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 1/2	10,34 7/8	0,59 9/16	4.59 5/16
27 a 31	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/18	4,76 1/4	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
Média	**77,77 15/16**	**19,30**	**4,48 3/4**	**0,78 5/16**	**4,76 7/16**	**10,34 7/8**	**0,59 9/16**	**4,59 5/16**

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças

JANEIRO DE 1945

DIA	LONDRES Dolar por £	MADRID Cents por Peseta (Comercial)	ZURICH Cents por Franco (Comercial)	RIO DE JANEIRO Cents por Cr. $	BUENOS AIRES Cents por Peso	LISBOA Cents por Escudo	CANADÁ Cents por Dolar	STOCKOLMO Cents por Corôa
2 a 11	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 88 00	4 07 00	89 80 00	23 85 00
12 a 16	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	89 80 00	23 85 00
17 e 18	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	90 06 00	23 85 00
19 a 25	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	90 25 00	23 85 00
26 a 29	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 88 00	4 07 00	90 25 00	23 85 00
30 e 31	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 88 00	4 07 00	90 12 00	23 85 00
Média	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 84 31	4 07 00	90 06 00	23 85 00

Cotação do Têrmo em Nova York

CENTS. POR LIBRA = 453,6 — CONTRATO SANTOS

JANEIRO DE 1945

DIA	FECHAMENTO DO TÊRMO PARA OS MESES DE:					VENDAS (Sacas)
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	
1 a 31	13 00	13 00	13 00	13 00	13 00	—

COTAÇÃO DO TÊRMO EM NOVA YORK

CENTS. POR LIBRA = 453,6 — CONTRATO "RIO"

JANEIRO DE 1945

DIA	FECHAMENTO DO TÊRMO PARA OS MESES DE:					VENDAS (Sacas)
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	
1 a 31	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—

DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BOLETIM — JANEIRO DE 1945

ESTABELECIMENTOS VISITADOS

NA CAPITAL	VISITAS
Torrefações	1 275
Moínhos	256
Empórios	341
Depósitos	—
Feiras	22
Total	1 894

NO INTERIOR E LITORAL	VISITAS
Torrefações	1 118
Moínhos	462
Empórios	1 197
Depósitos	—
Total	2 777

CAFÉS VERIFICADOS NOS POSTOS DE FISCALIZAÇÃO	SACAS
Nas Cias. de Armazens Gerais	44 751
Nos Armazens de E. F. (Capital)	8 305
Total	53 056

CAFÉ CRU APREENDIDO	SACAS
Em Torrefações, Moínhos e Depósitos — Na Capital	—
Idem — No interior e Litoral	400
Em Armazens de E. F. (Capital)	2
Em Cias. de Armazens Gerais	253
Total	655

CAFÉ TORRADO DESPACHADO POR TORREFAÇÕES SOB FISCALIZAÇÃO ESPECIAL	QUILOS
Do interior para a Capital	—
Da Capital para o Interior	7 220
Entre diversas comarcas no Interior	15 650
Total	22 870

CAFÉ MOÍDO, IDEM	QUILOS
Do Interior para a Capital	1 073
Da Capital para o Interior	27 570
Entre diversas comarcas no Interior	69 370
Total	98 013

CAFÉ CRU INCINERADO	SACAS
Na Capital	—
No Interior e litoral	—
Total	—

CAFÉS LIBERADOS	SACAS
Melhorados por rebenef. ou catação	270
De. Lei 51	—
Total	270

RESÍDUOS DE CATAÇÃO OU REBENEF. INCINERADO			
Scs.	—	Quilos	—

CAFÉ TORRADO EM GRÃO APREENDIDO	QUILOS
Na Capital	207,0
No Interior e litoral	—
Total	207,0

CAFÉ MOÍDO APREENDIDO	QUILOS
Na Capital	2,0
No Interior e litoral	41,7
Total	43,7

CAFÉ TORRADO EM GRÃO INCINERADO	QUILOS
Na Capital	—
No Interior e litoral	—
Total	—

CAFÉ MOÍDO INCINERADO	QUILOS
Na Capital	—
No Interior e litoral	60,5
Total	60,5

Diversos

BOLETIM da Câmara de Reajustamento Econômico

JURISPRUDÊNCIA

VALOR MÉDIO DA AVALIAÇÃO — Como deve ser entendido. — Fixação de patrimônio para fins de empréstimo. — Condominios de propriedade rural, explorada para fins de lucro, administrando um, por conta sua e dos demais — então abrangidos pelos benefícios da concordata agrária, instituida pelo decreto-lei numero 1.888.

DECISÃO

Proc. 2.164 — Não se conformando com a decisão de fls. 90-91, o credor hipotecário Felício Buzaid impetrou reconsideração, em tempo útil, fls. 96, 133 e 145).

Dois são os pontos que fere:

1.º) — entende que a concessão do reajuste dos lavradores postulantes foi errada por isso que, nem todos êles podem ser, como foram, compreendidos na categoria de beneficiários;

2.º) — acha que o valor do patrimônio imobiliário, adotado na decisão recorrida, ficou aquem da realidade, devendo, em caso de provimento do recurso, ser substituido pelo de Cr$ 40 000,00.

Isto posto:

Atendendo a que o processo, bem instruido, está em termos de decisão;

Atendendo a que a primeira articulação do recorrente carece de apôio, de vez que, sendo os deprecantes de rajuste compulsório condominios da propriedade rural, explorada com fins de lucro, administrando um, por conta sua e dos demais, — estão abrangidos pelo benefício da concordata agrária instituida pelo decreto-lei n.º 1.888;

Atendendo a que, ademais, não é exato — como se afirma a fls. 145-146 — haja o decreto-lei n.º 6.674, modificado de qualquer maneira os elementos integrantes do conceito de "agricultor", para fins de aplicação das medidas de proteção à lavoura;

Atendendo a que, quanto ao caso da fixação do valor do patrimônio dos postulantes para fins de empréstimo, deve, em face do documento de fls. 156 — e adotado o mesmo critério "de media" acolhido na decisão recorrida — ser elevado para Cr$ 31 200,00 (Cr$ 12 400,00 — valor da 2.ª avaliação — Cr$ 50 000,00 — valor global em 1939, consoante documento de fls. 156), o que permite empréstimo de Cr$ 23 400,00.

Dou, em parte, provimento ao recurso interposto, para fixar em Cr$ 31 200,00 o valor do ativo partilhável, autorizando o Banco do Brasil a presidir a operação do mútuo hipotecário, de Cr$ 31 200,00, entre Felício Buzaid e os lavradores postulantes.

Quanto ao mais, ratifico a decisão de fls. 90-91.

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1944. **Sergio de Oliveira** — Presidente — Relator, **Reginaldo Nunes, Ernesto Rangel.**

AVALIAÇÃO — JUROS — A avaliação determinada pela Câmara de Reajustamento é sempre definitiva e qualquer outro valor, ainda que seja o global, não prevalece contra ela, desde que lhe seja superior. O credor hipotecário não pode pretender juros posteriores a 15. 12. 39 a não ser dentro das forças de sua garantia.

DECISÃO

Proc. 1.523 — O Banco do Estado de São Paulo, o Bank of London &South America Limited e o próprio devedor requerente não se conformararam com a decisão de fls. 702-714, pelas razões que seguem:

a) — o Banco do Estado de São Paulo pleiteia a contagem de juros para o seu crédito hipotecário até à data dá lavratura da escritura;

b) — o Bank of London reclama:

1.º) — o direito de concorrer quirografáriamente pelos juros posteriores a 15-12-39 não cobertos pela sua garantia hipotecária;

2.º) — retificação do valor do prédio sito à Av. Paulista n.º 1.098, para Cr$ 1 130 000,00, o qual, por estar sujeiro à vínculo, teria

o seu valor computado na base de 25 % daquela estimativa, ou sejam Cr$ 282 500,00.

3.º) — majoração do valor do imóvel "São José", que a decisão recorrida fixou em Cr$ 3 483 050,00 para o de sua estimativa, que é de Cr$ 9 000 000,00 ;

c) — o devedor requerente pleiteia :

1.º) — que o valor do imóvel "São José" seja reduzida para Cr$ 770 000,00 valor venal que prevaleceu para o lançamento do imposto territorial ;

2.º) — que o saldo credor em dinheiro existente em mãos do depositário judicial, em 15-12-39, seja retificado, de Cr$ 806 950,70 para Cr$ 634 507 50.

* * *

Postos por essa fórma os objetivos do recurso, passamos a apreciá-los.

O Banco do Estado de São Paulo tem direito aos juros, de seu crédito hipotecário, que defluirem a partir de 15-12-39, até onde for a fôrça de sua garantia. Aliás, isso mesmo já estava reconhecido no parecer da Secretaria, de fls. 698.

A pretensão do Bank of London de concorrer quirográficamente pelos juros que defluirem a partir de 15-12-39 não procede, porque a sua garantia não os cobre e, não os cobrindo, não pode o credor pretender entrar em concurso com os credores quirografários por acréscimos posteriores à data da lei.

É procedênte, porém, a retificação pelo mesmo Bank of London, pleiteada quanto ao valor do prédio sito à Av. Paulista n.º 1.098, devendo, portanto, o requerente entrar para a massa com a cifra de Cr$ 282 500 00

Na parte, porém, em que o Bank of London suscita a majoração do valor do imóvel "São José", não merece acolhida o pedido para se aplicar o valor que êle lhe dá de...... Cr$ 9 000 000 00. Isto porque a avaliação determinada pela Câmara é sempre definitiva e qualquer outro valor, ainda que seja o global não prevalece contra ela desde que lhe seja superior. Aliás, isto já foi decidido em vários processos, entre os quais citaremos os de ns. 2.307, 2.145, 1.927 e 3 176.

Quanto às pretenções do devedor requerente, procedem na parte em que pede retificação do saldo existente em poder do depositário judicial, que deve ser de Cr$ 634 507 50 ; mas não procedem no que tangem à redução do valor do imóvel "São José" para ...... Cr$ 770 000 00, valor venal que prevaleceu para o lançamento do imposto territorial, porque é ao valor global e não ao venal que a Câmara atende.

As alegações não minudenciadas acima, como sejam pagamento a credores, sonegação de bens, suspeição do laudo, etc., constituem matéria ou já apreciada pela sentença recorrida, ou não ponderosas ante a atual jurisprudência da Câmara.

Assim sendo, dou provimento ao pedido para os fins já indicados, isto é, para que se altere o ativo do devedor, demonstrado a fls. 696, na parte que se refere ao prédio da Av. Paulista n. 1.098, cujo valor passará a ser de Cr$ 1 130 000 00 proporcionando um líquido de Cr$ 228 550 00 e, na parte que diz respeito ao saldo em dinheiro existente em poder do depositário, que se reduzirá a Cr$ 634 507 50.

Quanto ao mais, mantenho a sentença recorrida.

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1944. **Sergio de Oliveira** — Presidente, **Reginaldo Nunes** — Relator, **Ernesto Rangel.**

PRAZO PARA O REAJUSTE VOLUNTÁRIO — É êle improrrogável, contínuo e peremptório, consoante jurisprudência uniforme e copiosa da Câmara de Reajustamento Econômico.

RELATÓRIO

Proc. 4.455 — Maximiliano Zacarelli & Filhos, de Bebedouro, Estado de São Paulo, pela petição de fls. 21, onde alegam ter fracassado o ajuste **voluntário** proposto perante o Banco do Brasil, pleitearam o reajuste **compulsório** perante a Câmara.

Como é da lei, o pedido à câmara foi feito após o transcurso do prazo de 40 dias fixado para o ajuste **voluntário**, prazo êsse que, conforme se verifica dos avisos de fls. 14, terminou no dia 17 de Agôsto último.

Dentro dos 30 dias que se seguiram, isto é, a 16 de Setembro seguinte, é que os devedores pediram à Câmara o reajuste **compulsório.**

Sucede, que, posteriormente, pela petição de fls. 23, confirmada pela de fls. 32 — vêm os devedores declarar à Câmara que o pedido de reajuste **compulsório** fica sem efeito — por isso que, os seus credores, afinal, entraram em acôrdo, tornando-se assim viável o ajuste **voluntário** ; e, para levar a efeito êsse **ajuste,** pedem que o processo volte ao Banco do Brasil.

No que concerne à volta do processo ao Banco do Brasil a fim de processar-se o ajuste **voluntário** — é de indeferir-se o pedido.

O prazo para semelhante **ajuste** — é improrrogável, contínuo e peremptório, consoante jurisprudência uniforme e copiosa desta Câmara.

E quanto ao reajuste **compulsório** — é de homologar-se a desistência constante das petições já apontadas, até porque há nos autos prova completa de que os devedores não satisfazem a condição reclamada pelo art. 38 do Regimento. (Decreto-lei n.º 2.238, de 28 de Maio de 1940).

Rio de Janeiro, 4 de Dezembro de 1944. **Ernesto Rangel.**

ACORDÃO

Vistos, discutidos e relatados êstes autos, vindos do município de Bebedouro, Estado de São Paulo, em que são Requerentes Maximimiliano Zacarelli & Filhos, acordam os Juizes da Câmara de Reajustamento Econômico, por votação unânime, em indeferir o pedido, nos têrmos e pelos motivos expostos no Relatório de fls, 35. Sala das sessões, da Câmara de Reajustamento Econômico — Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1944. — **Sergio de Oliveira** — Presidente, **Ernesto Rangel** — Relator, **Reginaldo Nunes.**

BEM EM ESTADO DE COMUNHÃO — Depósito do valor do empréstimo, venda da garantia, mediante concorrência, com partilha do produto pelos credores. — Dação in solutum pelos credores habilitados na ausência de propostas, como soluções naturais, pela circunstancia de se achar o bem, objeto da garantia, em estado de comunhão.

DESPACHO

Proc. 566 — Em face da informação prestada pelo Banco do Brasil à fls. 193 notifique-se o Requerente a depositar naquele mesmo Banco o valor do empréstimo de Cr$ .... 140 000 000, ou, se assim não preferir, cumpre autorizar a venda da garantia, mediante concorrência a ser feita pelo mencionado Banco, partilhado o produto pelos credores e assegurada ao mesmo requerente preferência sôbre o maior lance.

Na ausência de propostas, dever-se-á, então, proceder à dação **in solutum** pelos credores habilitados, de conformidade com a decisão de fls. 176.

Essa é a solução natural para a hipótese, considerando que a Câmara tem admitido como causa que justifique a recusa do empréstimo por parte do Banco do Brasil em letras hipotecárias, a circunstância de se achar o bem objeto da garantia em estado de comunhão. Prazo de 20 dias sob pena do art. 66 do Regimento.

Rio de Janeiro, 4 de Dezembro de 1944. **Ernesto Rangel.**

SITUAÇÃO DE INSOLVÊNCIA — Condição prevista pelo art. 1.º, do Decreto-lei n.º 1.888, de 15 de Dezembro de 1939. — Inadmissibilidade pretendida de volta do processo à sua primitiva fase.

RELATÓRIO

Proc. 2.564 — João da Cruz Oliveira e outros na qualidade de sucessores do finado Manoel Alves de Souza, por via da petição de fls. 26, recorrem do acórdão de fls. 23, que indeferiu, liminarmente, o pedido de reajuste compulsório, interposto pelas Recorrentes às fls. 18, visto não se encontrar na situação de insolvência, prevista no art. 1.º **in fine**, do Decreto-lei n.º 1.888, de 15 de Dezembro de 1939.

Alegam, contudo, os Recorrentes, em suas razões de recurso, que, publicados os avisos de fls. 12-13 e dando, assim, o Banco do Brasil início ao processo de ajuste voluntário, a tal apêlo acudiu o único credor arrolado pelo Proponente, anuindo no empréstimo a ser efetuado pelo referido Banco do Brasil, conforme se verifica da petição de fls. 11. Nestas condições, concluem que a remessa do processo a esta Câmara se deu inadvertidamente, quando, no caso, não seria de se admitir o reajuste compulsório.

Si na verdade consta de fls. 11 uma declaração do credor Arthur Alves Mascarenhas anuindo em efetuar a liquidação de seu crédito nos termos da proposta apresentada ao Banco do Brasil, não menos certo é que os ora Recorrentes, na qualidade de sucessores do Devedor, recorreram a esta Câmara no sentido de lhe ser concedido o reajuste compulsório, conforme se vê da petição de fls. 18.

Prevendo, assim, a competência desta Câmara para conhecer do pedido, muito acertadamente decidiu o acórdão de fls. 23 quando indeferiu o reajuste, pelo fato de se não enquadrar a situação econômica do Devedor no que dispõe o art. 1.º do Decreto-lei n.º 1.888, de 15-12-39, e art. 38, do Decreto-lei n.º 2.238, de 28-5-40.

Assim sendo, não seria mais possível, nesta altura, admitir-se a contraditória situa-

ção em que se colocaram os Recorrentes quando, retratando-se do pedido de reajuste compulsório que interpuzeram, pretendem que o processo volte à sua primitiva fase, por cuja conclusão deveriam ter zelado os Recorrentes, si tivesse sido mesmo do intuito dos interessados efetivarem o ajuste voluntário.

Nestas condições, nego provimento ao recurso para, confirmando a decisão recorrida, mandar arquivar o processo.

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1944. **Ernesto Rangel.**

ACORDÃO

Vistos, discutidos e relatados êstes autos, vindo do município de Ilhéos, Estado da Bahia, em que é Requerente Manoel Alves de Souza, acordam os Juizes da Câmara de Reajustamento Econômico, por votação unanime em negar provimento ao recurso, nos termos e pelos motivos expostos no Relatório de fls. 30-31.

Sala das sessões da Câmara de Reajustamento Econômico — Rio de Janeiro, 18 de Outubro de 1944. **Sergio de Oliveira** — Presidente, **Ernesto Rangel** — Relator, **Reginaldo Nunes.**

PARECERES

SECRETARIA GERAL DA CÂMARA DE REAJUSTAMENTO ECONÔMICO

MÚTUO HIPOTECÁRIO — Sua natureza. — Exercício da atividade agrícola por conta própria e fins de lucro. — O benefício da lei atinge, amplamente, aos titulares da agricultura, sejam pessoalmente os administradores da exploração ou se façam representar por prepostos seus. — Critério de auto-limitação de competência da Câmara. — Como entendê-lo. — Campo neutro para aferição de valores, surgido da divergência entre os proponentes, seus credores e o Banco do Brasil. — Novo limite para avaliações.

I — A. B. e sua mulher, credores de C. D. e outros, beneficiados pela decisão desta Câmara de fls., que concedeu reajustamento na forma dos Decreto-leis ns. 1.888 e 2.238, veem recorrer da mesma decisão, pedindo, ex-vi do art. 62 do Regimento que a Câmara a reconsidere.

Duas são as razões dos recorrentes contra o deferimento do pedido :

1.ª — que não sendo agricultores todos os condomínios do imóvel não lhes deve ser concedido o benefício da concordata agrária. ;

2.ª — que o valor da propriedade dos requerentes não é o da avaliação, e nem mesmo o adotado pela decisão recorrida, devendo ser fixado em Cr$ 40 000 00, base que deve ser considerad a na hipótese de deferimento do pedido.

II — A alegação dos recorrentes sôbre a falta de qualidade dos proponentes não tem, ao nosso ver, procedência. E não tem porque o benefício da lei atinge amplamente aos titulares da agricultura, sejam pessoalmente os administradores da exploração, ou se façam representar por prepostos seus.

Na hipótese dos autos o que se verifica é que os irmãos D. são condomínios de imóvel agrícola, administrado por um dêles, de nome C. As obrigações assumidas pelos demais, incluem-se igualmente no regime da lei, extensivo, aos que "por conta própria e com fins de lucro" (é a letra do Decreto) exerçam atividades agrícolas.

III — A segunda alegação envolve assunto de maior complexidade e mais demorado tratamento. É, que no problema da avaliação dos bens do agricultor está o próprio fundamento da competência desta Câmara nos processos de empréstimo em letras hipotecárias. Da divergência entre os proponentes, seus credores e o Banco do Brasil quanto à estimativa das garantias oferecidas, é que surgiu a necessidade do "campo neutro" para aferição dêsses valores, estranho aos interêsses em conflito, que é a Câmara de Reajustamento. E cresce de vulto a importância do assunto, — ante os termos do recentíssimo Decreto-lei n.º 6.674, que dispõe sôbre um novo limite para as avaliações — "o adotado nas repartições estaduais para cobrança do Imposto Territorial". — Antes dêsse Decreto-lei os empréstimos poderiam ser fixados por um dos critérios abaixo discriminados :

— a estimativa do Banco do Brasil (arts. 52 e 58 do Regimento).

— o valor da segunda avaliação (art. 54 do Regimento).

— a estimativa do credor impugnamente que com **próva documental justifique** ser o valor da

propriedade superior ao da segunda avaliação. (art. 55 do Regimento e seus parágrafos).

O novo diploma estabeleceu apenas em seu art. 3.º uma limitação a essas formas de fixação de valor: "o adotado nas repartições estaduais para cobrança do Imposto Territorial em 1939". Não houve, porém, qualquer diminuição do arbítrio da Câmara, afóra essa expressa limitação quanto ao valor dos imóveis. Claro está, portanto, que pode a Câmara valer-se da faculdade que tem de mandar realizar o emprestimo de acôrdo com a estimativa de credor que prove ter a garantia valor superior ao das avaliações procedidas.

Aplicando um Decreto-lei que traçou limites ao seu arbítrio no sistema de desendividamente dos lavradores, deve a Câmara ter bem presente os dispositivos legais de sua competência, não ultrapassando-os, nem restringindo essa competência a uma área menor da que lhe deu o legislador.

Discordamos, **data vênia,** de qualquer critério que represente auto-limitação de competência da Câmara que se não coaduna nem com a letra nem com o espírito da lei.

Si o credor demonstra à Câmara que a segunda avaliação atribuiu valor menor do que o real **na data da lei,** não vemos porque deixar sem aplicação o disposto no art. 55 do Regimento que, até o presente, ainda não foi utilizado pela Câmara.

Bem examinando a prova dêstes autos, chegamos à conclusão de que ao caso deve ser aplicado o citado inciso de lei, pelos motivos a seguir descriminados :

a) Não há nos autos prova de que o valor de Cr$ 15 000 00 tivesse sido adotado pela repartição estadual para lançamento do imposto territorial da fazenda (....) e sim que tal valor foi declarado em 1.º de Janeiro de 1944 pelo primeiro preponente (doc. de fls..), o que demonstra a inexistência de lançamento para o exercício de 1939;

b) No documento de fls., se vê que o valor venal atribuido pela Coletoria Estadual, ao mesmo imóvel para o lançamento da Taxa da Conservação de Estradas, no exercício de 1939, foi de Cr$ 39 000 00;

c) Os documentos são impressionantes quanto ao preço do algodão e arroz, mesmo no ano de 1939, demonstrando a capacidade de pagamento dos proponentes, perfeitamente à altura de cumprir um empréstimo na base do real valor do imóvel.

d) O contador do Juizo fixou o montante da única dívida arrolada nêstes autos de ... Cr$ 59 706 66 em 1937, suficiente para que os devedores estejam incluidos no regime da lei, mesmo atribuído ao seu imóvel o valor de Cr$ 39 000 00.

Pelo visto, nosso parecer é pelo provimento do recurso, aceito o valor de Cr$ 39 000 00 para o imóvel, ex-vi do disposto no art. 55, § 3.º do Regimento, e assim mandado lavrar o mútuo hipotecário com os recorrentes, na fórma da decisão de fls.

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1944. **Péricles Madureira de Pinho** — Secretário Geral.

Os pareceres e informações, nos processos, não constituem jurisprudência da Câmara.

SESSÕES DO MÊS

SESSÃO DE 4 DE DEZEMBRO DE 1944

(Diário Oficial de 4-12-44)

PROCESSO N.º 1.929

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — Heitor Alves Gomes — Taquaritinga — Estado de São Paulo.

Decisão — Ratificado e homologado o pagamento efetuado ao credor Carmelo Pagliuso, e liberado inteiramente o devedor, não só dos débitos que figuraram no concurso creditório, como de quaisquer outros porventura não habilitados, desde que anteriores a 15-12-39 e não excetuados em lei.

SESSÃO DE 6 DE DEZEMBRO DE 1944

(Diário Oficial de 6-12-44)

PROCESSO N.º 3.648

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.

Devedor — José da Costa Nunes — Agudos — Est. S. Paulo.

Decisão — Indeferido — Alteração da situação econômica do devedor.

PROCESSO N.º 4.070

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.

Devedores — Maria Ferreira do Amaral e outros — Pinhal — Est. de S. Paulo.

Decisão — Liberados compulsòriamente os devedores da obrigação de pagar quaisquer débitos, desde que constituidos anteriormente a 15-12-39, fi

cando sem efeito a proposta do Banco do Brasil por falta de objeto, autorizado o credor Afonso Ruotolo, a levantar o depósito de Cr$ 1 000 00. Ao dito credor fica assegurado, o direito de cobrar o seu crédito mediante execução da respectiva garantia, por se tratar de crédito não sujeito à lei de reajuste compulsório.

SESSÃO DE 11 DE DEZEMBRO DE 1944

(Diário Oficial de 12-12-44)

PROCESSO N.º 1.514

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — João Ribeiro de Toledo — Jaú — Estado de São Paulo.

Decisão — Ratificado e homologado o contrato hipotecário, considerando o requerente liberado, não só dos débitos que figuraram no concurso cretório, como de quaisquer outros, desde que constituidos anteriormente a 15 12-39 e não excetuados em le .

PROCESSO N.º 4.455

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedores — Maximiliano Zacarelli & Filhos — Bebedouro — Est. de S. Paulo.

Decisão — Indeferido — A situação econômica dos devedores não satisfaz às condições previstas no art. 38 do Regimento da Câmara. (Decreto-Lei n.º 2.238).

SESSÃO DE 15 DE DEZEMBRO DE 1944

(Diário Oficial de 16-12-44)

PROCESSO N.º 3.053

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Abilio Mendes de Oliveira Junior — Birigui — Est. de S. Paulo.

Decisão — Indeferido — Preponderância da atividade comercial sôbre a atividade agrícola.

SESSÃO DE 18 DE DEZEMBRO DE 1944

(Diário Oficial de 19-12-44)

PROCESSO N.º 2.540

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — Leopoldo Silva — Getulina — Estado de São Paulo.

Decisão — Indeferido — A situação econômica do devedor não satisfaz às condições previstas no artigo 38 do Regimento da Câmara.
(Decreto-Lei n.º 2.238).

PROCESSO N.º 2.962

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Francisco Rodrigues Nunes — Ibirá — Estado de São Paulo.

Decisão — Indeferido — Alteração do patrimônio do devedor.

PROCESSO N.º 4.666

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedores — Maria das Dores Gil & Filhos — Vera Cruz — Est. de São Paulo.

Decisão — Indeferido — A situação econômica dos devedores não satisfaz às condições previstas no art. 38 do Regimento da Câmara.
(Decreto-Lei n.º 2.238).

SESSÃO DE 27 DE DEZEMBRO DE 1944

(Diário Oficial de 28-12-44).

PROCESSO N.º 3.094

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — José Zirondi — Araçatuba — Est. de São Paulo.

Decisão — Arquivado — Cassada a decisão em que lhe fora concedido o reajustamento.

PROCESSO N.º 3.683 — Recurso n.º 146.
Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.

Devedor — Alexandre Corrêa de Freitas — Bocâina — Est. de São Paulo.

Decisão — Homologada a desistência.

SESSÃO DE 29 DE DEZEMBRO DE 1944

(Diário Oficial de 30-12-44)

PROCESSO N.º 1.996
Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — Natale Casadei — Dourado — Estado de São Paulo.

Decisão — Indeferido — Petição fora do prazo.

DESPACHOS

PROCESSOS EM QUE FORAM AUTORIZADOS EMPRÉSTIMOS :

N.º 1.402 — Joaquim Antônio dos Reis — Cajurú — São Paulo.

N.º 2.494 — José Antônio — Avaí — São Paulo.

N.º 2.868 — Silvio de Almeida Sampaio — São Paulo — Capital.

N.º 2.470 — Otávio Pires de Almeida e outros — Itatinga — São Paulo.

N.º 3.748 — Germano Rodrigues da Silva, espólio — Pirajui — São Paulo.

N.º 1.576 — Francisco de Paula Brandão — Jaú — São Paulo.

N.º 4.028 — Guilherme Hito (espólio) — Lins — São Paulo.

N.º 3.541 — Romeu de Oliveira Carvalho — Pinhal — São Paulo.

N.º 1.549 — Pedro Conceição Serra Negra — Botucatu — São Paulo.

N.º 2.519 — José Rodrigues dos Santos — Presidente Alves — São Paulo.

N.º 2.557 — Gomes Berriel — Avaí — São Paulo.

N.º 2.794 — Carolina de Almeida Prado Fernandes e outro — Jaú — São Paulo.

FORAM DESPACHADOS PELOS SNRS. JUIZES OS SEGUINTES PROCESSOS :

N.º 2.577 — Recurso n.º 105 — Euclides Vieira e outros — Canpinas — São Paulo.

N.º 3.632 — Alberto da Silveira Machado e outro — Ubá — Minas Gerais.

N.º 4.090 — Joaquim A. Sampaio Vidal — São Paulo — Capital.

N.º 4.585 — Gabriel Ribeiro dos Santos, espólio — São Paulo — Capital.

N.º 2.517 — Joaquim Candido Pereira — Pirajuí — São Paulo.

N.º 2.572 — Francisco Lourenção — Bernardino de Campos — São Paulo.

N.º 2.663 — Ernesto Consoni e outro — Jardinópolis — São Paulo.

N.º 2.772 — José Ramalho (espólio) — Taquaritinga — São Paulo.

N.º 3.039 — João Guzzo Filho e outros — Garça — São Paulo.

N.º 3.263 — Adolfo Ricardo de Toledo — Barretos — São Paulo.

N.º 4.022 — João de Almeida Colaço — Itapetininga — São Paulo.

N.º 4.098 — Felipe Miguel de Carvalho (espólio) — Venceslau Brás — São Paulo.

N.º 4.569 — Joaquim Ramalho & Irmãos — Taquaritinga — São Paulo.

N.º 2.600 — Sebastião Antônio de Carvalho — Casa Branca — São Paulo.

N.º 2.783 — Manoel do Espírito Santo — Mogí das Cruzes — São Paulo.

N.º 3.548 — Ernesto de Oliveira Romão — Jaú — São Paulo.

N.º 3.816 — Eufemio Fernandes Sanches — Promissão — São Paulo.

N.º 4.144 — Francisco Pena — Pirajui — São Paulo.

N.º 4.246 — Plinio Machado Cardia — Agudos — São Paulo.

N.º 4.363 — Pedro de Azeredo Coutinho — Garça — São Paulo.

N.º 4.574 — Oscar de Paula Ramos (espólio) — Limeira — São Paulo.

N.º 4.611 — Jordano da Costa Machado (espólio — São Paulo — Capital.

N.º 2.271 — Liberalino Alves de Souza — Bariri — São Paulo.

N.º 3.117 — José Rebouças de Carvalho — Birigui — São Paulo.

N.º 3.871 — Pedro Ayrosa Silva — São João da Bôa Vista — São Paulo.

N.º 3.907 — Luiz Teixeira — (espólio) — Tambaú — São Paulo.

N.º 4.147 — João Miralla — Garça — São Paulo.

N.º 1.887 — Joaquim Maximo de Souza (espólio) — Bocaina — São Paulo.

N.º 2.512 — Nicolau Sanchez e outros — Itapui — São Paulo.

N.º 3.445 — Mario Franco de Godoi e outro — Lins — São Paulo.

N.º 4.467 — Pedro de Melo (espólio) — São Paulo — Capital

N.º 2.077 — Oscar Corrêa de Morais — Jaú — São Paulo.

N.º 2.633 — Joaquim Gomes dos Reis — Jau — São Paulo.

N.º 3.767 — Saturnino Arthur Santi — Promissão — São Paulo.

N.º 3.913 — Eth Aguiar Pereira — Agudos — São Paulo.

N.º 4.587 — João Batista de Melo e outro — Jaú — São Paulo.

N.º 4.652 — Alzira Alagio Nogueira — — Joanópolis — São Paulo.

N.º 419 — Elio Malavasi — Cerquilho — São Paulo.

N.º 1.620 — José Luiz Dantas — Itatinga — São Paulo.

N.º 2.303 — Samuel Anibal de Carvalho Chaves — São Paulo — Capital.

N.º 2.291 — Carlindo Nogueira Porto — Itapolis — São Paulo.

N.º 3.192 — Armando de Almeida Sales e outros — São Carlos — São Paulo.

N.º 3.232 — Recurso n.º 140 — Francisco Tenório Neto e outros — Pinhal — S. Paulo.

N. 3.905 — Mauricio Gonçalves Moreira — Cafelândia — São Paulo.

N.º 4.218 — Osvaldo Mascavo — Vargem Grande — São Paulo.

N.º 4.245 — Angela Ferraz de Barros Sampaio e outros — Ribeirão Preto — São Paulo.

N.º 4.624 — Joaquim Otavio da Silva Leme (espólio) — Lins — São Paulo.

N.º 4.633 — João Renda — Getulina — São Paulo.

N.º 4.639 — Antônio Augusto de Castro e outro — Casa Branca — São Paulo.

N.º 4.645 — Juan Moreno Peinado — Cafelândia — São Paulo.

N.º 4.653 — Leonel Mafud — São Joaquim — São Paulo.

N.º 4.650 — Henriqueta Pontedeiro Barbosa — São Paulo — Capital.

N.º 4.628 — João Inocêncio da Silva (espólio) — Viradouro — São Paulo.

N.º 4.656 — Americo Delfino de Andrade — Pirajui — São Paulo.

N.º 4.658 — Alencar da Cruz Leite — Pirajui — São Paulo.

N.º 3.870 — Amador de Paula Leite de Barros e S/m (espólio) — Jaú — São Paulo.

N.º 3.976 — Ernesto Corrêa Neto (espólio) — São Paulo — Capital.

N.º 1.898 — Emilia de Barros Toledo & Filhos — Jaú — São Paulo.

N.º 2.127 — Hilário Tomás Galvão — Santos — São Paulo.

N.º 2.283 — José Amendola da Silva — — Araraquara — São Paulo.

N.º 2.599 — Lourenço Pires Aguirra — Agudos — São Paulo.

N.º 2.668 — Dias, Suaiden & Irmão — Pirajui — São Paulo.

N.º 2.795 — José Toledo de Morais — São Paulo — Capital

N.º 3.090 — Venancio Ribeiro de Faria — Araraquara — São Paulo.

N.º 3.697 — Antônio Carniato — Avanhandava — São Paulo.

N.º 3.804 — Recurso n.º 195 — Olimpio Braga — São Paulo — Capital.

N.º 4.342 — José de Souza Ferreira (espólio) — Presidente Prudente — São Paulo.

N.º 4:655 — Jorge Elias (espólio) — Pirajui — São Paulo.

N.º 1.630 — João Caiubí de Almeida Prado — Dois Corregos — São Paulo.

N.º 2.034 — Recurso n.º 169 — Manoel Vasques Calçada — Birigui — São Paulo.

N.º 2.385 — Recurso n.º 106 — João Bernardo da Fonseca — Jaboticabal — São Paulo.

N.º 2.777 — Almerinda do Canto Almeida Prado — Jaú — São Paulo.

N.º 2.807 — Antônio Franco de Souza Aranha (espólio) — São Paulo — Capital.

N.º 2.847 — José Meira Leite — Agudos — São Paulo.

N.º 2.903 — José Pelacio de Oliveira — Matão — São Paulo.

N.º 3.987 — Cia. Agrícola Araquá S. A. — São Paulo — Capital.

N.º 3.176 — Antônio Ferraz do Prado — Jaú — São Paulo.

N.º 3.530 — João Acorsi — Santa Adelia — São Paulo.

N.º 3.783 — Salviano Pereira de Andrade — — Garça — São Paulo.

N.º 3.875 — Vitorino de Castro — Campinas — São Paulo.

N.º 3. 906 — Elias Alves Penteado — Penápolis — São Paulo.

N.º 4.189 — Inacio André Pinheiro — Lins — São Paulo.

N.º 4.689 — Ana Pereira de Carvalho — — Barirí — São Paulo.

N.º 26 — Alzira Siqueira Braga — Ribeirão Bonito — São Paulo.

N.º 1.758 — João Batista Dias do Prado e outros — Itapui — São Paulo.

N.º 4.165 — Julio Brandão e outros — Araraquara — São Paulo.

N.º 4.535 — Almeirindo Meier Gonçalves — São Paulo — Capital.

N.º 4.560 — Francisco Vieira Ribeiro — Tapiratiba — São Paulo.

N.º 4.685 — Maria Izidora de Carvalho & Filhos — Óleo — São Paulo.

N.º 4.686 — Francisco Pinheiro Chagas — Baurú — São Paulo.

N.º 2.304 — Ladislau Ribeiro Tenório — Pinhal — São Paulo.

EXPEDIENTE do MINISTÉRIO da FAZENDA

PROCESSOS DESPACHADOS PELO EXMO. SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Foram devolvidos ao Ministério da Fazenda, com informações da Câmara de Reajusmento Econômico, os seguintes requerimentos dirigidos ao Sr. Presidente da República.:

OF. 11/551 — 12/12/44 — Mario Monteiro dos Santos — Sôbre o indeferimento do processo n.° 1.577 (Decreto-lei n.° 1.888).

OF. 11/552 — 12/12/44 — D. Maria José Pereira de Faria — Sôbre o andamento do processo n.° 3.999. (Decreto-lei n. 1.888).

OF. 11/558 — 14/12/44 — Golin Irmãos — Pedindo revisão do processo número 25.260-B. (Decreto n.° 24.233).

OF. 11/566 — 15/12/44 — Emilio Carnevale — Pedindo revisão do processo número 1.160. (Decreto n.° 24.233).

OF. 11/600 — 28/12/44 — Pedro de Almeida Vieira Machado — Sôbre o processo n.° 2.570 em que é requerente Joaquim Inacio do Amaral. (Decreto-lei n.° 1.888).

OF. 11/605 — 29/12/44 — João Marques da Fonseca — Sôbre o processo número 4.771 em que é requerente Raul Rodrigues de Siqueira. (Decreto-lei n.° 1.888).

INFORMAÇÕES

OS AGRICULTORES QUE APRESENTAREM PROPOSTA DE EMPRÉSTIMO EM LETRAS HIPOTECARIAS AO BANCO DO BRASIL, PARA REQUEREREM O PROCESSO COMPULSÓRIO A ESTA CÂMARA, DEVERÃO OBSERVAR O PRAZO ESTABELECIDO NO ART. 41, § 1.°, DO REGIMENTO APROVADO PELO DECRETO-LEI N.° 2.238 DE 28-5-40, ISTO É: APRESENTAR A PETIÇÃO A RESPECTIVA AGÊNCIA DENTRO DOS 30 DIAS QUE SE SEGUIREM A FLUENCIA DO PRAZO DE 40 DIAS CONTADOS DA 1.ª PUBLICAÇÃO DO AVISO.

A INOBSERVANCIA DESSE PRAZO IMPORTA EM REJEIÇÃO LIMINAR.

A Secretaria da Câmara de Reajustamento Econômico pede aos interessados que remetam DEVIDAMENTE SELADOS, todos os documentos para juntada em processo, inclusive cartas de impugnação ou justificação de créditos.

Foi autorizada a publicação de editais em concurso de credores para apresentação de créditos e respectivos documentos no prazo de 40 dias a partir da publicação, nos seguintes processos:

Agência do Banco do Brasil em Promissão — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.° 4.365 — Aureliano Oliveira Matos — agr. em Glicério.

Agência do Banco do Brasil em Jaú — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.° 4.405 — Francisco José Verissimo — agr. em Itapui.

Agência do Banco do Brasil em Bauru — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.° 4.112 — Benedito Alves do Amaral — agr. em Marília.

LEGISLAÇÃO

DECRETO-LEI N.º 6.674 — DE 11 DE JULHO DE 1944.

Interpreta as disposições dos arts. 61 e 64 do Decreto-lei n.º 2.238, de 28 de maio de 1940, e dá outras providências.

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:

Art. 1.º A competência da Câmara de Reajustamento Econômico é privativa mesmo na apreciação dos casos das letras A, C e D do art. 64 do decreto-lei n.º 2.238, de 28 de maio de 1940, cabendo-lhe decidir sôbre a legitimidade e classificação das dívidas e obrigações, quaisquer que sejam sua origem e natureza.

Parágrafo único. As obrigações, por atos ilícitos, a que se refere a letra D do art. 64 acima aludido, são as resultantes do dólo ou da culpa aquiliana, nelas não compreendidas, para os efeitos de reajustamento, as oriundas da culpa contratual.

Art. 2.º Compete, também, à Câmara de Reajustamento Econômico apreciar e julgar a prova da profissão de agricultor, bem como a qualidade, a classificação e o valor do patrimônio e do passivo reajustados, cuja liquidação se fará nos termos do § 3.º do citado art. 64.

Art. 3.º O patrimônio e o passivo dos agricultores, para efeitos do ajuste de remissão a que se refere o decreto-lei número 1.888, de 15 de dezembro de 1939, serão considerados por sua avaliação na data do mencionado decreto-lei, observadas as condições de sua exploração e rendimento, até essa mesma data, com limitação do critério estimativo ao valor adotado nas repartições estaduais para cobrança do Imposto Territorial, ressalvado o disposto no art. 54, § 2.º do decreto-lei n.º 2.238, de 28 de Maio de 1940.

Art. 4.º Os dispositivos deste decreto-lei aplicam-se aos casos em andamento, pendentes de decisão ou execução judicial, e bem assim aos já resolvidos pela Câmara de Reajustamento, assegurado aos interessados, nesta hipótese, o direito de recorrer à mesma Câmara, no prazo de sessenta (60) dias.

Art. 5.º O presente decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 6.º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1944, 123.º da Independência e 56.º da República.

GETULIO VARGAS.
Paulo Lira.

Reproduz-se, por ter saido com incorreções.

(Do Boletim da Câmara de Reajustamento Econômico, de Dezembro de 1944 — Jurisprudência em Geral e processos relativos ao Estado de São Paulo.)

Índice da Matéria

COLABORAÇÃO: PÁG.

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS:

DIVERSOS:

FLORESTA é fator de saúde, estabilidade agrícola, riqueza e de defesa nacional.

CAFÉ
SANTOS